



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA

A DINÂMICA SOCIAL DOS PESCADORES DA ARTE XÁVEGA NA PRAIA DE MIRA

MARIA DA CONCEIÇÃO SALAZAR CANO



Coimbra
Julho de 2010

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA

MARIA DA CONCEIÇÃO SALAZAR CANO

A DINÂMICA SOCIAL DOS PESCADORES DA ARTE XÁVEGA NA PRAIA DE MIRA

Dissertação apresentada ao “Programa de Mestrado em Antropologia Social e Cultural: Conflitualidade e Mediação Cultural no Mundo Contemporâneo”, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social e Cultural.

Orientação científica: Prof^o. Doutor Fernando José Pereira Florêncio (Departamento de Ciências da Vida/FCTUC).

Co-orientação científica: Prof^o. Doutor Francisco Oneto Nunes (Departamento de Antropologia/ISCTE).

Coimbra
Julho de 2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que iluminou “o caminho das pedras”, me protegeu em todas as fases deste trabalho e permitiu a conquista de mais uma etapa em minha vida. E a todos os seres Divinos que me acompanharam nesta “batalha”, me fortalecendo para que seguisse sempre em frente.

Aos queridos professores Fernando Florêncio, Francisco Oneto Nunes e Nuno Porto pelas conversas esclarecedoras, pelo incentivo, pela compreensão e, principalmente, pela pressão necessária que impulsionou a conclusão deste trabalho; foi um prazer trabalhar e aprender com vocês.

Ao meu companheiro, Fabrício Rocha, pela paciência, dedicação e bom humor, e sobretudo, por ter enfrentado junto comigo o desafio de cruzar o Atlântico e vir em busca dos nossos sonhos.

Aos familiares e amigos que vibraram e transmitiram força e perseverança.

Aos queridos amigos pescadores da Praia de Mira que permitiram a realização deste trabalho e me acolheram com todo carinho, atenção e respeito, compartilharam os momentos íntimos de suas vidas e me ensinaram que “a arte da pesca é toda linda”, mas também muito sofrida. Às pessoas de Sr. Nelson, Paulo, Sr. Basílio, D. Fernanda, Sr. Manuel Macaca, Sr. João Manuel, Sr. Carlos, Sr. Topeira, Sr. Armindo, Sr. Euclides, Sr. João Evangelista, Sr. Manuel Maltês, Sr. Mário, Sr. Virgílio, André, Luis, Nuno, Saul, Sr. João da Iota; e aos demais pescadores da Praia de Mira que diariamente enfrentam as adversidades do mar.

A todos aqueles que colaboraram para a concretização deste trabalho, com todo o meu respeito, estima e admiração; os mais sinceros agradecimentos.

Aos pescadores da Companhia Sr. dos Afetos

“A gente da beira-mar aprende facilmente um caminho, o do mar; os outros são caminhos do acaso enquanto o mar braveja as suas fúrias de inverno” (RODRIGUES, 1959: narração).

RESUMO

O presente trabalho evidencia uma análise etnográfica acerca da dinâmica social dos pescadores da arte xávega na Praia de Mira, de modo a manifestar as mudanças e adaptações de diversas ordens que marcaram a trajetória histórica desta faina. Neste estudo de caso, desenvolvido por meio da pesquisa etnográfica, da observação participante e de entrevistas como conversas, pretende-se evidenciar a importância desta actividade económica enquanto um factor de reprodução social, apontar os aspectos tradicionais e elementos da modernidade que interagem no exercício da pesca com a xávega, bem como analisar a participação feminina em tal conjuntura, e assim compreender a continuidade desta prática na Praia de Mira.

Palavras-Chave: Arte xávega; Mudança Social; Pescadores; Praia de Mira.

ABSTRACT

The present work illustrates an ethnographic analysis about the social dynamics of the art Xávega practiced by fishermen in Praia de Mira, in order to manifest the changes and adaptations of various orders that have marked the historical trajectory of this toil. In this case study, developed through the ethnographic research, participant observation and interviews as conversations, it is intended to highlight the importance of this activity as a factor of social reproduction, pointing out traditional aspects and elements of the modernity that interact in the exercise of fishing with the Xávega as well as to analyze women's participation in such situation, and thus to understand the continuity of this practice in Praia de Mira.

Key-words: Art Xávega; Social change; Fishermen; Praia de Mira.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	08
• Linhas metodológicas na pesquisa de campo	09
• A experiência no terreno	11
Cap. 1 Pesca artesanal: manifestações socioeconómicas e culturais em transformação	17
1.1 Arte xávega: mudanças sociais numa cultura piscatória	21
1.1.1 Adaptações, mudanças e tradição: uma análise contextual	28
1.1.2 Os pormenores na prática da arte xávega na actualidade: um olhar etnográfico	36
• A embarcação	37
• O lanço	40
• A alagem e chegada da rede	43
• A lota	48
Cap. 2 A arte xávega na Praia de Mira: entre tradição e modernidade	50
2.1 A companha Sr. dos Aflitos: caracterização e aspectos socioeconómicos	53
2.2 A aprendizagem enquanto factor de reprodução social	60
Cap. 3 A arte xávega como uma estratégia de maximização dos recursos económicos	69
3.1 O papel das mulheres	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87

INTRODUÇÃO

“Para que o antropólogo compreenda a sociedade nativa, esta deve estar dentro dele e não apenas reflectida no seu caderno de notas” (Evans-Pritchard, 1999 [1972]: 82).

De acordo com os renomados estudos realizados em comunidades piscatórias litorâneas verificam-se consideráveis transformações nas relações sociais, nas manifestações culturais locais e nas actividades económicas desempenhadas pelas mesmas. Tais aspectos, são atribuídos à própria dinâmica interna impulsionada pela busca de soluções de problemas, principalmente relacionados à esfera económica, mas também devem-se às influências inerentes à modernidade. No que se refere aos contextos de pesca com a arte xávega, atesta-se um processo contínuo de mudanças ao longo de toda a sua trajectória histórica evidenciado, sobretudo, no sistema produtivo e na reprodução social dos pescadores. Dessa forma, em seu exercício na actualidade, observa-se a manutenção de determinados aspectos de tradição, bem como a presença de inovações tecnológicas adscritas que interagem com os primeiros de maneira a desenvolver uma prática socioeconómica e cultural particular.

Neste viés, Nunes (2005: 34) argumenta sobre a escassez de produções etnográficas referentes “às gentes do mar e ao seu labor” de modo a evidenciar um paradoxo devido à tradição histórica portuguesa assinalada por grandes navegações e comércio marítimo. Assim, o referido autor questiona porque “o desenvolvimento da Antropologia numa nação tipicamente marítima se tenha processado de costas voltadas para o mar?” (idem, *ibidem*). Nesta perspectiva, insere-se a relevância do presente estudo de caso, o qual baseia-se numa abordagem etnográfica acerca da dinâmica social dos pescadores da arte xávega na Praia de Mira com o propósito de verificar a importância desta actividade económica enquanto um factor de reprodução social, perceber como sustentam caracteres tradicionais e interagem com elementos da modernidade, analisar a participação feminina em tal conjuntura; e assim, compreender a continuidade desta prática na Praia de Mira.

Desse modo, no primeiro capítulo serão abordadas as mudanças sociais evidenciadas no exercício da arte xávega, as quais se manifestam nas relações sociais, na estrutura organizacional e nos procedimentos empregados em sua execução. Neste sentido, busca-se ressaltar a importância desta actividade enquanto prática socioeconómica e cultural que transformou-se ao longo de sua trajectória histórica de maneira a incorporar elementos inerentes à modernidade fundamentais para a continuidade de sua reprodução, mas ainda apresenta aspectos de tradição significativos. Ao findar deste, apresenta-se uma etnografia com o intuito de

manifestar como processa-se esta faina na actualidade. No segundo capítulo contextualiza-se a Praia e Mira, localidade onde decorreu o trabalho de campo, caracteriza-se a organização social das companhias de arte xávega, através do exemplo da companhia Sr. dos Aflitos, com o intuito de evidenciar a reprodução social dos pescadores, bem como a relação entre tradição e modernidade existente nesta prática piscatória. Já no terceiro capítulo acentua-se a participação feminina neste contexto, bem como ressalta-se a importância de sua actuação nas estratégias de maximização dos recursos económicos por meio de distintas alternativas utilizadas para contornar a aleatoriedade inerente à pesca.

Linhas metodológicas na pesquisa de terreno

Com a finalidade de analisar a dinâmica social dos pescadores da arte xávega na Praia de Mira, a pesquisa de terreno baseou-se no método da observação participante, o qual, por meio de uma “interacção social” permitiu perceber como os pescadores se relacionam e reagem às diversas conjunturas, e assim foi possível ter “acesso aos significados que (...) atribuem às situações sociais” (Burgess, 1987: 86). Dessa forma, a flexibilidade inerente à etnografia permitiu “adaptar-se as circunstâncias invulgares e inesperadas e seguir as pistas que” surgiram ao longo do processo de investigação e da permanência no terreno (Giddens, 2004: 649).

A adopção deste método e uma presença constante e, de certa maneira, prolongada no terreno proporcionou a constituição das redes de interacção com os pescadores, viabilizou uma análise acerca da conjuntura social local, das relações sociais estabelecidas e da actuação das mulheres neste contexto, e ainda permitiu a compreensão dos procedimentos e técnicas utilizadas na realização desta prática piscatória de maneira a apontar os aspectos de tradição e modernidade existentes na mesma. Burgess (1987: 100) enfatiza que o comportamento em campo deve voltar-se a “observar os acontecimentos, causando a menor disrupção possível na situação social. Neste aspecto, ganhar confiança e estabelecer relações é uma parte fundamental do envolvimento do investigador na cena social”. Foi dentro desta perspectiva que o presente estudo se desenvolveu, manifestando uma preocupação acentuada acerca da postura que deve-se ter em campo de modo a não interferir no trabalho dos pescadores nem saturá-los com perguntas em excesso, de modo a conquistar a confiança, respeitar o tempo e o espaço deles e estabelecer uma convivência salutar.

Assim, com o objectivo de colectar relatos, experiências e informações variadas utilizou-se as entrevistas como conversas, realizadas através da interacção com os pescadores na

praia (local de trabalho) durante alguma pausa na execução do trabalho ou mesmo enquanto desempenhavam alguma actividade com pouco movimento. Esta abordagem permitiu que o assunto fluísse naturalmente, por vezes, com certo direcionamento previamente definido, possibilitando a franqueza dos “informantes” em relação às suas diversas percepções. Por este facto, não utilizou-se o recurso de gravadores, em contrapartida o caderno de campo foi intensamente utilizado, não durante as entrevistas, mas ao final das mesmas de maneira a registar as temáticas discutidas e demais informações. Portanto, os relatos foram obtidos por meio de entrevistas informais ou não estruturadas como relata Zweig (cit em Burgess, 1987: 113).

“Deixei cair a ideia de um questionário ou da formulação de questões verbais formais no decurso da pesquisa; em vez disso, tive conversas casuais (...) em absoluto pé de igualdade e em amistosa comunicação. Não foram entrevistas formais, mas uma troca de ideias acerca da vida, do trabalho...”

Dessa maneira, foi possível conhecer o modo de vida dos pescadores, compreender suas dificuldades e traçar um perfil socioeconómico dos indivíduos e das relações estabelecidas.

Neste íterim o artifício do diário de campo teve a finalidade de autenticar toda e qualquer observação relevante para o desenvolvimento da pesquisa em questão, bem como reproduzir percepções a respeito da dinâmica dos pescadores, dos métodos empregados e demais comentários. Dessa maneira, a escrita deste requer muitas horas de dedicação, seja na praia após as “entrevistas” ou durante a observação dos procedimentos realizados e das interacções sociais, ou perante reflexões pertinentes, são muitos detalhes a serem descritos, lembrar minuciosamente das conversas e transcrevê-las, escrever os sentimentos dos pescadores, o clima no ambiente de trabalho, as variações de humor e todas as percepções que são apreendidas em campo. Dessa forma, foi possível descrever os indivíduos, o espaço em que estão inseridos e os acontecimentos decorrentes com o propósito de construir um panorama detalhado do contexto social e identificar temas de relevância a serem trabalhados.

Paralelamente realizou-se um levantamento bibliográfico a fim de obter material consistente capaz de fornecer uma compreensão acerca da actividade piscatória no litoral português, analisar a participação feminina em diversos contextos de pesca, bem como subsidiar os pressupostos teóricos que fundamentaram as discussões aqui abordadas. Dessa forma, a presente investigação baseou-se nas orientações de Evans-Pritchard (1999 [1972]: 79), o qual assevera: “deve dedicar um tempo suficientemente amplo ao estudo, deve estar atento em estreito contacto com o povo no seio do qual se está a trabalhar (...) e deve estudar toda a sua cultura e vida social”. Contudo, a permanência limitada no campo não permitiu a realização de

um estudo sociocultural aprofundado em sua totalidade, até porque fugiria aos objectivos estabelecidos neste trabalho e não caberia no orçamento destinado para este fim.

A experiência no terreno

A escolha do terreno deve-se ao facto de ser considerado uma das localidades onde se apresenta um número elevado de companhias de arte xávega em actividade (Nunes, 2005: 16; Souto, 2007: 117), assim, permite-se realizar uma análise sobre a relação existente entre as distintas companhias com o intuito de observar a interacção entre as mesmas e os aspectos que são análogos ou diferenciados no exercício desta faina. E ainda, tal opção está relacionada à proximidade da Praia de Mira com o Concelho de Coimbra, local onde resido, de modo a caracterizar uma estratégia de deslocamento facilitado, caso houvesse a necessidade de retornar ao campo com frequentemente.

A primeira visita foi realizada entre os dias 6 e 7 de Junho de 2009 a fim de realizar o reconhecimento da área e perceber a viabilidade do estudo que seria desenvolvido, pois nunca havia pisado nas areias desta praia. Deve-se enfatizar certa surpresa no que se refere a estrutura física da localidade, pois esperava uma “pequena vila de pescadores”, muito diferente da realidade encontrada, com cafés e restaurantes sofisticados, muitos carros a circular, sobretudo aos domingos, casas de alveranaria, algumas suntuosas destinadas à época balnear e outras mais simples onde reside a população, e uma urbanização própria da modernidade que interage com os aspectos tradicionais da vida cotidiana, como pode-se apontar as casas coloridas de madeira, as velhinhas vestidas de preto a transitarem pelas ruas, a Capela de Nossa Senhora da Conceição construída em madeira em 1843 e os poucos palheiros decrépitos que ainda restavam na praia, os quais, foram derrubados, posteriormente. Neste momento foi possível estabelecer algum contacto com pescadores reformados que dedicam-se ao artesanato, estes conseguiram reproduzir uma réplica de como um dia fora a Praia de Mira, com a miniaturização dos palheiros, ruas, estabelecimentos comerciais e alguns personagens que compunham este quadro social. Ao mostrarem a maquete, contavam histórias dos “velhos tempos”, das dificuldades económicas e profissionais, apontavam as casas e diziam a quem pertencia... desta forma foram apresentados os caminhos que futuramente seriam percorridos.

Em meados de Agosto de 2009 tentei realizar a primeira parte da pesquisa de terreno com a finalidade de perceber como ocorria o desenvolvimento da pesca com a xávega em meio a presença dos turistas e como se processava a interacção destes com os pescadores. Contudo, em

função dos custos neste período serem muito elevados devido a demanda do Verão e à inexistência de auxílio de qualquer fonte de financiamento, permaneci apenas quatro dias, o que gerou certa frustração, pois justamente quando a interacção começava a se intensificar e os mecanismos realizados na laboração desta faina tornavam-se mais familiares, tive que abandonar o terreno. No entanto, neste breve período foi possível observar o trabalho desenvolvido pelas distintas companhias de uma forma generalizada e superficial, mas que permitiu compreensão dos mecanismos de funcionamento e da organização social. Foi fundamental ainda, para estabelecer o primeiro contacto com a companhia Sr. dos Aflitos, na qual se desenvolveu todo o acompanhamento das actividades que permeiam esta faina. Nesta oportunidade, Paulo, o filho do dono da companhia, informou que a melhor época para retornar à Praia de Mira seria no mês de Setembro, pois a pesca ainda encontra-se abundante e os preços de alojamento são mais baratos; já em Outubro correria o risco de não haver actividades durante alguns dias consecutivos, os quais poderiam coincidir com o período da pesquisa. Ao término desta “temporada” foi possível estabelecer contacto com a população local visando o futuro aluguer de uma habitação adequada às necessidades da pesquisa de campo e adaptada aos recursos económicos existentes.

Devido a compromissos académicos e demais obrigações que não cabem aqui explicar, regressei à Praia de Mira em 25 de Setembro de 2009 permanecendo ininterruptamente até 27 de Outubro do mesmo ano, numa pequena residência bem estruturada e localizada no bairro Norte, onde residem os pescadores e próximo a área de actuação das companhias. Primeiramente, busquei estabelecer contacto com as diversas companhias existentes na localidade, então caminhava pela praia e abordava àqueles que se encontravam em condições mais acessíveis para estabelecer um diálogo enquanto continuavam em suas respectivas funções. Os assuntos permeavam livremente entre as experiências destes no universo da pesca, seja com a xávega ou nos arrastos e bacalhau, tempo de companhia, dificuldades, se os pais eram pescadores e se os filhos continuavam nesta actividade, dessa maneira foi possível ter uma noção de suas trajectórias, as quais se assemelham em diversos aspectos. Uns apresentavam-se mais dispostos a esta interacção, outros nem tanto; desse modo, a conversação fluía de acordo com a aceitação e disponibilidade de cada um.

Em seguida a cada conversa, afastava-me um pouco dos “entrevistados” e sentava-me na areia para fazer as devidas anotações no caderno, bem como para descrever os procedimentos realizados na faina e demais percepções. Nos primeiros dias, a solidão necessária à pesquisa de terreno era desconfortável, estar à procura de novos “informantes” a fim de estreitar as relações e me inserir neste contexto era uma busca cansativa e constante, porém

realizada com calma a fim de respeitar o tempo e o espaço destes. No entanto, as surpresas do campo sempre surgem quando menos se espera. Assim, ao retomar o contacto com a companhia Sr. dos Aflitos, surgiu logo o convite para “ir ao mar” acompanhar o lançamento da rede e, conseqüentemente maior entrosamento com a companhia. Em função do reduzido tempo destinado ao terreno, optei por acompanhar a rotina de trabalho desta equipa, bem como os mecanismos no processo produtivo e a organização social da mesma. A partir deste momento foi possível inserir-me na rotina dos pescadores e encontrar “companhia, amizade e compreensão humana” (Evans-Pritchard, 1999 [1972]: 80).

Dessarte, a interacção com estes foi bastante positiva, à princípio a presença de alguém “estranho” a acompanhá-los diariamente soava como novidade, passados alguns dias acostumaram-se e agiam com mais espontaneidade. Eles explicavam como deveriam ser realizados os procedimentos, manifestavam suas insatisfações e memórias de um passado marcado por muito esforço e dedicação para superar as dificuldades económicas, compartilhavam suas experiências, rotina entre a faina na pesca com a xávega e o labor em terra a ajudar suas senhoras na lavoura e suas intimidades e confidências a respeito das relações sociais internas à companhia, fosse nos momentos de alegria e brincadeira ou nas discussões, as quais causavam certo constrangimento por estar a presenciar momentos tão delicados, nestas ocasiões após compreender o motivo da polémica, procurava me afastar um pouco para dar mais liberdade a eles, mas não pareciam se incomodar e agiam com naturalidade; quando pronunciavam palavrões em minha frente, pediam desculpas e afirmavam que esse era o jeito deles.

Deve-se ressaltar, que este período representa o final da safra, desse modo, as discussões eram intensas e constantes devido à insatisfação com os fracos resultados da pesca; os dias consecutivos sem irem ao mar por causa das condições marítimas, ventos e correnteza fortes, impediam a faina e aumentavam a tensão vivenciada no momento. Apesar de ter presenciado alguns dias seguidos em que não houve actividade piscatória, os quais foram preenchidos com leituras, actualização do diário de campo, transferência dos dados para o computador e caminhadas pela praia a fim de encontrar algum pescador para estabelecer contacto e adquirir mais informações; este período foi fundamental para perceber como se processam as relações sociais, a organização das companhias e as actividades ao findar um ciclo de produção.

No regresso ao terreno em Maio de 2010, mais especificamente entre 30 de Abril e 14 de Maio, percebeu-se que outra atmosfera permeava as relações, esta estação representa o

início da safra; segundo informações, nestes meses a pesca encontra-se mais abundante e o resultado desta reflecte directamente no ânimo dos pescadores. Neste momento foi possível estabelecer novos contactos dentro da mesma companhia, aprofundar algumas relações, esclarecer dúvidas, complementar o arquivo visual, bem como permitiu realizar uma análise comparativa sobre a dinâmica nos distintos períodos produtivos. Nesta temporada, convém acentuar o contacto realizado com a única mulher da companhia, o qual não foi possível anteriormente em função desta ocupar um estatuto privilegiado dentro da companhia e apresentar relações pouco harmoniosas com os demais integrantes, de maneira que estes aconselhavam manter certo distanciamento, e para não prejudicar o desenvolvimento deste estudo, pois qualquer atrito poderia ser fatal para a continuidade do mesmo, esperei surgir naturalmente a melhor oportunidade.

A entrevista foi impulsionada da seguinte forma: o dono da companhia, Sr. Nelson, ofereceu-me um saco de carapau e perguntou se eu gostaria de grelhar no armazém da companhia, acrescentou que D. Fernanda, a única mulher da equipa, estava lá e poderíamos comer o peixe e beber vinho. Assim, dirigi-me ao armazém e fui muito bem recebida por D. Fernanda, ajudei-a a tratar o peixe e preparar a grelha, comemos e bebemos vinho, conforme nos ordenou Sr. Nelson, conversamos muito: ela fez um relato sobre sua trajetória e vida íntima, lembrou dos tempos de infância, apresentou sua percepção sobre a pesca e manifestou ter domínio e conhecimento acerca de vários aspectos que envolvem esta faina. Assim, compartilhamos um momento bastante enriquecedor e uma agradável interacção.

Antes de conseguir estabelecer contacto com D. Fernanda, cheguei a cogitar a possibilidade de entrevistar uma senhora de outra equipa a fim de obter a percepção feminina sobre a pesca, inclusive um dos pescadores sugeriu sua vizinha. Entretanto, constatei, através de alguns exemplos decorrentes, que se tivesse buscado informações ou entrosamento em outras companhias, “as portas” da Sr. dos Aflitos teriam se fechado para mim. Por outro lado, foi afirmado por integrantes desta, que eu não conseguiria desenvolver um estudo desse modo (observação participante) nas demais companhias, pois não haveria a mesma aceitação.

Diante das experiências vivenciadas no terreno, certifiquei-me de que, provavelmente, em Agosto seria complicado estabelecer uma conversação aprofundada ou estreitar relações tanto com os pescadores enquanto indivíduos como com a equipa de uma forma geral, pois a dinâmica de trabalho é mais intensa e há muita confusão devido a presença maciça dos turistas, pois todos querem ter contacto com os pescadores e saber algo sobre a pesca ou manifestar suas opiniões acerca de algum procedimento ou sobre o tamanho das espécies ou

ainda a respeito da organização interna das companhas de maneira a dificultar a realização de conversas prolongadas e o registo visual. Já entre Setembro e Outubro, em função da quantidade de lanços ser menor, os procedimentos são realizados calmamente, então permite-se efectuar uma abordagem mais tranquila sem interferências. Enfatiza-se ainda, que os encontros na lota nos dias de “mau tempo” possibilitaram observar a interacção entre os integrantes das distintas companhas enquanto aguardavam a decisão dos patrões sobre haver ou não algum lanço, bem como foi possível perceber em suas conversas, o sentimento de insatisfação generalizado, as reclamações análogas que evidenciaram uma situação socioeconómica recíproca e não específica de uma única equipa. Em Maio, como o mar estava mais generoso e o número de lanços era maior, a dinâmica de trabalho era mais intensa deixando pouco tempo para conversas mais profundas, porém suficiente para o esclarecimento de dúvidas; e pelo facto de ter saído alguns pescadores desta companha ao findar a safra passada e ter entrado outros no início deste ciclo, percebi empiricamente como se processa o recrutamento, as relações entre os antigos integrantes e os novos, a transferência de funções e conhecimento, bem como a organização da equipa.

Ressalta-se ainda a preocupação que os pescadores manifestavam pela minha segurança e bem-estar de maneira a acentuar a sensação de acolhimento e protecção, nas palavras de Sr. Nelson “é assim, como se fosse uma pessoa da família”. Estavam sempre a oferecer peixe, boleia até a lota, pois o barco se encontrava bem afastado; ordenavam para me abrigar do vento atrás dos montes de corda durante a tracção da rede, atrás do tractor na selecção do pescado ou dentro deste para me proteger das fortes chuvas; quando estava frio e eu chegava à praia pela manhã, diziam para ficar em casa na “caminha”, pois ainda era cedo. Neste aspecto, convém enfatizar que, por mais que eu explicasse a intenção da observação participante, os objectivos deste trabalho e a estadia no terreno, alguns não compreendiam perfeitamente, intrigavam-se com o facto de uma jovem senhora se apresentar sozinha, “não tem ninguém por si?”, indagavam. Às vezes perguntavam se as férias tinham acabado ao saberem que o regresso a Coimbra se aproximava, outras afirmavam que queriam ter a mesma vida. Contudo, tal questionamento é perfeitamente compreensível se levar em consideração suas realidades, para eles a vida é dura, e já fora muito mais em tempos passados; e “trabalho”, em suas concepções, está relacionado às actividades braçais e ao desgaste físico.

Quanto às dificuldades encontradas, destaca-se, em primeiro, a compreensão dos sotaques, apesar do idioma ser o mesmo, por vezes a comunicação era confusa, perguntava-se uma coisa e respondia-se outra, numa relação de reciprocidade. No entanto, tal aspecto não representou um agravante nem prejudicou o andamento do trabalho, apenas prolongou mais as

conversas e aumentou as explicações para que ambos se fizessem entender. Ressalta-se ainda o desencontro de informações no que se refere às medidas dos apetrechos de pesca, datas representativas e informações sobre o significado dos símbolos tradicionais localizados na embarcação, pois nem todos sabiam explicar, todavia também não representou grandes entraves até encontrar quem soubesse explicar com detalhes cada questão apontada.

Em função da pesca, de uma forma geral, ser considerada uma actividade predominantemente masculina, a princípio, gerou uma preocupação considerável antes da chegada ao terreno pelo facto de ser mulher e estrangeira. Não imaginava como seria a aceitação dos pescadores, o sentimento de insegurança fundamentava-se nos relatos de outras estudosas da área que manifestavam suas experiências e dificuldades em contextos piscatórios, por vezes não conseguiam obter um domínio de todas as actividades desenvolvidas devido alguns grupos não permitirem a presença de mulheres dentro dos barcos. Entretanto, com base na experiência vivenciada junto aos pescadores da arte xávega na Praia de Mira desmistifica-se a ideia desse “preconceito” em relação à inserção feminina na pesca com a xávega ou mesmo no barco na ida ao mar para realização do lanço, visto que os mesmos não apresentaram qualquer empecilho ao desenvolvimento do estudo em questão, mostrando-se sempre muito gentis, prestativos e atenciosos tanto no que se refere ao acompanhamento dos procedimentos executados na faina quanto à presença constante em campo junto a eles a conversar, observar e registar as diversas etapas realizadas e acontecimentos decorrentes. Desse modo, desenvolveu-se a pesquisa de terreno, elaborou-se a análise etnográfica e obteve-se as considerações que serão apresentadas ao longo deste trabalho.

1. Pesca artesanal: manifestações socioeconómicas e culturais em transformação

“A marcha da história da cultura está para além da vontade do homem, visto que ela segue as suas leis próprias independentemente dos indivíduos” (Dias, 1984: 19).

O presente capítulo busca, em primeiro, analisar as transformações em determinadas actividades piscatórias artesanais que se manifestam nas dinâmicas sociais, nos costumes, nas técnicas empregadas e na interacção dos pescadores com seus semelhantes e com o ambiente natural. Num segundo momento focar-se-á as mudanças decorrentes na arte xávega evidenciadas tanto no campo técnico quanto no social, de modo a salientar sua importância enquanto actividade socioeconómica e cultural que teve sua origem em contextos tradicionais, e com o passar do tempo, incorporou em seus procedimentos as inovações tecnológicas permitindo a sua continuidade no litoral central português com as devidas adaptações e mudanças inerentes à modernidade. Finalmente, apresentar-se-á uma análise etnográfica acerca dos métodos e técnicas utilizadas nesta faina, de maneira a caracterizar sua prática na actualidade.

Neste sentido, a pesca representa uma das mais antigas formas de subsistência praticada pelo homem. Além de consistir numa das principais actividades económicas das regiões litorâneas, insulares, fluviais e lacustres; manifesta práticas culturais e simbólicas evidenciadas nas distintas técnicas desenvolvidas em conformidade com cada contexto sócio ambiental através da interacção das populações habitantes dessas zonas com o universo haliêutico¹. A referida faina caracteriza-se como uma actividade económica baseada nos conhecimentos transmitidos no decorrer das sucessivas gerações e adquiridos pela observação, prática e convívio com sujeitos mais velhos e experientes, de forma a apresentar aspectos socioeconómicos e culturais. Assim, é possível compreender o comportamento das espécies capturadas, a época de sua reprodução e a concentração dos cardumes, bem como a influência dos fenómenos naturais, como por exemplo, a variação dos ventos, das condições marítimas e os ciclos lunares que indicam conjunturas favoráveis ou desfavoráveis à pesca e as situações de perigo no mar. Conforme Giddens (2004: 29), por meio desta interacção, os indivíduos aprendem “normas, valores e crenças que constituem os padrões da sua cultura”. Portanto, os pescadores ingressam nesta actividade, geralmente, influenciados pelos antepassados, adquirem e empregam estes conhecimentos, e obtém na pesca sua principal fonte de subsistência.

¹ Segundo Maldonado (cit em Torres, 2004: 37), refere-se aos diversos recursos aquáticos (rios, lagos, açudes, manguezais, áreas úmidas, etc.) nos quais desenvolvem-se a pesca e as relações sociais, embora possam utilizar distintas tecnologias.

Em conformidade com Diegues (2004a: 12), a pesca artesanal caracteriza-se pela simplicidade tecnológica, utilização de técnicas com impacto limitado e pelo manejo do ecossistema com respeito ao ciclo reprodutivo das espécies e seus processos migratórios de forma a evitar o esgotamento destas e permitir a elaboração de um calendário de trabalho sazonal baseado nos fenómenos da natureza. Amorin (2003: 358) assevera:

“caracteriza-se, resumidamente, pelo predomínio de embarcações de pequeno calado, trabalhando até, aproximadamente, às 6 milhas da costa, utilizando mão-de-obra e capitais extensivos, recorrendo frequentemente a mulheres com desempenhos sociais significativos; num regime de trabalho muitas vezes de carácter parcial, remunerado por fórmulas tradicionais, frequentemente sem registo escrito, tantas vezes pautado por uma retribuição insuficiente que obriga a outras actividades, quer na agricultura, quer na pesca de carácter industrial, quer no comércio, quer ainda pressionando ou reavivando sectores de pesca fluvial já abandonados”.

Conforme Moreira (1987: 14) as comunidades piscatórias “são dotadas de relativa coesão” e partilham um estilo de vida próprio fundamentado na incerteza, na competitividade e nos laços de afinidade com os locais de origem, onde se inicia na profissão e adquire-se conhecimentos, assim são “relativamente bem identificadas”. Segundo Torres (2004: 57) sustentam-se, sobretudo da captura de peixes e demais espécies aquáticas, e produzem uma “organização social e práticas culturais associadas à pesca”. De acordo com Furtado e Nascimento (2002: 25), enquanto organização social possuem uma lógica própria construída que recebe influência de factores socioculturais, ambientais e étnicos de forma a atribuir-lhes aspectos peculiares, os quais se manifestam nas actividades desenvolvidas e nas relações sociais, assim como contribuem para a continuidade dos costumes e estimulam as mudanças internas. Moreira (1987: 338) acentua a “condição social e cultural” presente neste contexto, e complementa que, dessa forma os pescadores instituem “o seu sistema social numa interacção entre homogeneidade cultural e diversidade social, entre antagonismo e afinidade”.

Segundo Diegues (2004a: 29) a diversidade económica que sustentava tais populações costumava integrar-se à sustentabilidade da natureza, porém, com o decorrer dos tempos e o crescimento da produção mercantil os pescadores das artes² ditas tradicionais tornaram-se dependentes dos bens industriais; de modo a provocar transformações nas técnicas de produção, nos hábitos e valores, na relação com o ambiente e na utilização dos espaços e recursos naturais. Consoante à Furtado e Nascimento (2002: 26) as mudanças ocorridas no contexto económico, político e cultural reflectem na dinâmica social interna das comunidades

² Artes de pesca são os instrumentos empregados na actividade piscatória. De acordo com Moreira (1987: 417) “representam, em geral, um ajustamento cultural ao meio, quer as espécies específicas, quer, sobretudo, às flutuações de recursos e correspondentes períodos de abundância ou escassez”.

piscatórias e evidencia-se na “escassez dos meios de subsistência, no abandono de técnicas tradicionais, na desorganização do espaço de moradia, na deterioração das condições básicas de vida, saúde e educação, na migração campo cidade e no papel da mulher”. Para exemplificar melhor tal situação, convém apresentar alguns casos em que as transformações põem em risco a continuidade de práticas tradicionais de subsistência e a própria reprodução social dos pescadores.

Neste sentido, ressalta-se o processo intenso de mudanças socioeconómicas e ambientais na colecta de caranguejos realizada em Vitória (Espírito Santo/Brasil) desde a década de 1980. A referida actividade, a qual está classificada entre as pescas artesanais, foi marcada pelo desenvolvimento e transmissão dos conhecimentos sobre as técnicas utilizadas ao longo das gerações e pela influência das fases da lua e dos ventos nas marés e no manguezal³ que determinam a reprodução e o comportamento das espécies e estabelecem forte ligação entre o ciclo dos caranguejos e o ritmo de vida dos caranguejeiros⁴ manifestando a cultura local e as estratégias de sobrevivência da população envolvida (Nunes, 1998: 79). Nunes (idem: 92, destaque do autor) aponta alterações na reprodução social e cultural devido a introdução de uma nova técnica de colecta, chamada redinha, a qual, por representar um uso mais facilitado e uma maior produtividade que as “*técnicas tradicionais*”, permitiu a entrada de um número mais elevado de pessoas na captura dos caranguejos. Porém, esta técnica apresenta acentuados impactos ambientais devido a forma predatória como vem sendo praticada de maneira a acarretar a diminuição da quantidade e do tamanho das espécies, o aumento da concorrência e, conseqüentemente uma desvalorização do preço no mercado; de modo a impulsionar os caranguejeiros mais antigos a abandonarem esta prática e buscarem outros mercados de trabalho, e aqueles que continuam na actividade, passaram a adoptar a redinha por uma questão de sobrevivência, agravando ainda mais a situação (idem: 95).

Neste sentido, os pressupostos estabelecidos por Eisenstadt (1991: 272, destaque do autor) reforçam que as tendências podem se intensificar com uma inovação aceite tornando-se “rotinizada, *esvaziada*, e afastada do seu ímpeto original”, de maneira a provocar o desinteresse daqueles que contribuem para a sua continuação. Todavia, os próprios criadores das inovações culturais podem “temer a difusão desse espírito de livre criatividade e procurar impor limitações a essa difusão e às tentativas de outros indivíduos ou grupos participar nessa criatividade ou para

³ Também chamado “floresta de mangue”, consiste num ecossistema marinho altamente produtivo, caracterizado pela presença de água salobra (mistura de águas salgada e doce), solo lamacento e mole; onde se reproduzem e se desenvolvem diversas espécies marinhas e estuárias; encontra-se nas regiões Tropicais e Subtropicais entre os trópicos de Câncer e Capricórnio (Nunes, 1998: 73).

⁴ Indivíduos que realizam a colecta do caranguejo e obtêm nesta prática seu principal meio de subsistência.

alargar o seu âmbito”, dessa forma pode provocar “um aumento da hostilidade e da alienação relativamente aos próprios actos de criatividade, conduzindo assim à destruição de instituições” (idem, *ibidem*).

Graça (1992 [1932]: 149) manifesta a perda dos costumes e enfatiza a substituição de técnicas e processos tradicionais de pesca por métodos mais modernos entre os pescadores de Póvoa do Varzim num ritmo de transformação acelerado. O autor evidencia que, no passado, os pescadores organizavam-se em cooperativas nas diversas modalidades de pesca (captura de pescada, sardinha e pesca à linha), nas quais o sistema de contribuição para a faina e repartição dos benefícios era igualitário de modo que “todo o produto era exclusivamente do homem do mar, do trabalhador” (idem, *ibidem*). Entretanto, tal processo não resistiu à concorrência dos barcos de arrasto, das traineiras, do cerco americano e da armadilha que atraíram os pescadores sob “o pretexto de se conseguir uma pesca mais intensiva e proveitosa” de forma a deixarem de ser os proprietários dos meios de produção para empregarem-se nestes barcos, assim provocou uma “transformação radical e profunda” no quotidiano dessa população, em seus hábitos e tradições (idem: 150).

Processo semelhante ocorreu na Amazónia, em função da incapacidade dos pescadores artesanais de competir com as grandes empresas pesqueiras e pela dificuldade de acesso às linhas de crédito, houve uma “proletarização” destes, que passaram a trabalhar para os detentores dos equipamentos modernos e tornaram-se “dependentes de salários prefixados e de vagas nas embarcações (...) servindo como mão-de-obra barata e reserva de força-de-trabalho à disposição do capital”, e assim abandonaram outras práticas complementares, como por exemplo a agricultura e adoptaram a pesca como única fonte de renda (Mello, 1994: 481).

Destaca-se ainda, as transformações evidenciadas no contexto piscatório em Vila Chã, onde praticava-se a pesca do pilado⁵, de algas, à rede e à linha com barcos pequenos e baseado na produção familiar de maneira a depender da disponibilidade de recursos marinhos diversos e sazonais, cuja exploração requeria apetrechos especializados e vários tipos de organização laboral (Cole, 1994: 36). Em consonância com Cole (idem: 38) a crise vivenciada após a Segunda Guerra Mundial impulsionou a emigração dos pescadores desta localidade; ao retornarem à Vila Chã, introduziam novas tecnologias de modo a diversificar os apetrechos de

⁵ Consiste num pequeno caranguejo que depois de secar ao sol é utilizado na fertilização das lavouras. Conforme Oliveira, Galhano e Pereira (1972: 182) o desenvolvimento desta prática ao longo do litoral norte de Portugal relaciona-se ao crescimento da agricultura nos finais do séc. XIX e à fertilização das dunas arenosas para o cultivo. A partir de meados de 1940, o pilado começa a desaparecer da costa norte portuguesa, em simultâneo intensifica-se o uso de adubos químicos pelos agricultores de maneira a resultar no “colapso do mercado do pilado e o fim” de sua pesca durante a década de 1950 (Cole, 1994: 38).

pesca, e assim inseriram o motor nas embarcações que permitiu um aumento na quantidade e na variação do pescado capturado, bem como a realização desta faina ao longo do ano (idem: 39). Dessa forma, verifica-se que, no caso de Vila Chã, a introdução dos motores e de novas tecnologias permitiu um aumento na produtividade e, conseqüentemente, melhoria na qualidade de vida da população local.

Conforme Torres (2004: 81) a modernização da actividade pesqueira nos diversos contextos implicou em mudanças socioeconómicas consideráveis de maneira a estabelecer novas redes sociais e alterar as formas tradicionais de organização. Saldanha (2005: 113) enfatiza a necessidade do pescador em adaptar-se ao sistema capitalizado e às condições que lhes são impostas de maneira a redefinir a tradição sem ter que romper com os laços históricos. Diegues (2004b: 88), por seu turno, constata que as inovações tecnológicas incorporadas pelas comunidades piscatórias não representaram “uma transformação profunda das relações de produção”. Em consonância a Amorin (2003: 365) as intensas modificações evidenciadas nos instrumentos e na realização da pesca local⁶ em Portugal permitiram uma maior “dependência das complexas variáveis do sistema urbano-industrial e da economia de mercado”; entretanto, não acarretaram em profundas alterações no estilo de vida e trabalho dos pescadores, uma vez que as estratégias de subsistência permaneceram as mesmas: ocupação marítima e diversidade económica. A autora complementa que, actualmente há uma procura dos pescadores mais jovens pelas pescas costeiras⁷, de maneira que as artes mais *tradicionais*⁸ tendem a ser desempenhadas pelos mais velhos (idem, ibidem, destaque da autora). Num contexto mais global, Moreira (1987: 208) ressalta que o crescimento populacional exacerbado na Europa durante o século XIX atraiu as populações do campo para as pescas de baixo custo e com tecnologia simples, principalmente à apanha do sargaço, à pesca do pilado e às companhas das artes xávegas; dessa forma marcou uma “etapa decisiva na evolução das pescas e das populações marítimas”.

1.1 Arte xávega: mudanças sociais numa cultura piscatória

Dentre as diversas modalidades de pesca artesanal praticadas no litoral português, se destaca a arte xávega, “certamente um dos quadros mais interessantes e pitorescos da vida marítima do nosso povo”, nas palavras de Oliveira e Galhano (1964: 11), cuja prática reporta-se

⁶ Pescas locais: são praticadas tanto individualmente quanto pelo colectivo nas localidades onde residem os pescadores e, geralmente, apresentam um carácter familiar (Nunes, 2005: 22).

⁷ Pesca costeira: “é praticada pela frota de traíneas e outras embarcações oriundas dos postos nacionais”, podendo exigir que os pescadores permaneçam a bordo por alguns dias (Nunes, 2005: 22).

⁸ A expressão “tradicional” é usada neste contexto em oposição às artes em expansão como, por exemplo, o cerco e o arrasto motorizado (Amorin, 2003: 365).

ao século XVIII (Amorim, 1998: 29; Nunes, 1999: 272; Souto, 2007: 107) e em função do seu carácter histórico e da forma como é desenvolvida, pode ser considerada uma actividade tradicional. Realiza-se sazonalmente entre os meses de Abril e Setembro ou Outubro, de modo a variar conforme a safra⁹ de cada ano e as condições marítimas, utiliza uma rede¹⁰ envolvente e emprega a técnica de arrasto para capturar os peixes. Souto (2007: 32) a considera como pesca artesanal de transição pelo facto de apresentar características referentes às artesanais, mas com algumas modificações: a base familiar encontra-se empregada em actividades diversas, a maioria dos pescadores não possuem os meios de produção e dependem de outros que os detêm e as companhas apresentam um número elevado de integrantes se comparado às demais artes artesanais; por outro lado mantém a remuneração à parte¹¹ variável conforme os resultados da pesca e obedece à tradição local sob a forma de caldeiradas¹². Classificada no grupo das pescas locais, possui regulamentação específica outorgada pela Portaria nº 488/96, de 13 de Setembro, do Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas.

Esta Portaria estabelece os limites nas dimensões das redes (máximas e mínimas), as áreas de operação, período de actuação e interrupção nos lanços, bem como a quantidade e o uso das máquinas permitidas no processo de alagem¹³; e ainda, emite autorização, licenciamento e renovação das licenças de pesca ou o cancelamento das mesmas. Assim, a arte xávega consiste numa “rede envolvente de alar para a praia”, a qual é lançada ao mar por uma embarcação, que deixa em terra um cabo de alagem (ponta de corda) antes de partir, realiza um percurso semi-circular no qual vai lançando a rede na água e retorna à praia com o segundo cabo (a outra ponta da corda), para puxar a rede para terra pode utilizar a força mecânica, animal ou humana (Moreira, 1987: 434; Portaria, 1996: art. 2º). Conforme Souto (2007: 106), o processo de tracção inicia-se no instante em que o segundo cabo chega em terra e deve ser simultâneo em ambos os lados de maneira a conduzir os peixes que se encontram na área envolvida através das mangas laterais para o saco central, e assim aprisioná-los.

Apesar das referências à xávega como “arte envolvente de arrastar” (Moreira, 1987: 433), “redes de arrasto” (Brito, 1960: 64; Amorim, 1998: 29; Miranda, 2005: 161) ou “rede de arrastar para terra” (Galhano, 1965: 2); expressões utilizadas tanto por autores consagrados

⁹ Consiste no período do ano em que se realiza a pesca.

¹⁰ As redes são compostas por um saco central prolongado por duas mangas ou asas laterais que diminuem de altura conforme aproximam-se das extremidades; estas, denominadas calões, são amarradas aos cabos de tracção ou alagem.

¹¹ “Sistema de remuneração característico da pesca artesanal em que o pescador recebe uma parte do montante das vendas do pescado capturado, de acordo com a função executada a bordo” (Souto, 2007: 235).

¹² Por esta, parte do peixe capturado é destinado à alimentação dos camaradas e de suas famílias (Souto, 2007: 227).

¹³ Processo de tracção das cordas, do barco e da rede.

quanto por pescadores, Nunes (1999: 272, destaque do autor) argumenta que a mesma não possui nenhuma relação com os “arrastos modernos praticados pelas grandes embarcações (arrastões) da pesca industrial, que *rapam* o peixe dos fundos”, pois a captura do pescado depende da interceptação do curso dos cardumes, portanto não há necessidade de arrastar a rede nos fundos. Em conformidade com Sr. Basílio¹⁴ a pesca de arrasto é bem mais impactante porque “fica horas a arrastar tudo o que tem no fundo do mar e empurra pra dentro do navio; a xávega não, traz só o que pega quando é lançada ao mar e depois pode arrastar caranguejo e conchas”.

De acordo com alguns relatos, pode-se assegurar o uso de artes semelhantes às da xávega em diversas regiões, como exemplo, Brito (1960: 66) evidencia os arrastos realizados no litoral brasileiro e os raponi em Goa, contudo estes apresentam-se em menores proporções. Nunes (2005: 21), baseado nos estudos de Stewart e Leroi-Gourhan, menciona o emprego de técnicas e procedimentos análogos entre povos do Noroeste da América e no extremo Oriente, respectivamente. Souto (2007: 107), fundamentado em Brandt e Sahrage, afirma o uso de redes similares desde o ano 3000 AC em diversas regiões do Mediterrâneo, sendo provavelmente difundidas durante o Império Romano, contudo não estabelece uma origem precisa. Em Portugal, começou a ser praticada no Furadouro por pescadores oriundos de Ovar, Ílhavo e Murtosa, os quais fixavam-se nessa zona durante o período da safra (Moreira, 1987: 62). Autores como Galhano (1965: 2), Moreira (1987: 433) e Amorim (1998: 30) consideram o chinchorro¹⁵, o precursor da xávega devido à utilização de procedimentos semelhantes, porém aquele usa uma rede com menores dimensões e uma malha mais diminuta, de modo a ter ocorrido a substituição de uma modalidade pela outra, dessa forma a xávega também é conhecida como “arte nova” em oposição à “arte velha”, o chinchorro. Todavia, ressalta-se a necessidade de lançar a xávega em praias com fundos arenosos e com grandes extensões para realização das manobras dos barcos e das redes (Moreira, 1987: 434; Souto, 2007: 107).

Até princípios do século XX, como as artes apresentavam tamanhos menores, calculados entre 200 e 300 metros, fazia-se a alagem a braços (Brito, 1960: 66; Galhano, 1965: 2), os homens as puxavam por meio do uso dos cintos de cabedal, onde amarravam as pontas da rede. Posteriormente, introduziram as juntas de bois, permitindo o aumento do comprimento das mesmas e um lanço mais distante da margem da praia (Galhano, 1965: 2). Dessa forma, para a execução de todas as tarefas pertinentes necessitava-se de um contingente de trabalhadores mais

¹⁴ Pescador da Praia de Mira; já está reformado, mas continua em actividade, é responsável pelo conserto das redes. In: Entrevista realizada em 26/09/2009.

¹⁵ Consiste numa modalidade de pesca artesanal com técnicas e procedimentos semelhante aos da arte xávega, porém com dimensões menores. Quando apresenta extensões mais diminutas chama-se chinchinha.

significativo, geralmente composto por camponeses que caracterizavam mão-de-obra barata e abundante naquela época (Moreira, 1987: 207). Já a partir da década de 80 inseriram-se os tractores com a finalidade de realizar o trabalho de tracção, de maneira a necessitar de uma equipa mais reduzida para viabilizar o funcionamento de uma companhia de xávega.

Numa companhia, cada indivíduo possui uma função bem definida, a qual é dividida entre o pessoal de bordo e de terra, os quais somados atingiam cerca de 70 a 80 pessoas, incluindo homens e mulheres (Brito, 1960: 63; Oliveira; Galhano, 1964: 11; Galhano, 1965: 1; Moreira, 1987: 398-399; Miranda, 2005: 161). Antes da introdução dos motores, havia 4 remos nos barcos com 10 metros de comprimento cada que eram movidos pela força de 42 remadores, dos quais 10 ficavam em cada remo e os 2 restantes aguardavam o revezamento; e ainda integravam a tripulação o arrais ou mestre, o qual detinha todo o respeito e prestígio por comandar as actividades dentro do barco, as manobras e o momento exacto de lançar a rede ao mar (o lanço), o calador, responsável por largar a corda, e os ajudantes; de forma a totalizar cerca de 45 homens. Quanto ao pessoal de terra, as mulheres, intituladas colhedoras, enrolavam e transportavam as cordas para junto do barco conforme estas saiam do mar, havia ainda o arrais de terra responsável pelas operações realizadas em terra sempre acompanhado por seu assistente, os redeiros destinados à manutenção, consertos e secagem das redes; os atadores de chicote responsáveis por amarrar a corda das juntas de bois aos cabos da rede, os encarregados pela limpeza do barco, o vendedor que anunciava os preços em leilão e executava as vendas, o escrivão com a tarefa de anotar a quantidade de cabazes de peixe capturado e o preço das vendas, o mestre carpinteiro para pequenos consertos e o encarregado de angariar o gado necessário para a alagem da rede e deslocamento do barco de forma que 10 juntas de bois ficavam em actividades enquanto uma era reservada para descanso; assim formavam uma equipa de aproximadamente 35 integrantes em terra.

As redes, bem como todo o equipamento utilizado eram guardadas nos armazéns, as abegoarias¹⁶ serviam de abrigo para o gado, e havia ainda a casa de fornalha onde, todos os anos ao iniciar cada safra encascavam-se¹⁷ as redes nas cores encarnado, preto ou castanho, para dar mais resistência. Conforme Sr. Nelson¹⁸ tirava-se a casca do Salgueiro ou do Carvalho, tarefa normalmente realizada pelos garotos, batia-se com um martelo a fim de torná-la o mais fino possível, deixava-se de molho no caldeirão para liberar a tinta e depois mergulhava-se a rede. “Mas hoje é tudo mais simples, não precisa de todo esse trabalho”, confessou Sr. Nelson, as

¹⁶ Abegoaria: lugar reservado para guardar o gado.

¹⁷ Termo utilizado para se referir ao tingimento das redes.

¹⁸ Pescador reformado da Praia de Mira, dono da companhia Sr. dos Aflitos, In: Entrevista realizada em 26/10/2009.

redes já não são encascadas a cada safra, pois com os produtos químicos da actualidade basta tingi-las uma única vez para obter uma longa durabilidade.

Do mesmo modo já não se usa mais o gado na alagem, somente em algumas localidades, como acontece na Praia da Vagueira onde há incentivo da Câmara Municipal e o estabelecimento de parceria com as companhas a fim de realizar alguns lanços em determinados dias durante o Verão “à moda antiga¹⁹” como forma de chamar a atenção dos turistas e promover a valorização da cultura local. Na Praia de Mira, segundo informou Paulo²⁰, os donos das companhas tentaram estabelecer tal parceria com a Câmara Municipal há alguns anos, contudo “não teve acordo”, e para arcarem sozinhos com os gastos e a manutenção do gado seria muito oneroso e não compensa financeiramente, desse modo tornou-se impraticável.

Segundo relatos dos pescadores da Praia de Mira, os tractores foram introduzidos, inicialmente, nesta praia em meados da década de 1980 pelo antigo dono da companhia Alexandre Vieira e depois seu uso espalhou-se para as demais localidades. De acordo com Sr. José Manuel²¹, ele próprio se questionava a respeito da forma como eram realizados os procedimentos na xávega, “isso não está nada bem”, e pensava numa maneira mais prática; disse que foi tudo ideia dele, porém, na época o dono da companhia era o seu pai, então este levou a fama, mas quem o orientava como deveriam ser usados os tractores era o Sr. José Manuel. Neste sentido, convém ressaltar que a inserção dos motores, bem como das demais inovações introduzidas sucessivamente no contexto da arte xávega, podem ter surgido de “uma certa maneira habitual de interrogar a realidade” em busca de soluções para determinados problemas (Bourdieu, 2009 [1974]: 355).

Quanto às funções, das 14 existentes no passado (em mar: arrais, caladores, remadores; em terra: arrais de terra, colhedoras e transportadoras de cordas, redeiros, o responsável pela limpeza dos barcos, atadores de chicote, encarregado de angariar e cuidar dos bois, carpinteiro, vendedor, escrivão; além dos ajudantes que actuavam em ambos os momentos), algumas foram alteradas e outras totalmente eliminadas do contexto da arte xávega na actualidade. Hoje, já não há a figura do vendedor, pois quem gerencia a venda é a Docapesca²².

¹⁹ Termo utilizado pelos pescadores e demais integrantes da população local ao se referirem à tracção a bois.

²⁰ Pescador da Praia de Mira, filho do dono da companhia Sr. dos Aflitos, In: Entrevista realizada em 15/10/2009.

²¹ Pescador da Praia de Mira, actual proprietário da companhia Alexandre Vieira, filho do antigo dono. In: Entrevista realizada em 06/10/2009.

²² Docapesca Portos e Lotas S.A: empresa portuguesa de capitais públicos, gere e regula, com exclusividade, a venda do pescado em lota após seu desembarque, bem como exerce controlo sobre as embarcações e a elaboração do relatório que apresenta as negociações em lotas continentais, a quantidade e as espécies capturadas.

Nos locais onde existe lota²³ para a comercialização do pescado, o leilão é anunciado por um dos pescadores da companhia ou os donos das companhias contratam alguém de confiança; onde não há lota, realiza-se a venda na praia; o escritvão consiste num funcionário da Docapesca que anota os preços e quantidade de peixe vendida para constar nos relatórios. O encarregado de angariar o gado, os remadores e o carpinteiro foram suprimidos devido às adaptações evidentes na própria actividade e ao acúmulo de funções; assim, alguns pescadores encontram-se aptos a realizar pequenos ajustes nos barcos.

Por outro lado, a incorporação dos motores em meados da década de 80, tanto os anexados nas traseiras dos tractores para a tracção da corda, da rede e do barco quanto o introduzido nas embarcações, reduziram consideravelmente o número de integrantes de uma companhia. Ressalta-se ainda que durante os séculos XVIII e XIX, as companhias organizavam-se em cooperativas simples sob a liderança do arrais; os meios de produção pertenciam a um senhorio, o qual “avançava o capital necessário às despesas de funcionamento, ou aos próprios pescadores, quando, nos termos de um contrato, conseguiam pagar o montante investido e os respectivos juros” (Amorin, 1998 cit em Nunes, 2005: 135). A remuneração obedecia ao “tradicional sistema de partes”, o qual se baseava na divisão do pescado e dos lucros das vendas, primeiro se amortizava “o capital investido nos barcos e aparelhos de pesca”, os restante dividia-se entre os integrantes da companhia de acordo com as “especializações e responsabilidades” (Moreira, 1987: 241). Devido a aleatoriedade dos recursos marítimos e em função do contingente a trabalhar nas companhias de xávega ser elevado, de modo que, pelo sistema de partes o resultado do pescado capturado deveria ser dividido entre todos, a remuneração não era suficiente para sustentar uma família, assim a actividade agrícola serviu como uma alternativa económica a essas populações, as quais sustentavam-se, principalmente com os rendimentos gerados pela pesca com o complemento da agricultura.

Na actualidade, a maioria das companhias pertencem a um dono, o proprietário do barco, dos tractores e de todos os equipamentos necessários para realização da faina, o sistema de pagamento ainda obedece ao mesmo princípio das partes, a tripulação foi reduzida de 42 homens que remavam nos barcos, para 4 ou 5: o calador, mais um ou dois homens para lançar a rede e as calimas²⁴ e atender às necessidades dentro do barco, o arrais e o motorista²⁵ que

²³ Segundo Cole (1994: 148) a lota consiste num “mecanismo estatal que permite um maior controlo sobre as vendas e sobre os impostos pagos” pelas companhias de pesca.

²⁴ Calimas: são bóias que sinalizam a localização do saco no mar: uma pequena a indicar o fundo do mesmo e duas maiores em cada lateral a mostrar o limite entre as mangas e o saco, de modo a totalizar três bóias; assim, caso a corda rebente, conseguem localizar o saco e ir buscá-lo sem prejuízo do lanço.

²⁵ Souto (2007: 125) comenta que, frequentemente, o arrais é representado pelo motorista.

comanda o motor e as manobras em mar. Em terra necessitava-se, em média, de 35 pessoas para a realização das tarefas, hoje todos os integrantes se distribuem entre as obrigações terrestres, com excepção do conserto das redes realizado por 2 homens, pois são raros os que dominam esta técnica. As antigas colhedoras, as quais enrolavam as cordas à medida que estas saiam do mar, foram substituídas por apenas dois indivíduos, cada um responsável por um lado da corda (esquerdo e direito); o transporte das cordas para o barco é efectuado pelos tractores com ajuda de mais 2 ou 3 homens; os atadores de chicote são os mesmos que enrolam as cordas; e o arrais de terra está representado pela figura do dono da companhia – o patrão, no linguajar dos pescadores.

E ainda introduziram-se os tractores com seus respectivos motoristas, quanto aos ajudantes não há um indivíduo exclusivo para preencher este cargo, pois todos desempenham as diversas actividades e ajudam-se conforme a necessidade; assim, evidenciam uma posição bem definida no cumprimento das distintas tarefas e não possuem uma única função específica, como informou Sr. Basílio²⁶ “aqui todo mundo faz tudo... menos ir ao mar”. Então, o total de 70 a 80 indivíduos que formavam uma companhia foram reduzidos a cerca de 15 a 20, entretanto deve-se ressaltar àquelas menores formadas por aproximadamente 10; deste modo, vê-se companhias menos populosas do que àquelas que laboravam até a década de 80. Souto (2007: 126) argumenta que esta redução “não é, apenas, o resultado da mecanização das tarefas, nem a consequência da falta de pessoal mas é devido aos poucos ganhos desta arte, o que leva os pescadores a procurar pescas mais remuneradoras”. Portanto, confirma-se a necessidade de fontes complementares de renda devido as baixas remunerações adquiridas com a xávega.

Dessa maneira, a xávega desenvolveu-se em toda costa de Portugal e, apesar de ter sofrido diversas transformações em sua estrutura ao longo dos anos com uma trajectória histórica marcada por momentos de expansão e decadência, ainda persiste nos dias de hoje um número significativo de companhias²⁷ a lançar suas artes, localizadas, principalmente no litoral central português, entre Espinho e Vieira de Leiria. No período de expansão, os rendimentos alcançados impulsionaram o estabelecimento de novas comunidades piscatórias, como por exemplo Palheiros de Mira, de Quiaios, da Tocha, Vagueira, Costa Nova, Buarcos até a costa Algarvia (Moreira, 1987: 207; Amarin, 1998: 29), bem como o desenvolvimento de indústrias de conserva

²⁶ In: Entrevista realizada em 09/10/2009.

²⁷ A definição de companhia envolve todo pessoal ocupado, juntamente com os equipamentos, redes, tractores, carroças, barco e demais apetrechos utilizados na faina. Conforme Oliveira (cit em Nunes, 2005: 227) consiste em “um sistema social de funções bem diferenciadas a despeito da sua simplicidade, cuja hierarquização se mede pela importância das responsabilidades dos seus componentes e reflecte nos respectivos salários”. Assim, consiste numa “unidade social em torno da qual se estruturam princípios de autoridade e de prestígio cuja capitalização é vital para a manutenção da identidade/coesão do grupo” (Nunes, 2005: 227).

e salga (Moreira, 1987: 209; Amorim, s/d: 120) a promover uma valorização do pescado, maior estabilidade dos preços, diversificação e ampliação das áreas comerciais (Moreira, 1987: 209).

Conquanto, autores como Oliveira e Galhano (1964: 11), Moreira (1987: 67), Brogger (1992: 146) afirmam o estado de progressiva decadência no qual a xávega se encontra e atribuem tal situação à incapacidade de competir com as traineiras e arrastões, Moreira (1987: 236) complementa: “são raras as que restam em actividade”, ou conforme Galhano (2005: 28) perduram apenas “raros barcos maltratados ou apodrecidos”, ou ainda nas palavras de Ribeiro (1960: 13) “um modo de vida condenado tanto pela sua dureza como pelos resultados aleatórios do seu rendimento”. Todavia, percebe-se em determinadas localidades um número considerável de companhas em plena actividade, e em algumas praias tal número até mesmo aumentou. Para evidenciar tal aspecto, Nunes (2005: 16) aponta no ano de 1995 Esmoriz e Vagueira com 8 companhas em exercício em cada uma, e Vieira de Leiria e Praia de Mira com 5; conforme Souto (2007: 117), em 1997 em Esmoriz e na Praia de Mira havia 9 companhas a trabalhar em cada, o autor acrescenta ainda: “de facto, muito poucas vezes se verificou no passado a ocorrência de tantas embarcações numa praia”. Quanto ao número total de companhas a laborar no litoral central português, Nunes (2005: 15) aponta 42 companhas de arte xávega em 1995 entre Espinho e Vieira de Leiria, com estimativa de 750 indivíduos entre homens e mulheres “cuja ocupação exclusiva ou parcial, é a pesca”, e ainda especifica que as localizadas entre Espinho e Praia de Mira apresentavam cerca de 20 elementos em cada companha, já as da Tocha até Praia da Vieira continham aproximadamente 12 indivíduos. Moreira (1987: 385) considera que o aumento no consumo directo do pescado favoreceu as pescas locais e despertou o interesse por estas.

1.1.2 Adaptações, mudanças e tradição: uma análise contextual

“Qualquer sociedade moderna é sempre capaz de enfrentar todos os novos problemas que se geram continuamente no seu interior. Conquanto a propensão para gerar mudanças e, em certa medida, para as absorver se inscreva na estrutura institucional dos sistemas sociais modernos, a capacidade para se ocupar dessas mudanças varia de facto muito nessas sociedades (Eisenstadt, 1991: 163)”.

Destarte, no caso da arte xávega, observa-se diversas transformações nas últimas décadas, tanto no processo de realização desta quanto em sua organização sociocultural. Nunes (2005: 307), apresenta a prática desta arte enquanto “resultado de um processo de adaptação haliêutica às condições do litoral”, o qual envolve tanto questões técnicas vinculadas às condições sociais quanto de carácter social condicionada às especificidades locais. Os aspectos

mais evidentes referem-se aos sistemas de tracção, às dimensões das redes e embarcações, à redução no número total de pescadores a trabalhar numa companhia, à introdução dos tractores e do motor nas embarcações que permitiram a eliminação de um número significativo de integrantes, bem como de determinadas funções de maneira a alterar a organização e a dinâmica do trabalho.

Todavia, em consonância com Moreira (1987: 382-383) o impacto produzido inicialmente pela inserção dos motores “não foi dramático”, pois não alterou a tecnologia básica de pesca utilizada, a qual continuou a depender da mão-de-obra humana e não modificou as dimensões e pesos adoptados tanto nos barcos quanto nas redes. Assim, o autor conclui: “foram aproveitados como um complemento às capacidades usuais. A mera adição de um motor (...) não parece ter constituído, em geral, uma ameaça ao sistema económico e à ordem sócio-cultural estabelecidos” (idem: 383). No entanto, Souto (2007: 135) argumenta que, se por um lado a introdução dos motores facilitou a execução das tarefas e reduziu o esforço humano, por outro, aumentou os custos com o combustível, o qual consome boa parte dos rendimentos.

Além dos aspectos de ordem técnica, organizacional e regimentar, Nunes (2005: 62) destaca as dificuldades enfrentadas perante o crescimento desordenado da actividade turística, a implantação de pólos industriais, o aumento da pressão demográfica e do processo de urbanização nas áreas litorâneas, o qual promove uma considerável degradação das zonas costeiras por meio de variados crimes ambientais. E complementa:

“hoje ouve-se dizer um pouco em toda a costa que a arte xávega está condenada ao desaparecimento. Há mesmo quem diga que a decadência desta forma de pesca é uma espécie de contraponto ao ritmo de crescimento da indústria turística e da cada vez mais intensa ocupação do litoral que esta acarreta (idem: 308)”.

Para Diegues (2004a: 35) a expansão do turismo e da urbanização pode representar uma ameaça à cultura local “atingindo os espaços tradicionais de sobrevivência”, principalmente devido a actuação de grupos empresariais que ocupam as zonas costeiras para implantação de novos empreendimentos de hotelaria, lazer e entretenimento de forma a impactar na cultura local e nos ecossistemas. Mello (1994: 479), acrescenta que a criação desses espaços de lazer permite a instalação da “sociedade de mercado e a racionalidade urbana”, modifica a dinâmica socioeconómica e compromete as demais actividades produtivas complementares à pesca. Vale ressaltar que devido à elevada demanda, há uma considerável redução das áreas de pesca com xávega durante o período de Verão (Junho, Julho e Agosto), quando as companhias devem desocupar parte da areia para o uso dos banhistas, e ainda, em praias concessionadas está proibida a realização de lanços entre às 10:30 e às 18:30 aos sábados, domingos e feriados na

época balnear (Portaria, 1996: art. 5º). Desse modo, há certa mudança na dinâmica dos pescadores e na realização da própria arte durante o veraneio devido a presença intensa dos turistas, conforme garantiram Oliveira e Galhano (1964: 62-63) “todo o movimento da praia, no Verão, é dado pelos banhistas”.

Por outro lado, o turismo tem representado uma alternativa económica neste período, quando muitos pescadores costumam alugar suas casas a fim de obter uma renda extra, conforme afirma Nunes (2005: 308) “em certas praias, o veraneio proporcionou às populações piscatórias boas oportunidades de obtenção de rendimentos sazonais mais seguros do que os do mar”. Dessa forma, pode-se argumentar que os rendimentos gerados pela actividade turística têm possibilitado melhores condições de vida às populações que habitam as áreas litorâneas. Quanto ao processo de urbanização, se por um lado fragmenta determinados critérios de tradição, por outro, permite a “formação de estratos sociais mais flexíveis e variados, com a irrupção da mobilidade social, através de canais económicos, ocupacionais e educacionais, e com o desenvolvimento de uma grande variedade de formas de organização social” (Eisenstadt, 1991: 160). Neste sentido, nota-se que a ampliação do mercado de trabalho tanto em função do processo de urbanização quanto da actividade turística possibilitaram uma melhoria na qualidade de vida através das oportunidades geradas, e ainda possibilita uma maior fixação das populações nos locais de origem e permite certa mobilidade social.

No dizer de Nunes (2003: 145), “o trabalho da pesca faz-se espectáculo (...) o exotismo das gentes e das actividades quotidianas, são parte integrante do cenário da beira-mar”, assim a xávega surge como um elemento de atracção turística, sendo mesmo utilizada nas campanhas publicitárias na divulgação das respectivas praias onde é praticada, nas palavras de Brogger (1992: 23) “o tradicionalismo da vida dos pescadores tornou-se objecto de grande atracção”. Baseado nos relatos de pescadores, Nunes (2003: 148) afirma que a arte com a xávega chama a atenção dos turistas e faz-se espectáculo em função de possibilitar uma “observação directa”, todos presenciam a forma como “o peixe é trazido para terra e retirado da rede, certificando-se assim da qualidade genuína do que irá, depois, comer”, assim os pescadores garantem “que nenhum peixe vindo de fora poderá jamais rivalizar com o peixe fresco, pescado no próprio local e consumido no mesmo dia”.

Em consonância com Sr. João²⁸, antigamente a interacção entre banhistas e a população local era mais intensa, os turistas se interessavam pela vida e histórias dos pescadores, e assim compartilhavam bons momentos; porém hoje já não ocorre da mesma forma, pois não há

²⁸ Pescador aposentado da Praia de Mira contratado por algumas companhias para anunciar o leilão na lota. In: Entrevista realizada em 18/10/2009.

interesse pela vida que levam os pescadores, conclui. Entretanto, percebe-se significativa atracção sobre o contexto piscatório, no dizer de Sr. Basílio²⁹ “todos querem ver”, de modo que os turistas, principalmente os estrangeiros, ficam encantados com a xávega e a actuação dos pescadores, cercam os tractores e redes, querem registar o acontecimento e seus pormenores em suas câmeras fotográficas e filmadoras modernas, voltam no dia seguinte para observar a saída e chegada do barco, as crianças entusiasmam-se com a quantidade de peixes; uns pescadores se incomodam com a presença dos banhistas, dizem que atrapalham o trabalho deles, outros declaram gostar dessa agitação. É uma arte muito interessante que manifesta a cultura local, desperta a atenção e encanta os olhos atentos do observador, mas muito sacrificada àqueles que trabalham nela. Neste sentido, enfatiza-se o elevado risco inerente à esta profissão, conforme Nunes (1999: 287) a “ausência de segurança face ao devir torna-se particularmente dramática na vida das gentes do mar (...) onde o número de acidentes mortais é francamente superior ao dos outros sectores produtivos”. Torres (2004: 65) complementa que, muitas vezes, a vida dos pescadores e o contexto da pesca são retratados com romantismo de maneira a evidenciar uma vida tranquila e livre, devido ao desconhecimento acerca das dificuldades relacionadas a esta actividade.

Moreira (1987: 22) acentua as intensas transformações ocorridas nas comunidades piscatórias em função da actividade turística e da pressão urbana, todavia confirma “uma coesão cultural, em estilo próprio, resistindo, ainda que precária e contraditoriamente, à acção da sociedade englobante” apesar da heterogeneidade do espaço. Alves (1990: 13) assevera que “os métodos utilizados há muito perderam a sua eficácia, e apenas se justificam pela tradição, já que o valor económico global é pouco significativo”, e Sr. Manuel³⁰ complementa: “isso é assim: os novos já não querem e os velhos tão se acabando”. Moreira (1987: 236, 433) acentua ainda o estado de decadência no qual se encontra esta arte a caminho do desaparecimento e afirma: “as que laboram presentemente pouco ou nada têm a ver com as do passado”. Todavia, Sr. Manuel Maltês³¹ explica que a xávega pode variar conforme a localidade e apresentar-se de forma diferente, com alteração no tamanho ou desenho dos barcos, nos mecanismos de trabalho e demais aspectos, e argumenta: “é diferente, claro, somos pessoas diferentes... mas é arte xávega”; Sr. Basílio³², por seu turno, acrescenta: “hoje é mais fácil”. Assim, verifica-se entre os

²⁹ In: Entrevista realizada em 26/09/2009.

³⁰ Pescador da Praia de Mira, integrante da companhia Alexandre Vieira, já está aposentado, mas continua na função, é responsável pelo conserto das redes. In: Entrevista realizada em 27/09/2009.

³¹ Pescador da Praia de Mira, está reformado e integra a tripulação no barco Sr. dos Aflitos. In: Entrevista realizada em 10/10/2009.

³² In: Entrevista realizada em 26/09/2009.

pescadores desta arte uma “orientação positiva face à mudança³³” na tradição, e geralmente, não apresentam “forte predisposição para princípios unificadores rígidos; deste modo, constroem uma maior tolerância relativamente à ambiguidade e à dissonância cognitiva” (Eisenstadt, 1991: 359).

Deve-se ressaltar que as mudanças incorporadas na arte xávega não representam o seu desaparecimento e sim consistem em adaptações pertinentes para a sua continuidade de acordo com o contexto em que está inserida. Esta capacidade de adaptação, em consonância à Eisenstadt (1991: 368), é proporcional ao “grau de autonomia das instituições sociais, culturais e políticas e das principais ordens simbólicas de uma sociedade”. Por outro lado, enfatiza-se certo empecilho na propagação da arte xávega em função das determinações estabelecidas pela Portaria que a regulamenta, e assim se inscreve: “Não são concedidas novas autorizações nem licenciamento inicial para o exercício da pesca com xávega” (Portaria, 1996: art. 10º, linha 1). Portanto, ressalta-se a permissão apenas para consertos dos barcos existentes e para transferências de alvará, no dizer de Souto (2007: 110, destaque do autor), “esta portaria, ansiosamente esperada pelos pescadores, mais não é do que *a morte anunciada* da pesca com arte xávega em Portugal”, uma vez que impede o “desenvolvimento da pesca”.

Diante das intensas mudanças ocorridas no contexto político, económico, social e tecnológico, muitas companhias encerraram suas actividades de forma a impulsionar os pescadores que trabalhavam nestas a buscar alternativas em demais mercados de trabalho, geralmente nas indústrias alimentícias de conserva ou empresas de construção civil. Nunes (2005: 135) acrescenta que, além das “transformações políticas da sociedade portuguesa”, essas mudanças se evidenciam ainda ao nível local através do “crescimento económico e demográfico, melhoria das vias de comunicação, mercados e, certamente, com as inovações técnicas no domínio da pesca”. No entanto, é possível observar a actuação de companhias no litoral português que resistem às dificuldades, principalmente económicas, e continuam com a reprodução desta prática socioeconómica e cultural com as adaptações cabíveis; conforme verifica-se no discurso de Sr. Manuel Maltês³⁴ ao afirmar que hoje já não há homens suficientes de modo a surgir a necessidade de se adaptarem às actuais circunstâncias, mas Sr. Mário³⁵ garante: “com os bois era mais bonito”. Neste sentido, no dizer de Eisenstadt (1991: 163) “a

³³ Segundo Eisenstadt (1991: 368) esta orientação positiva face à mudança manifesta-se em conformidade com o grau de desenvolvimento das “inter-relações autónomas entre as diversas ordens simbólicas e quanto mais não ritualistas são os preceitos da tradição de uma dada sociedade”.

³⁴ In: Entrevista realizada em 10/10/2009.

³⁵ Pescador da Praia de Mira, está aposentado e opera na função de auxiliar de terra. In: Entrevista realizada em 10/10/2009.

história das sociedades modernas encontra-se, evidentemente, repleta de casos de adaptação falhada ou de falta de adaptação de estruturas existentes a novos tipos de problemas”, e garante que se não houvesse as devidas adaptações a seu tempo, criar-se-iam bloqueios e erupções capazes de promover estagnação. Na xávega verifica-se nos diversos discursos, que na época dos bois era mais bonito, conforme foi mencionado acima, contudo não deve-se confundir esse saudosismo com uma postura radical frente às mudanças correntes nos procedimentos da mesma, pois um posicionamento contrário às inovações tornaria “algumas partes da tradição antiga os únicos símbolos legítimos da ordem tradicional” (Eisenstadt, 1991: 286).

Dessa forma, pode-se afirmar que as mudanças implementadas na arte xávega, como por exemplo, a introdução dos tractores e dos motores nas embarcações, evidenciam o carácter de necessidade, seja por falta de homens suficientes para a realização das distintas tarefas ou pelo facto do equipamento utilizado até então ser obsoleto e extremamente “trabalhoso”, para utilizar o termo dos próprios pescadores; e desta maneira conseguiu-se superar as dificuldades, se adaptar às condições físicas, sociais e estruturais da modernidade e assim, dar continuidade ao desenvolvimento desta arte. Em consonância a Cuche (1999: 22) “a cultura permite ao homem não só adaptar-se ao meio, mas também adaptar este a si próprio, às suas necessidades e aos projectos”. Neste ínterim, Eisenstadt (1991: 279, 282) ressalta que todas as sociedades são inerentes aos processos de mudança, os quais diferem “de âmbito, dimensão e significado” em cada uma de maneira a influenciar nos “padrões de vida e tradições culturais existentes”; por outro lado, possibilitam “novos horizontes sociais e culturais e perspectivas de participação em novas ordens institucionais e culturais”, contudo tais aspectos variam em distintos contextos de transformação. O autor complementa que os “diferentes aspectos estruturais da mudança têm, geralmente, relações próximas com os padrões de mudança e de reacção a ela na esfera das tradições, dos símbolos e costumes culturais, e dos modos de vida” (idem: 284).

De acordo com Moreira (1987: 35) as comunidades piscatórias “não estão cristalizadas. Pelo contrário, têm sido sujeitas a um processo de rápida e incessante mudança, quer tecnológica, quer social, económica, enfim, cultural”. Todavia, nega-se que estas tenham alterado em profundidade o modo de vida e trabalho destes pescadores, pois mantiveram suas características fundamentais: a ocupação marítima e a multiplicidade económica (Moreira, 1987: 36; Amorin, 2003: 365). Dias (1984: 125), complementa que com o passar do tempo a cultura tende a evoluir e incorporar modificações em seu interior, todavia seu “carácter essencial” não é alterado em profundidade, pois as “as transformações dão-se dentro de certas linhas de orientação peculiares a cada cultura”. Conforme Giddens (1995: 30) “a tradição não é

totalmente estática, porque tem de ser reinventada por cada nova geração à medida que esta assume herança cultural daquelas que se precederam”, assim “em todas as culturas, as práticas sociais são rotineiramente alteradas, à luz de descobertas progressivas que as alimentam” (idem: 31). Neste contexto, deve-se considerar o ritmo acelerado da mudança social na modernidade e da “profundidade com que afecta as práticas sociais e os modos de comportamento preexistentes”, mudanças essas que não são “apenas locais, mas sim inevitavelmente universalizadoras” (Giddens, 1994: 14-15).

Desse modo, verifica-se que diversos factores contribuíram para as mudanças evidenciadas na pesca com a xávega, sobretudo no que se refere à “adaptação ao meio material” (Giddens, 2004: 47); ao mesmo tempo, os indivíduos que actuam nesta actividade socioeconómica também estão “constantemente a responder ao contexto de mudança” ao seu redor e ajustam-se a este (idem: 61). Tal constatação ratifica-se no próprio desenvolvimento desta arte ao longo de quase 300 anos de existência, marcados pela adaptação às inovações tecnológicas que permitiram maior facilidade nos mecanismos de realização e promoveram a continuidade da mesma. Convém lembrar, que a xávega surgiu como uma derivação dos chinchorros a partir do aumento nas medidas deste. Nesta perspectiva, é importante salientar que, em função das mudanças viabilizadas, mantém-se esta manifestação no litoral central português de forma a evidenciar a tradição piscatória vivenciada no quotidiano de pescadores, os quais utilizaram-se de diversas estratégias adaptativas para continuar com a reprodução desta prática económica, social e cultural.

Souto (2007: 135), por sua vez, questiona: “conseguirá a arte xávega sobreviver?”. O autor argumenta que esta persiste ainda hoje devido a participação dos pescadores reformados, e evidencia precariedades em determinados contextos sociais, onde se atesta a tecnologia ultrapassada, baixa escolaridade, falta de ocupação às mulheres, escassez de alternativas económicas, diminuição no tamanho das espécies, alterações climáticas que desregulam o calendário da actividade, a ocupação das áreas litorâneas, e principalmente a dificuldade no recrutamento em função dos baixos rendimentos gerados por esta arte de maneira a impulsionar os mais jovens a buscarem outras modalidades de pesca mais compensatórias ou migrarem para o estrangeiro a fim de alcançar melhores oportunidades de trabalho, ou procurarem serviços nas indústrias, na construção civil ou na emigração; assim “não se vislumbram grandes melhorias sem uma intervenção de fundo” voltada a essas comunidades (idem, ibidem). O autor conclui que perante as limitações inerentes a esta arte, num primeiro momento se observará sua

concentração em duas zonas³⁶ de maneira a beneficiar os mercados locais; entretanto, seguirá seu abandono na medida em que os pescadores reformados deixarem de pescar e os mais jovens encontrarem outras fontes de renda, dessa forma “ficarão as xávegas para os turistas apreciarem, como já hoje na Nazaré, e nessa altura subsidiadas pelas autarquias locais” (Souto, 2007: 135).

Destarte, diante das informações obtidas por meio das bibliografias referentes à temática e a partir das observações realizadas no terreno, pode-se assegurar que a xávega continua a apresentar sua arte baseada nos procedimentos iniciais, ou seja, o processo de captura do pescado obedece ao mesmo princípio, no qual a rede é lançada ao mar com o uso de um barco que realiza um percurso semi-circular e é puxada para a terra por um sistema de tracção, a separação do pescado é efectuada manualmente, o conserto das redes emprega as mesmas técnicas, a remuneração mantém-se de acordo com o sistema à parte, assim como se verifica a permanência das múltiplas actividades económicas que complementam a renda e garantem a subsistência familiar.

Contudo, em função das inovações adscritas houve certa mudança na dinâmica da mesma, pois antes da introdução dos tractores o trabalho no processo da alagem era mais intenso e desgastante, demandava maior número de integrantes e mais força na realização das tarefas, seja na alagem realizada a braços, no lidar com os bois, ou ainda para remar nos barcos antes da inserção dos motores; bem como o transporte das cordas a serem depositadas nas embarcações e o trabalho de esticar a rede na areia para secar ao sol eram mais complicados, as redes com toda a sua dimensão e por estarem molhadas tornam-se extremamente pesadas. A introdução dos tractores, neste sentido, facilitou a realização de muitas funções e diminuiu o esforço empreendido nas mesmas, de maneira a necessitar de um número mais reduzido de integrantes. E ainda, neste contexto de mudança deve-se considerar as limitações impostas pela Portaria nº 488/96.

Dessa forma, vê-se que mesmo com todas as dificuldades já evidenciadas, a arte xávega continua a sua tradição e mostra em sua própria execução a sua história e os processos de transformação pelos quais enfrentou. Uns dizem que antes era mais bonito, outros que isto já está no fim, há aqueles que a consideram uma maravilha em comparação com os perigos enfrentados nas outras artes de pesca; porém, o mais importante é sua continuidade enquanto actividade socioeconómica e cultural na reprodução social dos pescadores. Neste sentido, mostrar-se-á no próximo tópico a maneira como é realizada actualmente com o intuito de evidenciar os aspectos

³⁶ Provavelmente o autor se refere à Praia de Mira e Esmoriz apontadas anteriormente pelo próprio como as que apresentam maior número de companhas.

de tradição que ainda se manifestam, bem como as inovações adscritas ou adaptações no processo produtivo.

1.1.2 Os pormenores na prática da arte xávega na actualidade: um olhar etnográfico

A descrição apresentada baseia-se nas observações realizadas junto à companhia Sr. dos Aflitos na Praia de Mira, as demais companhias desta localidade adoptam os mesmos procedimentos, contudo alguns aspectos relacionados à tradição, aos equipamentos utilizados e a quantidade de indivíduos envolvidos podem variar conforme os costumes³⁷ e as condições financeiras dos proprietários destas.

Antes de ir à praia para iniciar mais uma jornada de trabalho, os pescadores se encontram em frente ao armazém da companhia, o horário varia conforme as estações do ano e o nascer do sol: entre os meses de Maio a Agosto reúnem-se entre as 4:00 e 5:00 da manhã, já em Setembro e Outubro por volta das 6:30; dessa forma não há uma hora exacta. Então, esperam pelos demais camaradas para irem todos juntos até o local na praia onde se encontra o barco e demais apetrechos de pesca, alguns vão no tractor, mas a maioria vai na carroça puxada pelo mesmo. Nos dias em que há lanço na parte da tarde, se reúnem no mesmo local após o almoço, contudo este horário também não é fixo e depende dos procedimentos realizados pela manhã, da quantidade de lanços e de peixe; e finalmente, quando já estiver tudo concluído são liberados para irem para suas casas almoçar e voltar dentro de 30 a 45 minutos.

Como alguns pescadores moram nos atalhos por trás das dunas entre o local onde o barco está estacionado e os armazéns, ficam no caminho à espera do tractor para pegar uma boleia e acenam de longe aos colegas para mostrar sua prontidão. O encontro é um momento de descontração, uns tiram uma soneca após o almoço enquanto aguardam, outros ficam a conversar sobre assuntos variados, contar anedota... um ambiente familiar de brincadeira e tranquilidade quando a pesca é abundante e o mar benevolente. Entretanto, quando torna-se escassa, o mar agitado e as condições climáticas desfavoráveis impedindo o lançamento das redes durante alguns dias subsequentes, os ânimos se alteram, a insatisfação e discussões acentuam-se e o ambiente manifesta a tensão vivenciada por todos os sujeitos envolvidos com a actividade piscatória.

No momento em que toda a equipa está presente e as condições climáticas apresentam-se favoráveis, parte-se em direcção ao barco: no caminho, uns acenam ou tiram

³⁷ Neste contexto, entende-se por costume uma “*conducta típicamente regular que, gracias únicamente a su “carácter usual” y a la “imitación” irreflexiva, se mantiene en las vías tradicionales*” (Weber, 1964: 258).

brincadeiras com os integrantes de outras companhas, param uma ou duas vezes para apanhar os colegas que se encontram nos atalhos próximos das respectivas residências, e fazem ainda mais uma parada para recolher alguma rede que esteja estendida na areia da praia a secar. Então carregam a rede e colocam-na na pá do tractor minuciosamente, depois depositam-na numa carroça próxima com muito cuidado e atenção, como todas as actividades que envolvem os homens e as máquinas na xávega, pois qualquer descuido pode se transformar num acidente fatal. A partir deste instante já não há descontração, todos ficam muito sérios e compenetrados em seu labor, por vezes percebe-se uma breve conversa paralela, mas o ambiente é de concentração e trabalho.

A embarcação

As embarcações da arte xávega, chamadas de “barco de mar”, são feitas de madeiras, hoje acrescentaram a fibra para dar mais resistência, e possuem uma forma muito peculiar, com o fundo chato e arqueado em formato de meia-lua, conforme Galhano (1965:2) “absolutamente indicada para este género de largada, num mar de forte rebentação, pois a acentuada elevação da proa e da ré o defende do embate das vagas”, ou como reforçou Souto (107) “para mais facilmente vencer a rebentação quando entra no mar”. Todavia, Sr. Manuel Macaca³⁸ compara: “parece uma tamanca” e explica que já não são tão belas quantos as de antigamente devido o tamanho mais reduzido³⁹; hoje possuem apenas dois remos localizados ao centro, um em cada lado, usados em casos de urgência e para acertar a posição do barco antes de passar a zona de rebentação, agora utiliza-se o motor para navegar. Souto (2007: 107) acentua a necessidade desta possuir espaço suficiente para transportar a rede e as cordas.

A embarcação é ornamentada com alguns símbolos de tradição e crença local: na traseira do barco avista-se uma ferradura de cavalo, na proa ocultadamente, em baixo do painel, junto aos coletes encontra-se uma figa branca pregada ao lado direito e bem na bica da proa se observa um ramalhete de rosas vermelhas artificiais e uma pequena imagem de N^a. Sr^a. de Fátima logo abaixo; nota-se o ramo em outros barcos da localidade, todavia os proprietários menos tradicionais, já não costumam enfeitar seus barcos com tal simbologia. Conforme Sr. Basílio⁴⁰ “é tradição” e ressaltou a fé católica do patrão, contudo os mais jovens já não têm

³⁸ Pescador da Praia de Mira, reformado, compõem a tripulação no barco Sr. dos Aflitos com a função de arrais das cordas, também apontado como contra-mestre por alguns dos camaradas. In: Entrevista realizada em 16/10/2009.

³⁹ Hoje as embarcações da xávega na Praia de Mira encontram-se entre 7 e 9 metros de comprimento, segundo Souto (2007: 117) “são as maiores de toda a costa”; já no passado, conforme Brito (1960: 66) chegaram a medir 15 metros.

⁴⁰ In: Entrevista realizada em 29/09/2009.

noção deste significado. Sr. Manuel Maltês⁴¹ complementa que as flores são usadas “pra oferecer ao santo” que leva o nome no barco, e tanto a figa quanto a ferradura “é pra dar sorte”, porém os novos já não acreditam, “mas é tradição”, confirma. Neste sentido, conforme Giddens (1995: 30) “o passado é respeitado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações”. Quem compra e coloca o ramallete no barco Sr. dos Aflitos todos os anos é D. Fernanda⁴², a qual explica inicialmente da seguinte forma: “ficamos o inverno sem ir ao mar e quando começa outro ano, enfeitamos o barco pra ir ao mar de novo”, em seguida acrescenta que logo abaixo do arranjo de flores há uma imagem pequenina de N^a. Sr^a. de Fátima e deixa subentendido que é para homenagear a Santa. Tais aspectos evidenciam um fortalecimento da fé católica entre os pescadores, e também se verifica nas palavras de Sr. Manuel Macaca⁴³ “não vou à Igreja, mas rezo o pai-nosso todos os dias de manhã antes de ir ao mar”.

De acordo com Iturra (1991: 40) esta ligação com os santos representa a memória e tradição e manifesta a busca, não pelo “seu grau de santidade, mas o seu grau de eficiência social”. No caso da pesca, almejam bons rendimentos na actividade e a protecção do barco, assim “o santo pode servir eficazmente a finalidade da prática e da concentração das virtudes necessárias para alcançar os dois senhores: o terreno e o eterno” (idem, ibidem). Sobre os demais símbolos, D. Fernanda conta da existência de muita inveja⁴⁴, então a figa e a ferradura são usadas “contra qualquer mal que possa cair sobre o barco... é protecção”, e conclui: “cada lugar tem sua crença... e é só isso, mais nada”. Neste sentido, “*symbols are essentially involved in social process. (...) The symbol becomes associated with human interests, purposes, ends, and means, whether these are explicitly formulated or have to be inferred from the observed behavior*” (Turner, 1972: 20). Nunes (1999: 277, destaque do autor) argumenta que há sempre um responsável por zelar “pela protecção mágica da embarcação e dos tripulantes, rezando responsos, colocando uma imagem de Nossa Senhora, um crucifixo ou um *sino-saimão*”. Portanto, segundo Turner (1972: 44) os símbolos se mantêm enquanto apresentam significado “*for men and women, who interact by observing, transgressing, and manipulating for private ends the norms and values that the symbol expresses*”. Dessa forma, percebe-se a valorização e

⁴¹ In: Entrevista realizada em 05/05/2010.

⁴² Única mulher da companhia, actua em diversas funções em terra, as quais serão enunciadas no capítulo 3.1. In: Entrevista realizada em 13/05/2010.

⁴³ In: Entrevista realizada 15/10/2009.

⁴⁴ Estudos mais aprofundados sobre a questão da inveja podem ser observados em Cole (1994: 136-144) e Nunes (1999: 277-287). Conforme Nunes (1999: 279) o “mal-de-inveja”, geralmente está relacionado com a fartura e “a capacidade de produzir, gerar e manipular os recursos essenciais no processo de reprodução social”; o autor faz uma análise aprofundada sobre este aspecto, denominado “idioma da inveja”, no qual estão envolvidas as tensões sociais e situações de infortúnio com algum apelo à esfera sobrenatural.

permanência de alguns aspectos da tradição local que ainda marcam presença no contexto da xávega.

Quando chega-se à embarcação alojam-se os coletes salva-vidas num compartimento apropriado situado à proa e o recipiente com 15 litros de gásóleo necessários para navegar junto ao motor, e iniciam-se os preparativos para “ir ao mar”, como costumam dizer os pescadores. A arrumação do barco ocorre quando este volta à terra após a realização de cada lanço: coloca-se a rede e as cordas⁴⁵ à medida que são liberadas na alagem da rede anterior; mesmo que não haja outro lanço no mesmo dia, estas permanecem organizadas dentro da embarcação para o dia subsequente, pois a decisão de lançar a rede ao mar dependerá do resultado do primeiro lanço, se for bom, vai-se ao mar novamente, caso contrário, fica para a próxima oportunidade. Todavia, tal organização será detalhada mais à frente, a fim de obedecer à ordem dos factores, mas de antemão ressalta-se que o gásóleo e os coletes salva-vidas ficam guardados no armazém das respectivas companhas ao final de cada jornada de trabalho e são levados para o barco todas as manhãs quando começam os preparativos para a partida do mesmo.

Para levar o barco até a beira da água, primeiramente utilizam-se dois tractores⁴⁶, as vezes é necessária a ajuda de um terceiro⁴⁷, depende das circunstâncias: o tractor médio vai à frente e puxa o barco amarrado por uma corda, enquanto o grande empurra pela popa de modo a deixar a embarcação entre ambos os tractores. Quando se encontra à margem da praia, os homens encarregados de compor a tripulação entram na embarcação: arrais do motor e o arrais das cordas⁴⁸ posicionam-se na popa, um homem na parte central esquerda e outro na direita e mais um senhor junto à proa. Então, um dos tractores puxa a traseira do barco amarrada por uma corda de maneira a deixá-lo de frente para o mar, na posição correcta para entrar n'água, e se afasta.

Os movimentos são ordenados através de sinais, os homens que estão em terra ou no barco levantam os braços para se comunicarem com os motoristas dos tractores, por vezes gritam

⁴⁵ As redes medem cerca de 500 metros de uma extremidade a outra; o tamanho do saco varia entre 18 e 25 metros; quanto às cordas, ao todo são 7 rolos com 200 metros e 1 com 100 metros, totalizando 8 rolos e 1500 metros de corda em cada lado das mangas.

⁴⁶ Os tractores serão denominados da seguinte maneira: grande, médio e pequeno. Apesar de serem dois grandes e um mediano, optou-se por tal nomenclatura com o intuito de facilitar a descrição e evitar confusão no entendimento da actuação dos mesmos.

⁴⁷ Ressalta-se que “durante a faina só são permitidos três veículos de tracção mecânica por cada xávega, dos quais dois se destinam à alagem das redes e ao apoio às embarcações e o terceiro é de reserva, podendo, no entanto, ser usado no transporte de apetrechos e pescado” (Portaria, 1996: art. 7º, 2ª linha)

⁴⁸ Este por vezes é intitulado “contra-mestre”, apenas por alguns antigos camaradas, então, apesar da expressão ser pouco usada no contexto da pesca com xávega, optou-se por adoptá-la para facilitar a escrita e a compreensão. Dessa forma dirigir-se-á na etnografia ao arrais do motor apenas por “arrais” e ao arrais das cordas por “contra-mestre”.

para chamar a atenção a alguma ocorrência, e assim inicia-se e finaliza-se todos os procedimentos com eficiência e exactidão. Antes da partida, uma ponta da corda que se encontra no barco fica em terra engatada no tractor pequeno, inclusive deixa-se uns metros extras até que a embarcação pegue certa distância. Dessa forma, aguardam as ondas acalmarem e surgir o melhor momento para entrar no mar: com um sinal do arrais, o tractor grande empurra a embarcação com o auxílio de uma muleta⁴⁹ até o motor começar a funcionar com o leme totalmente submerso. Após a partida do barco, o tractor pequeno desloca-se para o lado direito da praia com a ponta da corda; enquanto uns aguardam o retorno do barco, outros ocupam-se em suas funções habituais.

O lanço

A respeito do lanço, o que aparenta ser um acto rotineiro aos mais experientes se transforma num grande mistério aos principiantes: momento de ansiedade e exaltação, primeiramente por representar o “ritual de passagem” do investigador perante os “sujeitos” estudados; segundo por compartilhar de tanta intimidade verbalizada e vivenciada entre os tripulantes, companheiros de jornada, e finalmente por ultrapassar os limites que separam os auxiliares de terra dos homens do mar, e assim permear ambos os espaços sociais de interação e trabalho. A princípio, a ordem para entrar no barco é dada pelo arrais, Sr. João Manuel⁵⁰, um senhor muito sério, concentrado e bastante activo, o qual fornece as orientações técnicas e indica o local mais apropriado para se posicionar, em seguida aconselhamentos dos demais tripulantes sobre as sensações: “dá um negócio assim... (uma pressão no peito) mas depois pára” segundo André⁵¹, e a sugestão de fixar a visão numa única direcção, no mar ou no céu, e evitar olhar para todos os lados, pois pode provocar má disposição.

A entrada no barco é marcada por um forte cheiro de gasóleo, porém logo dispersa com o vento frio ao entrar no mar, momento no qual colocam-se os casacos de plástico para não se molhar com os respingos d’água. A corda de ida vai sendo largada ao longo do percurso. Ao

⁴⁹ Instrumento de ferro acoplado na pá do tractor para empurrar o barco.

⁵⁰ Sr. João Manuel é um dos pescadores que tem mais tempo nesta equipa, está há 13 anos, já teve sua própria companhia, mas segundo o mesmo “é difícil manter”; é um senhor respeitado e possui prestígio entre os camaradas e o patrão por ter conhecimento, ser cauteloso e ter segurança no que faz; é quem manda dentro barco, ordena o momento exacto para entrar na água e lançar a rede, conduz a embarcação e auxilia na movimentação dos tractores durante a alagem da rede com toda a autoridade que lhe pertence. Faltam quatro anos para se reformar. In: Entrevista realizada em 06/05/2010.

⁵¹ Pescador da Praia de Mira, começou na xávega com 13 anos de idade, hoje está com aproximadamente 36, já trabalhou em quase todas as companhias desta praia, a última foi a Sr. dos Aflitos onde permaneceu 3 anos até o final da safra de 2009, logo após recebeu proposta de emprego na Pescanova com melhores condições salariais. In: Entrevista realizada em 29/09/2009.

navegar desfruta-se da sensação suave de deslizar sobre as ondas enquanto a tripulação observa atenta os movimentos do mar e dos cardumes, apontam em várias direcções e comentam entre si, por vezes discutem intensamente: ora por causa do lanço, em função de alguns afirmarem que deveria ter sido feito num determinado local, porém o arrais não autorizou por discordar, e dentro do barco este possui autoridade total; ora devido alguma situação inesperada dentro do barco, por exemplo, quando o nó da corda enroscou nas mangas correndo o risco de puxá-la para o mar, arrastar juntamente o calão e rasgar a rede.

Então uns gritavam⁵² “olha o calão... puxa pra dentro”, e puxavam a rede que estava a ir para o mar de volta para o interior do barco, outros diziam “isso não vai bem”, um pedia “calma... já tá tudo” e fazia força para segurar a rede e controlar a situação, o arrais argumentava “tá tudo enrolado aí... isso não vai ao mar assim, homem” e corrigia os colegas com certa pressão, enquanto o contra-mestre dava as instruções “vai de vagar, estica primeiro” e com calma explicava como deveria ser o procedimento “vai o calão... dá meia volta... (o barco)”. Neste instante os tripulantes se reuniram para ajudar a desenroscar a corda, até que o pescador mais antigo com toda sua experiência e habilidade conseguiu solucionar o problema e em seguida lançaram a primeira manga ao mar. A discussão foi um tanto acalorada, pois o lanço é o momento mais importante e deste depende o resultado da pesca, mas os acidentes acontecem mesmo quando se tem experiência suficiente, como verifica-se nas palavras de André ao justificar “isto aqui em mil vezes acontece uma”, por isso é necessária toda a atenção possível, conforme advertia o arrais ao ver qualquer distracção.

Controlado o incidente, o arrais autorizou e fizeram o lanço: o contra-mestre jogou a boca do saco pelo lado esquerdo do barco, parte da rede passava pela popa e estendia-se pela lateral direita, onde dois tripulantes lançaram o restante do saco, então jogam-se as bóias de sinalização e a outra manga cuidadosamente, de modo a esticá-la e separá-la das bolas de chumbo para não enrolarem, pois se estas enovelarem nas mangas, podem fechar a boca do saco e impedir a entrada dos peixes. Após o lanço retorna-se para a praia liberando a corda de volta aos poucos num procedimento semelhante ao de ida, assim ir ao mar dura aproximadamente 40 minutos e adentra-se cerca de 1700 metros. Vale ressaltar que a quantidade de lanços varia conforme a época: no início da safra (Abril e Maio) atinge-se 4 ou 5, porém entre Setembro e Outubro realizam no máximo 2 lanços, um pela manhã e outro à tarde.

Quanto aos resultados obtidos, são bastante variáveis, pois uma das características mais críticas da pesca é justamente a incerteza acerca dos recursos marítimos, uns atribuem os

⁵² As citações apresentadas neste parágrafo condizem à data de 29/09/2009.

resultados às condições marítimas, consoante a Sr. António, mais conhecido como Sr. Topeira⁵³ “se o mar tiver bom é só jogar a rede e vem peixe... se não tiver, não vem”; outros garantem que é sorte, nas palavras de Sr. Basílio⁵⁴ “é só jogar a rede, mais nada... é sorte”, para Brandão (1988 [1923]: 92) “a pesca é um jogo, uma questão de sorte”. De acordo com Sr. João Manuel⁵⁵, o arrais, a escolha do local onde lançar a rede “é conforme”, com isso ele quer dizer que é conforme sua intuição, sua mestrança e habilidade cognitiva, e nega a existência de qualquer sinal que aponte a zona onde se encontram os cardumes. Nunes (1999: 272) garante que nada pode “prever a existência de cardumes no local em que se lançam as redes, bem como no seu trajecto até a praia. Sem perícia, contudo, muito dificilmente se poderá ser bafejado pela sorte”. Assim, no início da safra, o mar costuma ser mais generoso atingindo-se, em média, 50 caixas de carapau⁵⁶ por lanço, mas há circunstâncias em que essa quantia multiplica-se e ultrapassa 100/200 ou reduz-se a metade; já no final da safra, quando atingem 15 a 20 caixas num único lanço é motivo de alegria. Ao atingir um bom resultado, costuma-se repetir a operação e lançar a rede na mesma direcção; entretanto quando é insatisfatório, não compensa ir ao mar novamente no mesmo dia, dessa forma confirma-se a aleatoriedade inerente à actividade piscatória.

Ao se aproximar da praia, espera-se o momento mais apropriado para regressar à terra, com ondas mais baixas, então o barco desliza sobre as ondas e, nas palavras de Sr. Basílio⁵⁷ “ele vem sozinho até a areia”; quando a maré está calma o retorno é tranquilo, mas nos dias de muita agitação e correnteza, balança a embarcação intensamente a ponto de virá-la. Foi relatado pelos pescadores que no último dia de pesca, final de Outubro, ao retornar para a praia após realizar o lanço, o barco subiu muito por causa das ondas chegando a ficar “em pé” (a formar um ângulo de 90 graus em relação ao mar), e quando desceu a proa bateu com tanta força no mar que partiu-se, mas ninguém se acidentou, em seguida consertaram o barco e agora a proa é toda de fibra para não correr o risco de quebrar novamente; o facto foi registado em fotografias por alguns turistas que encontravam-se no local na ocasião.

Dessa forma, o retorno é considerado o momento mais perigoso, pois na beira-mar localiza-se a zona de rebentação das ondas e ao atravessá-la, há o risco de bater o fundo do barco na areia e virar. Ao chegar em terra, amarra-se uma corda à embarcação para recomeçar o

⁵³ Pescador da Praia de Mira, reformado, possui a função de consertar as redes. In: Entrevista realizada em 13/10/2009. Este será referenciado nas próximas citações pela sua alcunha “Topeira”, pois todos o chamam assim e ninguém o conhece por seu nome próprio; conforme assegura Graça (1992 [1932]: 51) “só a alcunha é conhecida, só por ela se pode dar relação do indivíduo procurado dentro da comunidade. É inútil persistir com o nome próprio”.

⁵⁴ In: Entrevista realizada em 26/09/2009.

⁵⁵ In: Entrevista realizada em 14/05/2010.

⁵⁶ Peixe com maior valor de mercado.

⁵⁷ In: Entrevista realizada em 09/10/2009.

trabalho dos tractores: primeiramente ambos o puxam pela frente, um amarrado à argola da proa e o outro à da lateral dianteira; enquanto um dos integrantes da tripulação retira o excesso de água de dentro do barco com uma vasilha, os demais ajudam nos procedimentos em terra. Depois, o médio fica a puxá-lo pela proa e o grande empurra pela popa com o auxílio da pá, de maneira a situá-lo no meio dos dois tractores, até estacioná-lo o mais próximo possível das dunas, principalmente em épocas de maré alta. Ao perceber que correu tudo nos conformes e não será necessária a ajuda do tractor pequeno, este faz sinal para o grande e desloca-se cerca de 300 metros para o lado direito da praia com a ponta da corda ou cabo de ida.

A alagem e chegada da rede

Então envolve-se a corda ou cabo de volta ao alador⁵⁸ do tractor grande e começa-se a tracção da rede, enquanto o tractor médio endireita a posição do barco de frente para o mar e inicia os preparativos para o próximo lanço: em primeiro, o tractor médio busca uma carroça com a rede e pára na lateral direita da embarcação para depositar o saco que será ajustado com a assistência de toda a tripulação, depois desloca a carroça para o lado esquerdo e três ou quatro homens da mesma equipa organizam as mangas no fundo do barco. Em seguida, busca uma leva de cordas que se encontra na alagem do tractor grande e já foram enroladas e empilhadas em vários montes, um ao lado do outro, então dois ou três homens colocam-nas na carroça e levam-nas para arrumar no barco: neste, prende-se fortemente a ponta da corda à extremidade de uma das mangas, amarram-se as calimas para sinalizar o saco e depois acrescenta-se as cordas.

Posteriormente, busca-se as cordas que estão junto ao tractor pequeno e realiza-se o mesmo procedimento, de modo que estas cordas, as quais representam a ida do barco ao mar, fiquem por cima de tudo para serem lançadas no momento certo sem enroscar nos demais apetrechos, e ambos os calões das mangas sejam amarrados aos cabos de ida e de volta. Dessa maneira, o processo de arrumação das cordas acontece em etapas distintas conforme a saída das mesmas do mar no decurso da alagem, e enquanto se realiza essa tarefa, a tripulação conversa sobre diversos assuntos de interesse, principalmente futebol e ocorrências no mar durante o lanço ou o retorno, por vezes observam-se algumas discussões provocadas pela divergência de opinião.

Enquanto está a decorrer a alagem da rede, a qual demora em média uma hora e meia a ser totalmente concluída, os integrantes da equipa de mar aproveitam para descansar um pouco ou conversar descontraidamente; já os “redeiros” costuram as redes estendidas a secar ou

⁵⁸ Alador: motor usado para fazer pressão, força e puxar a corda e as mangas; localiza-se na traseira do tractor.

consertam aquelas necessitadas de maiores reparos, totalizando cinco redes em uso e mais duas guardadas no armazém. A tarefa de costurar e consertar as redes não é nada fácil e são poucos os que conhecem a sua técnica, geralmente são os mais antigos, no dizer de Sr. Manuel⁵⁹ “os rapazes não sabem fazer, e quando os velhos se acabarem...”; verifica-se tal desinteresse nas palavras de Luís⁶⁰: “não vou andar com a agulha na mão”. Por vezes, mesmo quando não há lanço os “redeiros” vão à praia terminar o trabalho em alguma rede, consiste numa actividade bastante minuciosa e requer muita atenção e paciência. Sr. Basílio⁶¹ informou que as linhas utilizadas no conserto das redes passam por um processo de tingimento, Sr. Nelson compra rolos de linha branca e depois os coloca num caldeirão com produtos químicos para dar mais resistência; revelou ainda que é atribuída alguma sorte a determinadas redes e uma destas possui a idade da companha. Neste momento também aproveita-se para fazer uma merenda para reforçar, de modo que os pescadores sempre levam consigo uma sacola com frutas, água, pão, iogurte ou suco, esta refeição é fundamental pois acordam e tomam o pequeno-almoço muito cedo, então necessitam de reforços para aguentarem até o final da jornada.

O processo de tracção acontece da seguinte forma: a corda passa por um alador situado na traseira inferior dos tractores, e é acompanhado por um auxiliar de terra em cada lado, os “atadores de chicote”, os quais enrolam e empilham as cordas na medida em que saem do mar, conforme Luís⁶² “os velhos não querem fazer (esta função) ... é muito chato”. Durante a alagem, há a necessidade dos dois tractores que realizam a tracção em ambos os lados arrastarem a rede concomitantemente de maneira que esta venha paralela à costa, e “quando a rede estiver a 500 metros, eles se aproximam”, segundo Sr. Basílio⁶³. Quando finaliza a tracção das cordas, inicia-se a das mangas com a participação de todos os integrantes da companha, os quais se dividem em dois grupos com as mesmas funções para acompanhar os procedimentos nos tractores grande e pequeno.

Dessa maneira, em ambos os lados ficam: dois homens à beira-mar, um destes é o “redeiro” que aponta as partes rasgadas para os camaradas que estão atrás marcarem com um fio para este, posteriormente, consertar; assim limpam a manga, retiram o moliço, e esticam-na para não emaranhar e passar livremente pelos cinco aladores superiores; dois ou três homens orientam

⁵⁹ In: Entrevista realizada em 27/09/2009.

⁶⁰ Pescador da Praia de Mira, exerce a função de enrolar a corda conforme esta sai do mar, vai completar 30 anos de idade e já está na pesca com a xávega há 11, sempre nesta mesma tarefa, por vezes dirige o tractor e somente quando é necessário, vai ao mar. Entrou na Sr. dos Aflitos na safra de 2010, até então trabalhou na São José, e durante o inverno se ocupa com o trabalho nas obras. In: Entrevista realizada em 07/05/2010.

⁶¹ In: Entrevista realizada em 30/04/2010.

⁶² In: Entrevista realizada em 07/05/2010.

⁶³ In: Entrevista realizada em 29/09/2009.

a passagem da mesma pelos aladores a fim de evitar que engate ou enrole, então repassam-na para um sexto elemento que se encontra sobre uma carroça acoplada à traseira do tractor com a atribuição de dobrar as mangas num desenho semelhante ao número 8 de modo a separar e sinalizar com um barbante as partes necessitadas de conserto. Neste momento a tensão entre os tractores é acentuada, principalmente se a maré apresentar forte correnteza, a movimentação é constante e em direcção à esquerda devido o fluxo da corrente marítima à medida que o saco se aproxima, e quando este chega os tractores grande e pequeno puxam-no até a areia; em seguida surge o tractor médio para arrastar o saco mais para cima a fim de evitar que a maré leve os peixes capturados ao subir.

A espera gera uma grande expectativa, pois cada lanço é uma surpresa, quando a rede vem cheia de peixes de qualidade é uma alegria imensa, percebe-se imediatamente a satisfação e contentamento nos olhares e no sorriso de cada um, e a brincadeira entre eles é constante; entretanto quando vem vazia é uma decepção. Na hora do lanço existe a possibilidade da corrente marítima fechar o saco: se o chumbo localizado na parte inferior das mangas e do saco cair por cima da boca da rede, faz com que a mesma se feche, “aí não entra nada”, conforme relatou Sr. Basílio⁶⁴, pois este chumbo tem a função de manter a rede na posição vertical e conservar a boca aberta, já que a parte superior das mangas e o entorno da boca do saco são revestidos por cortiça para flutuarem na água. Então, estica-se a rede: o tractor grande levanta uma ponta e os homens, com a ajuda de uma vara, arrastam o amontoado de moliço impregnado ao longo da mesma para baixo, depois sacodem bastante com a finalidade de deixá-la limpa; enquanto isso, os demais avaliam atentamente a qualidade do pescado apreendido.

Neste instante o “junteiro⁶⁵” corta uma costura da rede na vertical e inicia-se a selecção dos peixes, actividade que envolve todos os integrantes, depois este mesmo indivíduo remenda o corte a fim de que esta rede possa ser utilizada novamente depois de secar. Em primeiro, forma-se um círculo amplo ao redor do monte de peixe e começa a catar aqueles localizados nas beiradas, aos poucos a roda se estreita e os pescadores aproximam-se mais da parte central do saco; por vezes, distribuem-se em dois grupos, uns ficam sobre o saco a separar manualmente os peixes, os demais ficam ao redor de uma carroça aberta (sem as laterais, semelhante a uma mesa) enquanto um indivíduo fica em pé a utilizar o chalabar⁶⁶ para encher as

⁶⁴ In: Entrevista realizada em 15/10/2009.

⁶⁵ Verifica-se que as nomenclaturas utilizadas outrora para designar determinadas atribuições, como por exemplo, “redeiro”, “junteiro” e “atadores de chicote” já não são mencionadas pelos pescadores na actualidade, com excepção do “arraís” que ainda é bem identificado.

⁶⁶ Espécie de cesta feita com a malha da rede e uma longa alça de madeira, utilizada para pegar peixes no monte sobre o saco e despejá-los sobre a carroça, ou ainda para carregar um punhado a ser lavado na beira-mar.

caixas com peixe e despejá-las em cima da carroça para que esta equipa seleccione o pescado, de maneira a acelerar o processo de separação das espécies.

Ao seleccionarem o pescado, costumam jogar para trás as espécies que não têm saída no mercado ou às que possuem ferrão, bem como apartam uma pequena porção para levar à casa, excepto as de maior valor comercial. E ainda, alguns costumam utilizar um cordão amarrado na cintura com um estojo, onde guardam uma faca amolada para tratar o peixe e a agulha de costurar a rede. Enquanto os pescadores realizam esta tarefa, o patrão faz alguns telefonemas para informar a lota sobre as espécies capturadas e contactar alguns clientes interessados. À medida que separam o pescado nas caixas, as empilham umas sobre as outras e em seguida os mais jovens as colocam em cima da carroça, jogam água do mar para lavar os peixes e eliminar parte da areia e contam o número de caixas, após o término da selecção são levadas para a venda na lota.

Os peixes são separados por espécies em caixas de aproximadamente quinze quilos, os mais requisitados com maior preço no mercado são as lulas ou calamares, o carapau e o pilim (filhote do carapau), mas a venda deste com tamanho inferior a 13 centímetros é considerada ilegal; apanha-se também cavala, faneca e ruivo com valor comercial mediano, e ainda sardinha, selema, peixe-bola ou peixe-porco, pata-roxa, dentre outras com baixo ou nenhum valor comercial, como é o caso da tainha que fica à beira da praia, pois ninguém se interessa e segundo Sr. João⁶⁷ “não vale o tempero que gasta”. Nota-se que a sardinha já não apresenta a mesma importância que atraiu os pescadores para esta zona no século XVIII. Devido a oferta ser abundante, o seu valor diminuiu consideravelmente, segundo comentários dos pescadores, a mesma não tem saída e é difícil encontrar comprador, em oposição à Moreira (1987: 98) ao apresentar a referida espécie como a mais importante da costa portuguesa à época em função de seu valor histórico, social e pelo seu consumo. Então, quando se captura um cardume de sardinha ou demais espécies de valor comercial insignificante ou tamanho muito reduzido, percebe-se que parte é aproveitada e o restante fica na praia à disposição das gaivotas e dos “catadores⁶⁸”, pois em conformidade com Paulo⁶⁹ “quando chega lá em cima (na lota) ninguém compra”, Sr. Nelson⁷⁰ complementa “antigamente se vendia e se comia tudo, hoje... É triste, é uma tristeza”.

⁶⁷ In: Entrevista realizada em 24/10/2009.

⁶⁸ Utilizou-se este termo para designar aquelas pessoas que aproveitam os restos de peixes deixados pelos pescadores na praia.

⁶⁹ In: Entrevista realizada em 29/09/2009.

⁷⁰ In: Entrevista realizada em 06/05/2010.

Em paralelo, enquanto todos seleccionam o pescado, um indivíduo⁷¹ enrola as mangas que estão separadas nas duas carroças dos respectivos tractores e coloca-as numa única carroça formando dois montes para diferenciar as partes necessitadas de consertos e quando este termina esta função, vai ajudar os companheiros a separar os peixes; percebe-se a exaustão nesta tarefa pelo facto das mangas ainda estarem molhadas e apresentarem um peso maior. Após a selecção dos peixes, Sr. Nelson e D. Fernanda levam as caixas no tractor pequeno até à lota e os demais encarregam-se da limpeza da rede, a qual é realizada com o auxílio de tábuas de madeira para retirar as espécies menores que ficam entranhadas em sua malha; logo após, ainda com a ajuda do tractor lavam e sacodem a rede para eliminar completamente⁷² os restos de peixe e a deixam esticada na areia para secar⁷³. Então correm até à beira mar para se lavarem e limparem as calças plásticas usadas na selecção do pescado, em seguida, guardam as mesmas e os equipamentos junto ao barco e as caixas sobressalentes próximo às carroças; e no caminho de volta ao armazém recolhem alguma rede que já esteja seca e depositam-na na carroça. Esta tarefa também envolve a equipa inteira, a qual estica a rede e a coloca paulatinamente na pá do tractor, este por sua vez, com muito cuidado baixa e levanta a pá e desloca-se para a frente a fim de recolher a rede e colocá-la na carroça que se encontra mais próximo.

Ao finalizar uma jornada com bons resultados, expressam a satisfação de dever cumprido e exclamam as seguintes frases: “mais um dia de trabalho”, “agora, só amanhã”, ditas tantas vezes por diversos pescadores. Ao chegarem ao armazém, sobem em suas bicicletas e saem rapidamente enfileirados pelas ruas até dispersarem em direcção às suas casas; quando o mar é benevolente, vão animados com suas sacolas cheias de peixe, mas se a pesca for fraca, a tristeza é notória em seus semblantes e seguem cabisbaixos e insatisfeitos. Enquanto uns vão às pressas após a finalização de uma jornada na faina para poder desempenhar as demais atribuições na lavoura junto a suas esposas, o patrão, seu filho e D. Fernanda permanecem em frente ao armazém a lavar os tractores, caixas e carroças, contudo essa limpeza não é realizada todos dias e sim conforme a necessidade. Enfatiza-se que os armazéns pertencem à Câmara Municipal, mas esta os fornece às companhas para guardarem o material, as ferramentas de trabalho, salva-vidas, e até mesmo os tractores quando não vão ao mar dias consecutivos. Desse modo, todo processo pode durar cerca de 3 a 4 horas, contadas desde a entrada do barco no mar

⁷¹ No caso da companha Sr. dos Aflitos é sempre o Sr. Euclides quem realiza esta tarefa, pescador aposentado, o qual também possui a função de enrolar as cordas à medida que estas saem do mar.

⁷² Deve-se ressaltar que quando fica algum vestígio de peixe, durante à noite surgem ratos para comê-los e acabam por roer a rede, de modo que os “redeiros” estão sempre a consertar estes estragos.

⁷³ As redes devem estar secas e limpas de areias, “caso contrário o seu peso aumenta consideravelmente tornando a navegação mais difícil” (Souto, 2007: 125).

até a finalização de um lanço, todavia esta duração pode variar conforme a quantidade de peixe capturado e as condições marítimas. Por esta razão, na temporada de verão quando os dias são mais longos e, geralmente a pesca é mais abundante, as actividades são encerradas às 12 horas aos domingos e feriados como forma de garantir certo descanso aos pescadores, por isso, fazem os lanços apenas na parte da manhã.

A lota

Paralelamente à limpeza das redes, decorrem as negociações do pescado na lota, uma vez que a venda na praia é proibida por lei sob pena de pagamento alto em multa àqueles que a contrariarem. Os compradores vêm de Figueira da Foz, Aveiro, Coimbra ou pertencem à localidade e regiões vizinhas que compram para revender, mas também há aqueles que adquirem para o consumo próprio e da família. Entretanto, quando há peixes de alta qualidade, surgem interessados de Lisboa e Setúbal: os primeiros demandam o pilim vendido ilegalmente nos bastidores da lota. O leilão é anunciado por um senhor distinto, chamado Sr. João, pescador reformado contratado por alguns donos de companhia por depositarem confiança nele; e acontece por ordem de chegada, à medida que cada companhia termina a selecção do pescado, os preços variam conforme o dia e horário, conforme Sr. João⁷⁴ ser o primeiro a chegar à lota não implica necessariamente conseguir os melhores compradores e valores mais altos.

Os lances decorrem conforme a quantidade e interesse dos compradores, assim podem ser crescentes ou decrescentes, nas palavras de Souto (2007: 130) “num processo dinâmico que demonstra uma grande adaptabilidade às circunstâncias do momento”. Segundo D. Fernanda⁷⁵ quanto mais cedo o preço é mais alto, pois o peixe tem saída no mesmo dia para os revendedores, o retorno e o lucro são imediatos; já no final da tarde, provavelmente só será vendido no dia seguinte, então os preços caem. Assim, verifica-se a considerável oscilação nos valores arrecadados com a venda do pescado de maneira a se obter valores mais elevados nas primeiras e mais ínfimos nas últimas, para exemplificar observou-se a venda⁷⁶ da caixa de carapau com cerca de 17 quilos, por 26,00 euros para o produto adquirido no primeiro lanço e a 18,00 para a captura do terceiro e último lanço do dia. Ressalta-se ainda que a variação dos preços também está relacionada com determinados dias da semana, conforme Sr. Basílio⁷⁷

⁷⁴ In: Entrevista realizada em 18/10/2009.

⁷⁵ In: Entrevista realizada em 12/05/2010.

⁷⁶ Observação realizada em 11/05/2010 numa terça-feira.

⁷⁷ In: Entrevista realizada em 31/04/2010.

sábado não é um bom dia para a venda, “os preços caem muito”, e Paulo⁷⁸ acrescenta que é devido a realização de mercados em Lisboa e Setúbal “aí os compradores querem pagar menos pelo peixe aqui (Praia de Mira)”.

Em primeiro, é anunciada a espécie mais procurada, o carapau, em seguida parte-se para os demais; normalmente, a venda das principais espécies são presenciadas pelo proprietário da companhia, porém neste momento não tem poder para interferir, apenas observa. O anúncio começa com um preço, quem tiver interesse em adquirir acrescenta mais um valor em cima do inicial, quando o vendedor repete várias vezes o mesmo número é porque já não vai aumentar e quem fez o último lance leva. As espécies menores são vendidas por caixas, já as grandes por quilo: anuncia-se os lances e conforme a demanda e a qualidade dos peixes, os preços podem baixar ou subir de modo a ser tudo anotado pelo escrivão para, posteriormente ser apresentado nos relatórios, e os pagamentos pelas compras são realizados no “caixa de lota”. O escrivão, funcionário da Docapesca, anota os valores e a quantidade exacta de peixe vendida, por vezes percebe-se algum contratempo com clientes acostumados aos hábitos antigos, pois querem levar alguma caixa a mais como cortesia e desejam que o escrivão relate um número a menos de caixa, mas o escrivão não se rende, tudo o que passa pela lota é descrito em seus arquivos; porém os donos das companhias sempre arrumam um jeito de satisfazer o cliente, normalmente com uma caixa extra de peixe separada das apresentadas em lota já pensando nessas situações. No entanto, tal circunstância não é corriqueira, essas cortesias são destinadas apenas aos maiores e melhores clientes.

Deve-se ressaltar ainda, àqueles que só querem levar vantagens, estão sempre a jogar os preços para baixo visando o seu próprio lucro, desconsideram o trabalho realizado pelos pescadores e estão sempre a reclamar, seja do tamanho das espécies, da quantidade e qualidade capturada ou dos preços anunciados em leilão, são os “abutres” nas palavras de Sr. Manuel Maltês⁷⁹ e de muitos outros, e conforme relatou Sr. Nelson⁸⁰ “todos querem ganhar”. Percebe-se que, apesar de toda a faina com a xávega ser muito árdua, talvez a parte mais difícil seja lidar com determinados personagens que integram o círculo de compradores, como foi possível observar, alguns donos de companhia se revoltam com esta situação, chegam a discutir acaloradamente e muitas vezes verbalizam suas ofensas. Portanto, a lota representa outro universo no mundo da pesca, com sua própria dinâmica e directrizes.

⁷⁸ In: Entrevista realizada em 03/10/2009.

⁷⁹ In: Entrevista realizada em 05/05/2010.

⁸⁰ In: Entrevista realizada em 12/05/2010

2 Arte xávega na Praia de Mira: entre tradição e modernidade

Este capítulo inicia-se com um breve histórico acerca da ocupação e constituição da Praia de Mira enquanto comunidade piscatória de modo a traçar um perfil socioeconómico de sua população, bem como apresentar a companha Sr. dos Aflitos, a qual será utilizada como exemplo para evidenciar a organização e caracterização das empresas⁸¹ de arte xávega, uma vez que as demais caracterizam-se de maneira semelhante e obedecem a procedimentos análogos na realização da faina. Dessa forma, busca-se evidenciar os aspectos de tradição e modernidade manifestados no exercício da pesca com a xávega, os quais reflectem na reprodução social destes pescadores e na forma como se organizam.

A Praia de Mira, localizada no litoral central português e integrada à sub-região da Gândara⁸², consiste numa freguesia do Concelho de Mira criada pela lei 66/84 de 31 de Dezembro, situada no distrito de Coimbra, e dista 40 quilómetros de sua capital. Quanto à origem lendária do topónimo “Mira”, conta Pascoal (cit em Alves, 1990: 48): “Certo fidalgo espanhol, viajando no seu barco, desorientou-se no mar por causa do nevoeiro. De repente, desapareceu o nevoeiro, um marujo descobriu as dunas e gritou: Mira, mira, terra!”. Já a denominação “Palheiros de Mira”, como ficou conhecida por longo período, está atrelada às construções habitacionais de madeira instaladas a partir da fixação dos pescadores na localidade; em função do adobe não ser apropriado devido à baixa resistência à salinidade, utilizaram madeira por ser mais adequada e se apresentar em relativa abundância (Miranda, 2005: 54), assim surgiram os palheiros⁸³. Conforme Ribeiro (1960: 11-12, destaque do autor) “no seu aspecto tradicional e genético, era uma povoação singularmente *ajustada* ao ambiente: com casas levantadas sobre estacaria, por baixo das quais corria a areia impelida pelos ventos mareiros”.

Afirma-se a ocupação da localidade na segunda metade do século XVIII, quando pescadores provenientes de Ovar, Murtosa e, principalmente de Ílhavo atraídos pela abundância de cardumes de sardinha formaram reduzidos núcleos de povoamento temporário com a finalidade de lançar suas xávegas e ao final da safra retornavam para seus lugares de origem

⁸¹ Alguns pescadores também utilizam o termo “empresa” para se referirem à companha, no entanto Nunes (2005: 227) adverte: “mais do que uma empresa, a companha é, pois, uma unidade social”.

⁸² A região da Gândara é caracterizada por terrenos arenosos pouco produtivos e planos, mas com certa ondulação (dunas) e presença de lagoas; localiza-se entre o Cabo do Mondego até à ria de Aveiro e envolve parte dos concelhos de Mira, Vagos, Cantanhede, Figueira da Foz e Montemor-o-Velho (Miranda, 2005: 27). As condições geográficas presentes na localidade não eram apropriadas à ocupação humana devido à baixa produtividade do solo, havendo a necessidade de realizar intensa fertilização com o uso do moliço, estrumes, junco, mato e agulhas de pinheiro (Marques, 1993: 16; Miranda, 2005: 27-28). Dessa maneira, foi possível “transformar as areias pobres em terrenos férteis” e assim “o bandarês fez a Gândara” (Miranda, 2005: 28).

⁸³ “Agrupamentos modestos de casas de madeira com características especiais e curiosas” (Galhano, 1965: 1).

deixando a praia praticamente deserta; todavia aos poucos tal situação modificou-se para habitações de carácter permanente (Oliveira; Galhano, 1964: 52; Galhano, 1965: 1; Moreira, 1987: 202; Marques, 1993: 35; Amorin, 1998: 28). Assim, a fixação populacional definitiva efectiva-se a partir de 1860 com pequenos grupos familiares voltados sobretudo à pesca, mas passaram a dedicar-se também à actividade agrícola em consequência do crescimento demográfico intensificado na primeira metade do século XX, o qual impulsionou a emigração temporária para o Brasil devido às condições limitadas de trabalho (Brito, 1960: 35, 41; Oliveira; Galhano, 1964: 53). Em paralelo, a formação dos núcleos de pescadores findou por atrair seareiros e comerciantes das localidades vizinhas, os quais conseguiram fertilizar as areias com o uso do moliço da lagoa, caranguejos e restos de peixe; e dessa maneira, estabeleceram as bases económicas de subsistência: pesca e agricultura (Brito, 1960: 59).

Neste sentido, a primeira empresa de arte xávega na Praia de Mira reporta-se ao ano de 1790 e já na segunda metade do século XIX contava com mil pescadores a trabalhar nas dez companhias em actividade, as quais, em sua maioria, organizavam-se em sociedades devido ao alto custo dos investimentos nos barcos e nas redes e forneciam pescado para as regiões vizinhas, atribuindo a Mira o posto de principal concelho piscatório do distrito de Coimbra (Brito, 1960: 62; Marques, 1993: 69). Brito (1960: 60-61) aponta como um dos períodos áureos desta faina na referida localidade os anos de 1912 a 1920, quando a pesca era abundante e a população escassa. No entanto, a partir deste momento, devido aos baixos rendimentos adquiridos com a xávega, começa a busca por práticas mais vantajosas economicamente: uns emigram, sobretudo, para o Brasil, e durante a década de 60 para o Canadá, em busca de maiores oportunidades de trabalho; outros procuram alcançar melhores remunerações nas traineiras, na pesca de arrasto e do bacalhau.

Actualmente, a Praia de Mira consiste numa das zonas onde a manifestação da arte xávega é mais acentuada em função do elevado número de companhias em actividade se comparado com as demais praias do litoral central português. Souto (2007: 117) enfatiza a importância da região situada entre as praias de Mira e de Espinho por causa da quantidade de embarcações e homens envolvidos na referida arte, por apresentar melhor organização devido a presença de “postos de vendagem” e pelo facto da xávega ser determinante para a subsistência das populações que residem neste perímetro. Em 1922, segundo Brandão (1988 [1923]: 86), havia quatro companhias a actuar na Praia de Mira; Oliveira e Galhano (1964: 63) remetidos ao ano de 1964 asseveram: “só uma companhia da xávega aí funciona”. Assim, Miranda (2005: 163) aponta o enfraquecimento da actividade nas últimas décadas com redução no número de

empresas e de indivíduos que as integram, entretanto Nunes (2005: 16) evidencia cinco em exercício em 1995, e Souto (2007: 117) afirma a actuação de nove em 1997. Dessa forma, ao invés do declínio abordado por alguns autores (Oliveira, Galhano, 1964: 11; Moreira, 1987: 67; Miranda, 2005: 163), constata-se na Praia de Mira certo crescimento na quantidade de companhias de arte xávega e a continuidade de sua prática socioeconómica e cultural.

No presente momento, verifica-se a existência de sete a laborar, contudo nem todas possuem condições de ir ao mar todos os dias devido às dificuldades financeiras e à falta de pessoal, esta situação é acentuada sobretudo no final da safra em função dos baixos rendimentos; todavia, no começo é possível vê-las actuarem diariamente em sua quase totalidade, até Maio deste ano (2010) apenas uma não teve condições. Conforme Paulo⁸⁴, as empresas menores, em geral, são formadas por sociedades, mas “não dá certo”, pois não possuem estrutura adequada nem máquinas suficientes, “é pouca gente, não dá pra sustentar” e acabam por contrair dívidas. De acordo com Brogger (1992: 143), pelo facto de não necessitarem se associar para desempenhar suas actividades, gera-se “a promoção de um *ethos* individualista”, o qual pode ser verificado numa relativa falta de solidariedade entre as distintas companhias que será exposto mais a frente.

Acrescenta-se que o sucesso de uma empresa depende da conjugação de vários factores, Souto (2007: 127) destaca a “audácia do respectivo arrais, as previsíveis vendas (...) ou mesmo a robustez da embarcação, o que explica que, por vezes, umas companhias pesquem e outras não”. Neste ínterim, convém enfatizar o discurso de muitos pescadores sobre àquelas que possuem melhores máquinas e equipamentos de pesca, e evidenciam uma estrutura coesa e eficiente com vantagens sobre as demais; complementam, que somente as maiores⁸⁵ terão condições de se manter por um tempo prolongado. Desse modo, evidencia-se que as expectativas em relação à continuidade da pesca com a xávega não são muito extensas, por diversas vezes os pescadores afirmaram que daqui a 5 ou 6 anos, restarão apenas as mais capacitadas.

⁸⁴ In: Entrevista realizada em 03/10/2009.

⁸⁵ No caso da Praia de Mira são três empresas com melhores estruturas físicas e financeiras, com maiores equipas e melhores máquinas, são estas: Sr. dos Aflitos, São José e Alexandre Vieira; as demais se classificam como pequenas e médias companhias com estruturas de exploração mais ínfimas.

2.1 A companhia Sr. dos Aflitos: caracterização e aspectos socioeconómicos

Dentre as sete empresas praticantes da arte xávega na Praia de Mira, acompanhou-se o processo desenvolvido pela Sr. dos Aflitos, criada⁸⁶ em 1975 e nomeada em homenagem ao santo de devoção de seu proprietário. Quanto ao número de pescadores que a integram apresenta considerável variação, característica observada também nas demais companhias e na prática da xávega, como um todo. Durante a safra de 2009 era formada por 17 integrantes, dos quais 16 são homens e apenas uma mulher, destes 5 saíram: uns por insatisfação com os resultados da pesca e os baixos rendimentos no período de escassez ao final da safra, outros em decorrência de alguma intriga, discussão ou discordância também evidenciados no mesmo período e os mais jovens por conseguirem melhores condições de emprego e salário nas traineiras ou na Pescanova⁸⁷ recentemente instalada no concelho de Mira; já o começo da safra de 2010 apresenta 15 indivíduos. A maioria trabalha nesta companhia acerca de 3 a 6 anos, outros há mais tempo, estes, normalmente são pessoas ligadas por laços familiares e de afinidade com o proprietário; deve-se considerar ainda quem entrou na safra passada e completou 1 ano e os recém-chegados, os quais juntos totalizam 4 indivíduos.

Em sua totalidade, os pescadores pertencem à região e, salvo raríssimas exceções, “herdaram” a profissão dos pais, em alguns casos as mães também chegaram a trabalhar na xávega; quanto a geração seguinte, os filhos destes pescadores, alguns exercem a actividade piscatória nos barcos de arrasto no estrangeiro ou nas traineiras, outros optaram por seguir profissões distintas à pesca, seja nas empresas de construção civil, nas fábricas ou demais ocupações. Há relatos de quatro gerações consecutivas na pesca em alto mar, cada um fora iniciado pelo seu respectivo progenitor de maneira a apreender o conhecimento adquirido ao longo das ascendências e perpetuar a tradição pesqueira. Outro exemplo a ser considerado, refere-se ao dono da companhia, Sr. Nelson, o qual trabalha junto com seu filho Paulo e com seu neto Saul, incentivando a continuidade da profissão e o seguimento da companhia de arte xávega; assim justifica-se a célebre frase: “por herança nasce, vive e morre pescador” (Graça, 1992 [1932]: 20).

⁸⁶ Sr. Nelson conseguiu montar esta companhia “com dinheiro feito no Brasil”, conforme suas palavras, através da herança que recebeu após o falecimento de seu pai. In: Entrevista realizada em 26/10/2010.

⁸⁷ Pescanova S.A: multinacional espanhola que se dedica à exploração da pesca, por meio da produção, transformação e distribuição do pescado: actuando na captura selvagem de peixes, reprodução em viveiro e produtos alimentares (<http://www.pescanova.com/>).

Normalmente, iniciam-se nesta arte entre 10 e 13 anos de idade “quando se entra pra vida na pesca” nas palavras de Sr. Euclides⁸⁸, Sr. Nelson⁸⁹ complementa que “já andava por aqui desde miúdo a fazer algum serviço nas redes” com a finalidade de ganhar alguns contos. Todavia, quando cresciam e necessitavam de maiores rendimentos, buscavam a pesca de arrasto ou do bacalhau, de modo a deslocarem-se, principalmente para Alemanha, França, África e Canadá. Mas quando retornavam à Praia de Mira, empregavam sua força de trabalho nas diversas funções que envolviam a arte xávega na época dos bois. Dessa forma evidencia-se “uma unicidade de experimentação dentro de uma mesma lógica e de um mesmo conjunto de factos” (Iturra, 1990: 54). Brogger (1992: 29) aponta situação semelhante entre os pescadores da Nazaré, uma vez que, grande parte destes foram “bacalhoeiros” com o intuito de acumular capital para adquirir seu próprio barco e regressar “à terra para se estabelecer como pescadores locais”, poucos se dedicam apenas às artes locais.

A maioria dos pescadores entrevistados possui entre 60 e 66 anos, são reformados por tempo de serviço no arrasto ou no bacalhau, com exceção de sete indivíduos que ainda não possuem idade ou tempo de serviço, destes apenas três se classificam entre 20 e 30 anos. De acordo com Sr. Mário⁹⁰ os jovens “só querem vir pa pesca no verão... por causa das raparigas... as estrangeiras gostam”. A aposentadoria pela pesca nas duas modalidades referenciadas acima dá-se aos 55 anos de idade, pois “o trabalho no mar é considerado de risco” conforme relatou Sr. Topeira⁹¹, porém é necessário atingir 30 anos de serviços prestados e registados anualmente nos notários, quem não obtiver os trinta registos reforma-se aos 65 anos. Foi ressaltado que na época das guerras coloniais em África podia-se cumprir o serviço militar obrigatório nas tropas ou na pesca do bacalhau durante 7 ou 8 anos, a maioria preferia fugir da guerra e arriscar-se em alto mar, todavia conseguir uma vaga nos barcos não era uma tarefa fácil, necessitava ter influência, “conhecer algum doutor”, segundo informou Sr. Nelson⁹².

Os aposentados não possuem contrato de trabalho nem auxílio social no período da entre-safra, entre os meses de Dezembro a Março; já os mais jovens são regularizados e recebem o auxílio desemprego neste período. Contudo, o seguro de trabalho é garantido a todos: os auxiliares de terra possuem um seguro colectivo que abrange acidentes com qualquer indivíduo, os que vão ao mar possuem um individual. Por outro lado, não existe determinação de aviso prévio quando um pescador é despedido ou intenciona deixar a companhia, conforme verifica-se

⁸⁸ In: Entrevista realizada em 12/10/2009.

⁸⁹ In: Entrevista realizada em 26/10/2009.

⁹⁰ In: Entrevista realizada em 10/10/2009.

⁹¹ In: Entrevista realizada em 1º/10/2009.

⁹² In: Entrevista realizada em 26/10/2009.

nas palavras de Sr. Virgílio⁹³ ao se referir a um colega “ele se demitiu ele mesmo... e depois voltou”. No entanto, o recrutamento está centrado no poder do dono da companhia, o qual envia alguém de sua confiança para chamar quem lhe interessa e aceita sugestões dos demais integrantes, ou ainda quem desejar entrar para esta equipa, manifesta-se directamente ao patrão, e somente a este cabe a decisão de introduzir algum novo elemento. Brogger (1992: 164) acrescenta que tal processo é constante, e acentua: “ter de procurar companhia está abaixo da dignidade de um mestre”, mas garante que há algumas excepções.

Neste contexto, convém destacar a transição dos pescadores entre as distintas companhias. No início da safra, momento no qual o trabalho é mais excessivo e frequente, bem como os ganhos maiores, há considerável procura pelas empresas. Todavia, quando a pesca torna-se escassa e menos constante, surgem as insatisfações, as discussões e as intrigas se intensificam. Assim, alguns são demitidos ou cria-se alguma situação desagradável para incentivar o seu desligamento, geralmente ocorre aos que têm menos tempo de companhia; e há àqueles que saem por vontade própria, seja por não aguentarem a tensão no final da safra, seja por estarem insatisfeitos com os resultados da pesca ou com as relações pessoais internas. Neste caso, “a dignidade do mestre impede-o de se opor à vontade do *camarada*” (Brogger, 1992: 163, destaque do autor).

Conforme Brogger (idem, ibidem), quando o patrão está insatisfeito com o desempenho de algum integrante de sua equipa “não o despede directamente. Em vez disso, procura ofendê-lo e humilhá-lo em frente da companhia”; por vezes, este tratamento não intenciona a demissão, mas deve-se “à própria tensão e dramatismo que envolve a vida do mar”. Desse modo, ao iniciar a próxima safra, procuram vaga onde estiverem a necessitar de seus serviços de forma a caracterizar um fluxo intenso de pescadores entre as companhias existentes na localidade. Nas palavras de Sr. Virgílio⁹⁴ “hoje se está numa, amanhã noutra, é assim”, ao narrar seu próprio percurso em três companhias desta praia num curto espaço de tempo; tal trajectória é semelhante a de vários outros pescadores que afirmaram ter experiência nas distintas empresas permanecendo certo período em cada uma delas.

No entanto, esta característica não é exclusiva desta arte, e deve-se em função do carácter cíclico inerente às actividades piscatórias artesanais, sendo observada na costa portuguesa (Moreira, 1987: 22, Brogger, 1992: 162), e conforme Diegues (2004b: 271) também

⁹³ Pescador da Praia de Mira, possui 42 anos, actua geralmente como auxiliar de terra, mas possui conhecimento para exercer diversas funções: conserta redes, tem carteira de arrais e dirige os tractores, dentre as demais que são executadas por todos os integrantes. In: Entrevista realizada em 09/10/2009.

⁹⁴ In: Entrevista realizada em 11/05/2010.

no litoral brasileiro, como ocorre por exemplo, na faina da tainha praticada na região sudeste, onde os grupos de pesca “se recriam a cada safra e (...) se desfazem depois dela”. Para enfatizar tal aspecto, Acheson (1981: 276) aborda o carácter heterogéneo desta actividade e confirma a incerteza tanto no ambiente físico quanto no social. Contudo, Torres (2004: 78) enfatiza “a necessidade de manter a estabilidade da equipe” de maneira a considerar a personalidade e os conhecimentos de cada indivíduo. No caso da companhia Sr. dos Aflitos, apesar de apresentar significativa variação na composição dos integrantes, manifesta uma “base” mais estável e consolidada, formada por camaradas que, em número, representam aproximadamente 80% com média de 5 anos nesta empresa. Segundo Brogger (1992: 162), geralmente, esta estabilidade deve-se “mais ao êxito da empresa pelos rendimentos que proporciona, do que a quaisquer considerações de lealdade ou de camaradagem”; entretanto, percebe-se algumas relações marcadas por fortes laços de amizade, como se verifica nas palavras de um determinado camarada ao dizer, num momento crítico e de fracos resultados ao final da safra, que só continua a trabalhar na pesca com a xávega “em respeito ao Paulo⁹⁵”, assim manifesta a consideração para com o amigo; Paulo⁹⁶, por sua vez, reconhece a importância da participação deste no desempenho da companhia e afirma “é o que entende mais”.

A remuneração, por sua vez, acontece aos sábados e obedece ao sistema de partes⁹⁷ em função da aleatoriedade dos recursos marítimos e a oscilação dos preços do pescado de modo a impedir o défice da companhia durante as safras insatisfatórias, bem como equilibrar as despesas e os ganhos. Segundo Amorim (s/d: 129) este sistema consiste numa estratégia para contornar o aleatório e possibilitar uma rentabilização dos prejuízos, entretanto, para Diegues (2004b: 57) é utilizado “para melhor explorar a força-de-trabalho”. Forman (cit em Acheson, 1981: 278) garante que este sistema aumenta a motivação da equipa, uma vez que estimula a busca por melhores resultados, e reduz o risco para o patrão, pois não terá que pagar salários fixos quando os resultados da pesca forem escassos; todavia Acheson (1981: 278) afirma que os princípios estabelecidos podem variar e atenta para dois aspectos fundamentais:

“First, since a crewman’s earnings depend on the success of the boat, there is a tendency for the best crewmen to seek out the most successful captains. (...) Second, it is said to inhibit capital investment, because boat owners and investors do not receive full returns on the investment they make”.

⁹⁵ Convém lembrar que Paulo é o filho do dono da companhia. Por razões de confidencialidade optou-se por não identificar o nome do informante. In: Entrevista realizada em 15/10/2009.

⁹⁶ In: Entrevista realizada em 03/10/2009.

⁹⁷ Acheson (1981: 278) fundamentado em estudos de outros autores, confirma a existência deste sistema de partes em distintos contextos de pesca, de maneira a ser observado no Canadá (Breton, 1973), na Suécia (Löfgren, 1972), México (McGoodwin, 1976), Sri Lanka (Alexander, 1972), Ecuador (Middleton, 1977) e Ghana (Christensen, 1977).

Como os salários não são fixados, o pagamento é calculado sobre a receita bruta adquirida, reduzido das despesas com combustível e da cobrança de impostos: 10% à assistência social, 4,5% ao seguro e 4,5 para a Docapesca, a qual administra as vendas; e então divide-se o restante entre os integrantes da companhia de acordo com a função e assiduidade: o arrais e o contra-mestre são os mais bem pagos, os demais tripulantes ganham um percentual a menos e os auxiliares de terra possuem remuneração ainda inferior. Conforme Eisenstadt (1991: 267) formas diferenciadas de remuneração ou “recompensa”, no dizer do autor, estabelecem hierarquias sociais, favorecem a formação de estratos, estimulam a conquista de determinadas posições e a perseguição de certos objectivos. Para ilustrar esta busca por cargos de maior prestígio e mais compensatórios financeiramente, se evidencia o interesse de Luís⁹⁸ em ir ao mar, mas alega: “Sr. Nelson não quer”, bem como atesta-se a rejeição do rapaz pela tarefa de costurar as redes, conforme já foi abordado anteriormente. Iturra (1991: 84) justifica tal comportamento da seguinte forma: “o lugar que uma pessoa ocupa na estrutura social tem a ver com a apreciação do ofício que desempenha por relação à forma reprodutiva mais importante do seu tempo”.

De acordo com Sr. Topeira⁹⁹ os aposentados não devem ir ao mar pois correm o risco de perder a reforma e “o que ganha no mar não cobre a reforma”, contou que um colega já foi ameaçado, mas primeiramente são enviados três avisos, se o mesmo insistir lhe cortam a aposentadoria após o terceiro. No entanto, segundo D. Fernanda¹⁰⁰, nesta arte não há proibições sobre quem deve ir ao mar, entretanto àqueles que possuem uma cruz vermelha na cédula não podem ir nas pescas em alto mar, como é o caso dos arrastos, traineiras ou bacalhau; e com base na Portaria nº 488/96, de 13 de Setembro, que regulamenta a xávega, não há nenhuma restrição sobre o assunto.

As relações sociais internas à Companhia, de modo geral, revelam o sentimento de colectividade manifestado diariamente nos variados acontecimentos que envolvem a faina, o mar e a companhia, de maneira a serem compartilhadas sensações semelhantes entre os indivíduos, seja na alegria de se fazer um bom lanço e alcançar preços elevados na venda do pescado, na tristeza perante a falta de peixe, na ansiedade em ficar dias consecutivos sem trabalhar devido às condições marítimas, ou mesmo nas insatisfações diante da remuneração e o resultado da pesca. De acordo com Moreira (1987: 381-382), as redes sociais “são menos numerosas, mais homogêneas e a tradicional suspeição hostil é menos flagrante” que antigamente; assim, o autor ressalta: “o sentido de comunidade tornou-se mais amplo e mais intenso do que porventura o foi

⁹⁸ In: Entrevista realizada em 07/05/2010.

⁹⁹ In: Entrevista realizada em 1º/10/2009.

¹⁰⁰ In: Entrevista realizada em 13/05/2010.

em qualquer outro momento histórico”. Segundo Iturra (1991: 25), esta relação social “serve de referência” para a inclusão de indivíduos e para a execução das actividades. Conforme Weber (1964: 21-22) tal relação consiste na possibilidade de agir socialmente de maneira indiferente ao que a probabilidade assenta, assim manifesta uma “*conducta plural*” orientada pela reciprocidade, de modo a apresentar um carácter transitório ou permanente, neste caso pode haver a “*repetición continuada de una conducta*”.

A maioria dos pescadores possui laços de parentesco entre si, uns são primos directos ou indirectos, outros irmãos, tios, sobrinhos, pai e filho, avô e neto que representam várias gerações a trabalharem juntas; sobre os pescadores dos Palheiros de Mira, Brandão (1988 [1923]: 91) reforça: para estes “a família é sagrada”. Alguns estabelecem vínculo de amizade e compadrio, e confraternizam-se nos momentos de lazer, conforme Sr. Basílio¹⁰¹ “é tudo família”, Sr. Carlos¹⁰² ratifica “a companha é toda minha família”, em função de seu tio, sobrinho e alguns primos directos e indirectos, bem como o seu compadre fazerem parte deste núcleo socioeconómico. Em consonância a Eisenstadt (1991: 164) este acentuado vínculo familiar manifesta um aspecto relevante de tradição. Todavia, a intensificação de conflitos, intrigas e discussões permeia algumas relações nos momentos difíceis, principalmente ao final da safra devido aos fracos¹⁰³ resultados obtidos com a pesca, assim determinados camaradas ou por não aguentarem a pressão ou por motivo de intriga, findam por sair da companha.

No que se refere ao relacionamento entre as distintas companhas, percebe-se certa hostilidade e até mesmo relativa falta de solidariedade, apesar de Sr. Basílio¹⁰⁴ classificar tal relação como amigável em função de serem todos parentes ou vizinhos e já se conhecerem há muitos anos, evidencia-se acentuada competição no âmbito da pesca, a qual é confirmada por Sr. Topeira¹⁰⁵ ao relatar as disputas travadas durante o verão, se uma “fizesse quatro lanços, (a outra) fazia cinco”. Tal ideia é reforçada nos comentários manifestados entre os diversos personagens das distintas companhas, bem como entre os frequentadores da lota sobre a quantidade de lanços realizados por uma em comparação com outra, e ainda na inquietação e certo incómodo quando integrantes de uma companha “rival” aproximam-se para observar o resultado de outra. E ainda, ressalta-se que estão sempre atentos para os novos lanços realizados e para a quantidade de peixe capturado pelas demais, e assim buscam equiparar-se.

¹⁰¹ In: Entrevista realizada em 29/09/2009.

¹⁰² Pescador da Praia de Mira, está prestes a receber a reforma, é responsável pelo conserto das redes. In: Entrevista realizada em 07/05/2010.

¹⁰³ Quando o resultado não satisfaz aos pescadores, utilizam o termo “pesca fraca” para definir a situação.

¹⁰⁴ In: Entrevista realizada em 26/09/2009.

¹⁰⁵ In: Entrevista realizada em 13/10/2009.

Observou-se uma situação em que determinada companhia enfrentava dificuldades para puxar o barco para terra devido ter entrado muita água quando fora ao mar realizar o lanço, os três tractores da respectiva empresa não eram suficientes, precisava de mais força; todavia os donos das demais não disponibilizaram suas máquinas para socorrer o adversário neste momento de aflição, pois alegavam ter passado por situações semelhantes e ninguém os ajudara. Contudo, apesar das rivalidades e competições, Nunes (2005: 227) assevera que “a interacção entre as várias companhias é atravessada por redes de reciprocidade e solidariedade familiares e vicinais que se estendem muito para além da sua esfera de acção económica”.

Moreira (1987: 35) enfatiza essa rivalidade como uma das características mais “relevantes e comuns” em contextos piscatórios, a qual se evidencia na omissão de informações, no recrutamento, nas diversas relações, seja a bordo ou em terra, e “em toda a vida profissional”. Segundo Sr. Roberto¹⁰⁶, “esta vida no mar é estúpida... se fossem todos amigos e sorridentes, dava pra fazer tudo com o pé na costa, seria mais fácil, mas as rivalidades e discórdias são muitas”; desse modo, Marques (2001: 148) assegura o enfraquecimento de laços de amizade devido as intensas competições. Nunes (1999: 278; 2005: 269) complementa que esta rivalidade “se traduz pelo mais puro comportamento agonístico, pois a propriedade dos recursos é comum, posicionando-se todos em pé de igualdade face à sorte”. No entanto, esta competição não acontece apenas no campo económico, mas evidencia-se também no social, no qual os donos das companhias buscam os melhores arrais e redeiros para compor sua equipa, como afirma Brogger (1992: 162) “cada pescador compete com os outros pelos lugares mais vantajosos, e os membros competem entre si pelos companheiros mais capazes”.

Diegues (2004b: 57, 198), por sua vez, acentua o mar enquanto espaço de competição e um bem comum, no qual destacam-se imprevisibilidade e mobilidade dos recursos haliêuticos, e acrescenta: “a apropriação social desse espaço é simultaneamente um ato cultural e produtivo”. Todavia, segundo Acheson (1981: 281, 288) em algumas comunidades piscatórias, devido às intensas competições geradas em função do livre acesso, desenvolveu-se um controle sobre o direito à pesca a fim de reduzir a aleatoriedade, a concorrência e garantir mercados, de maneira a estabelecer normas e controlar a quem serão fornecidas as autorizações para pescar e as técnicas que irão ser utilizadas; o autor complementa que o objectivo de tal processo não está relacionado à preservação das espécies, mas visa garantir o peixe aos pescadores.

¹⁰⁶ Pescador reformado da Praia de Mira, trabalhou na xávega quando jovem e depois foi para os barcos de arrasto e traineiras, mas após a reforma não voltou mais à esta arte; segundo informações, esteve a procurar vaga em alguma companhia, mas não obteve sucesso por ser considerado muito conflituoso. In: Entrevista realizada em 11/05/2010.

De acordo com Sr. João¹⁰⁷, a disputa na xávega já era acirrada desde os tempos antigos na Praia de Mira, quando os donos das companhas para competir com as demais ofereciam gratuitamente um cesto de peixe a cada três ou cinco vendidos a um único comprador; Paulo¹⁰⁸, por sua vez, conta o ocorrido com uma determinada empresa que resolveu fazer o lanço próximo da sua, porém não obteve sucesso porque “espantaram o peixe pro nosso lado, aí pegamo tudo e eles nada”. Neste contexto, cabe enfatizar que a primeira companha a entrar no mar tem o direito de escolher onde será lançada a rede, normalmente posicionam-se com certa distância umas das outras, e vão deslocando-se da direita para a esquerda da praia ao longo da safra devido às correntes marítimas e à altura das marés.

2.2 A aprendizagem enquanto factor de reprodução social

“Com efeito, toda cultura, no sentido antropológico do termo, se orienta globalmente para a reprodução da vida” (Cuche, 1999: 142).

Actualmente a xávega é praticada, sobretudo, por pescadores aposentados e representa um suplemento para a reforma. Com base em relatos, notou-se que alguns necessitam dos subsídios gerados para complementar a renda familiar pelo facto da reforma ser muito baixa; todavia, outros possuem uma boa aposentadoria e não precisavam estar na xávega, mas continuam a exercer a função por razões diversas. De acordo com Sr. Topeira¹⁰⁹ “parece que tem um bichinho... que chama a gente pro mar”, como se fosse um vício ou um costume que não se consegue abandonar, pois representa um estilo de vida intenso determinado pela proximidade e pelas condições marítimas, sendo construído ao longo de “toda vida na pesca”, segundo revelou Sr. Manuel Macaca¹¹⁰. No dizer de Ramos (2009: 32, destaque do autor) “no mar, a ideologia prevalecente convida os pescadores a sentirem-se e a dizerem-se *livres*”; assim, mesmo submetidos a uma vida dura, com poucos rendimentos e uma jornada de trabalho intensa e extremamente desgastante, continuam a exercer a função depois da reforma. Conforme Nunes (2005: 308), a “atração e o fascínio pelo mar e pela pesca ultrapassam largamente a esfera das necessidades básicas para a sobrevivência, ainda que nelas mergulhem profundas e dolorosamente as suas raízes”.

¹⁰⁷ In: Entrevista realizada em 18/10/2009.

¹⁰⁸ In: Entrevista realizada em 28/09/2009.

¹⁰⁹ In: Entrevista realizada em 1º/10/2010.

¹¹⁰ In: Entrevista realizada em 29/09/2009.

Dessa forma, compreende-se que a continuidade da prática da xávega não acontece apenas em função do seu carácter económico, sua importância também está atrelada à reprodução social dos pescadores, a qual permite “reafirmar os valores de sociedade” (Diegues, 2004b: 271), por meio da interacção com os mais jovens no contexto sociocultural e económico da pesca, e dessa forma perpetuar os conhecimentos e práticas tradicionais. Segundo Iturra (1990: 17) “qualquer grupo social trabalha na continuidade da sua existência, com os conhecimentos que detém e com o objectivo de a melhorar”. E ainda, este autor assevera que a reprodução social está relacionada “à quantidade de recursos, em bens e pessoas, que cada grupo social deve reservar para garantir a sua continuidade, bem como o conhecimento com o qual se organiza a relação entre pessoas e coisas e a sua gestão” (Iturra, 1991: 133).

Dessarte, a continuidade dos pescadores reformados na actividade piscatória pode manifestar, mesmo que inconscientemente, uma necessidade de socialização¹¹¹, a qual pode ser definida como “um processo vitalício em que o comportamento humano é configurado de forma contínua por interacções sociais, permitindo que os indivíduos desenvolvam o seu potencial” e desempenhem seus papéis sociais (Giddens, 2004: 28). Neste contexto, os atributos e experiências particulares são considerados ao ocuparem uma posição “na ordem social e cultural como uma componente crucial da autoconcepção dos indivíduos enquanto membros das sociedades” (Eisenstadt, 1991: 267).

Destaca-se ainda, a importância atribuída ao trabalho enquanto forma de ocupação e reprodução social, nas palavras de Cucho (1999: 115) este “já não é só o meio através do qual se obtêm os recursos necessários à vida. O trabalho dá sentido à vida”. De acordo com Iturra (1991: 89) é o trabalho que permite a reprodução social ao fornecer “um conjunto de elementos pragmáticos que asseguram a continuidade, no tempo e dos recursos” da actividade económica, na qual “os trabalhadores são condição da reprodução” (idem: 55). Consonante a Giddens (2004: 377) “tende a ser um elemento estruturante na constituição psicológica das pessoas e no ciclo das suas actividades diárias”, independente de suas condições.

Para além de fornecer os rendimentos necessários, o trabalho permite o desenvolvimento de certas capacidades e a liberação das energias individuais, estabelece os vínculos de amizade e possibilita a organização das actividades diárias de acordo com o ritmo de sua jornada (idem, ibidem). Convém enfatizar que, na pesca a definição de uma rotina e do ritmo de trabalho são ordenados pelas condições marítimas e pela intensidade dos ventos de maneira a não haver um horário definido para terminar as tarefas, nem domingos e feriados, assim, se o

¹¹¹ Conforme Giddens (2004: 27) a socialização “constitui o principal canal de transmissão da cultura através do tempo e das gerações”.

mar estiver bom, tem-se um dia de trabalho normal, no dizer de Brito (1960: 69) “só o mau tempo os faz parar”. Contudo, Sr. Nelson costuma liberar a companha aos domingos à tarde como forma de garantir uma folga, e conforme revelou Sr. Basílio¹¹² “domingo deveria ser dia de descanso, ninguém deveria ir ao mar, mas os patrões não conseguem entrar num acordo... se um for, os outros vão... ninguém quer perder”.

Quanto à questão da xávega representar à manutenção de um estilo de vida, Giddens (1994: 4) argumenta que na sociedade moderna

“Quanto mais a tradição perde a sua influência, e quanto mais a vida diária é reconstituída em termos do jogo dialéctico entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a negociarem escolhas de estilos de vida de entre uma diversidade de opções”.

Desse modo, se por um lado, os aposentados continuam a desempenhar seus papéis sociais no contexto da arte xávega, por outro, a nova geração não manifesta o mesmo interesse no desenvolvimento desta prática, pois são raros os que desempenham alguma função nas companhas de modo a representar um agravante no processo de reprodução social, pois segundo Iturra (1990: 66) este ocorre “por descendência”. A maior parte dos jovens que trabalha com pesca actua, como já foi mencionado anteriormente, nos barcos de arrasto e traineiras no estrangeiro e estão adaptados a um ritmo de vida distinto, mais dinâmico e satisfatório economicamente, portanto não buscam a xávega nem mesmo quando estão em terra a passar férias, como seus antecessores faziam no passado.

Conforme Sr. Basílio¹¹³, certa vez seu filho esteve em terra por um período mais prolongado e chegou a “andar” pela xávega, mas não aguentou “isso aqui não é pra ele”, assim acontece com os filhos dos demais pescadores reformados; no período em que decorreu a observação participante não se avistou nenhum a empregar sua força momentaneamente na xávega. Dessa forma, se verifica que a escolha destes é distinta e pode ter implicações futuras na continuidade desta arte enquanto reprodução social e manifestação socioeconómica. Contudo, nem sempre tal processo representa uma “escolha”, mas sim pode manifestar o *habitus* próprio de cada geração. Segundo Bourdieu (2002 [1972]: 167, destaque do autor), este deve ser

“entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma *matriz de percepções, apreciações e acções* e torna possível cumprir tarefas infinitamente diferenciadas, graças à transferência analógica de esquemas”.

¹¹² In: Entrevista realizada em 1º de Maio de 2010 – dia do trabalhador, actividade normal na pesca com a xávega na Praia de Mira, contudo, Sr. Nelson decretou descanso pela parte da tarde.

¹¹³ In: Entrevista realizada em 30/04/2010.

Wacquant (2004: 39) complementa que o *habitus* actua no sentido de guiar as “acções que assumem o carácter sistemático de estratégias mesmo que não sejam o resultado de intenção estratégica”. Como acontece com as “escolhas” dos filhos de pescadores aposentados que “preferem” se dedicar às pescas mais vantajosas e, assim, conquistar uma qualidade de vida mais elevada, ao invés de empregarem suas forças na xávega. Neste contexto, pode-se dizer que tal atitude representa uma estratégia pensada e orientada visando o crescimento económico individual, a qual é incorporada nas famílias de diversos pescadores de modo a caracterizar um movimento profissional peculiar desta geração que ainda actua na pesca. Dentro desta perspectiva, Costa e Rodrigues (2000: 117) estabelecem uma relação entre estratégias de sobrevivência¹¹⁴ e reprodução, tanto social como física, e asseveram que ambas constituem “um conjunto de lógicas e práticas articulando o tradicional e o moderno, resultando das transformações e readaptações das sociedades a novos contextos”.

Convém ressaltar que o desenvolvimento da reprodução social viabiliza-se, principalmente, por meio do processo de aprendizagem, o qual, de acordo com as informações prestadas pelos pescadores da arte xávega, acontece na praia no contexto piscatório de modo informal, espontâneo e individual por meio da observação e convivência com os mais experientes, conforme argumentou Sr. Euclides¹¹⁵ “aprendi por mim mesmo, ninguém me ensinou”. De acordo com Iturra (1990: 121) “aprende-se imitando e ouvindo, participando activa e intensamente no mundo dos adultos”; assim, de uma maneira natural adquire-se o conhecimento e a prática. No dizer de Giddens (2004: 29), por meio desta interacção, os indivíduos podem “aprender as normas, valores e crenças que constituem os padrões da sua cultura”. Neste contexto, os mais velhos orientam os jovens tanto em assuntos técnicos inerentes à xávega, quanto em questões morais, de valores e bom comportamento, pois repreendem quando percebem algum desvio de conduta.

Portanto, a apreensão deste conhecimento exige atenção nas acções repetitivas desempenhadas nesta faina e, principalmente “muito treino visual, por forma a exercer a necessária vigilância do comportamento da grande massa líquida e a executar sincronizadamente as diferentes tarefas impostas pelo arrais e pelos ritmos próprios da laboração” (Nunes, 2005: 19). Conforme Iturra (1991: 29) para uma cultura que se configura pela transmissão do conhecimento, “a prática da iminência do fim e da finitude da vida em relação ao tempo que leva a desenvolver o corpo e a inculcar o saber, é uma metáfora das relações entre gerações”. Neste

¹¹⁴ De acordo com Costa e Rodrigues (2000: 4), o termo “estratégia de sobrevivência” está relacionado à satisfação das necessidades básicas com vistas à melhoria na qualidade de vida.

¹¹⁵ In: Entrevista realizada em 12/10/2009.

sentido, vê-se os jovens no auge de sua vitalidade, com força e disposição, por outro lado, os mais velhos, já não possuem o mesmo vigor, mas dominam as técnicas, conhecimentos e mecanismos de realização da faina que só são adquiridos com muita experiência.

Acrescenta-se ainda, que o processo de aprendizagem acontece ao longo de toda a existência, pois mesmo os mais velhos e experientes, por vezes, recebem instruções de camaradas de mesma faixa etária, por não saberem desempenhar determinadas funções. Tal circunstância foi observada quando quatro redes rebentaram num intervalo de uma semana em função da força das correntes marítimas, assim a demanda para os “redeiros” aumentou e fez-se necessário instruir outro indivíduo para exercer a função de “junteiro”, àquele que corta e remenda a costura do saco da rede para esta ser utilizada novamente. Assim, o aprendizado se dá em distintos contextos, conforme a necessidade do momento, por vezes, nota-se que certos indivíduos que não estão habituados a determinadas tarefas e precisam executá-las, recebem a instrução no acto, de forma clara e objectiva, de maneira a viabilizar uma “acumulação gradual de conhecimento” (Eisenstadt, 1991: 286). Concordante a Iturra (1991: 187) “o conjunto deste saber é a estrutura que é mantida e desigualmente transmitida no tempo às pessoas que vêm ocupar os lugares previstos pelo grupo social e que aprendem sobretudo através da acção”.

De acordo com Moreira (1987: 351), tal aprendizagem é resultante de uma “cuidada e sucessiva observação empírica das características e relações ambientais” da qual “depende o seu sucesso económico, social e cultural, enquanto pescadores”. Assim, através de seus conhecimentos e experiências pessoais conseguem fazer previsões meteorológicas, diminuir os riscos e identificar a movimentação das marés, correntes e ventos para obter um bom resultado na pesca, de maneira a adquirirem um estatuto social mais elevado no meio em que estão inseridos em função de suas habilidades e proezas. Conforme Iturra (1990: 58) é este saber “que introduz as formas da reprodução social, as formas de entender o que é imprescindível e do que não é necessário para a continuidade histórica do grupo”.

Por outro lado, deve-se destacar os mecanismos modernos que complementam o processo de aprendizagem e manifestam a predominância do Estado sobre o local, como é o caso da actuação das escolas de navegação e pesca que fornecem o ensino técnico formal e emitem a carteira de condução para barcos, também chamada pelos pescadores de carteira de mestre, obrigatória ao arrais sob pena de aplicação de multa à companhia se o mesmo não apresentar durante uma fiscalização. E ainda, na actualidade verifica-se o uso da *internet* para previsões meteorológicas e marítimas de modo a permitir um plano de trabalho, com a determinação de folga e liberação da companhia para descanso nos dias em que o mar encontrar-se-á agitado ou

haverá ventos fortes, nas palavras de Sr. Carlos¹¹⁶ “agora com a *internet* sabes tudo, quando dá chuva, vento, quando o mar tá alterado... sabes tudo”.

Normalmente, quem faz as consultas à *internet* é um dos rapazes, Saul, pois domina melhor estes mecanismos. Sr. Carlos¹¹⁷ enfatiza a importância do avanço tecnológico porque antes eles não podiam prever as mudanças bruscas nos fenómenos naturais e, agora através das previsões evidenciadas tanto na *internet* quanto na televisão, permitem maior conhecimento, principalmente sobre a velocidade e direcção do vento, variações marítimas, e assim evitam-se acidentes e prejuízos; como o acidente ocorrido com o barco há algum tempo, quando certa noite, o mar subiu inesperadamente, atingiu o barco que fica encostado na areia da praia, jogou-o em várias direcções deixando-o todo partido; hoje situação como esta já não ocorre, é “muito bom”, concluiu.

Dessarte, verifica-se a presença de determinados aspectos da cultura tradicional no exercício da actividade piscatória com a xávega, como pode se observar no exemplo da companhia Sr. dos Aflitos. Neste ínterim, a organização da estrutura social é marcada por fortes relações de parentesco e compadrio; a repetição dos movimentos e técnicas; a definição de um calendário de trabalho baseado no ciclo dos ventos e das correntes marítimas; o sistema de remuneração baseado na divisão estabelecida pelo sistema de partes; as relações de trabalho não possuem um contrato e estão concentradas na figura do patrão; o aprendizado ocorre de modo informal, empírico e acumulativo de maneira a promover a reprodução social; bem como se verifica a permanência de símbolos e crenças atribuídos à tradicionalidade das gerações anteriores. Por outro lado, manifesta consideráveis mudanças e adaptações que integram seus praticantes no contexto da modernidade, como por exemplo, a utilização da televisão e da *internet* para prever a intensidade dos ventos, precipitação de chuvas e movimento das marés; mudanças de estatutos sociais e posicionamentos socioeconómicos; a multiplicidade de alternativas económicas; a manipulação de equipamentos modernos, como o motor dos barcos e os tractores, os quais exigem a aprendizagem formal e sistemática fornecida pelas escolas de navegação e condução de veículos pesados. Portanto, assegura-se que esta arte, assim como seus praticantes estão inseridos na modernidade e são geridos e organizados segundo padrões determinados pela mesma, mas conseguem manter aspectos fundamentais de tradição, os quais permitem sua reprodução socioeconómica e cultural.

Nesta perspectiva, Canclini (1998: 356) assevera: “a modernidade não é um espaço no qual se entre ou do qual se emigre. É uma condição que nos envolve, nas cidades e no

¹¹⁶ In: Entrevista realizada em 07/05/2010.

¹¹⁷ In: Entrevista realizada em 13/05/2010.

campo”, por vezes, representa “um simulacro urdido pelas elites e pelos aparelhos do Estado” (idem: 25). Na concepção de Giddens (1994: 1, 30), esta “altera radicalmente a natureza da vida social quotidiana” de forma a romper com “o enquadramento protector da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações impessoais muito maiores”, como se evidencia na legislação imposta pelo Estado que ordena a prática da pesca com a xávega. Todavia, Giddens (1995: 29) argumenta que “podem encontrar-se muitas combinações do moderno com o tradicional nos contextos sociais concretos”. Canclini (1998: 18), por sua vez, aponta “cruzamentos socioculturais” em que tais contextos são associados de maneira a gerar dúvidas sobre o sentido e o valor da modernidade. Para este autor, a manutenção de funções tradicionais ocorre em paralelo ao desenvolvimento de outras modernas em determinados processos económicos e culturais; apesar da diminuição das primeiras, estas não são totalmente suprimidas (idem: 22).

Conforme Eisenstadt (1991: 164) “quanto mais uma sociedade exhibe ou desenvolve as características essenciais da especialização estrutural e quanto mais elevada é a sua posição em diversos índices de mobilização social, mais moderna é”, e terá condições para absorver as sucessivas mudanças que acompanham o “crescimento contínuo”. Neste aspecto, se por um lado, no contexto da xávega verifica-se um baixo grau de especialização estrutural; por outro, percebe-se que os índices de mobilidade social são relativos, pois as estruturas de exploração económica continuam concentradas nas mãos de poucos, são os donos das companhias que detêm este poder, ou porque herdaram-na do pai, ou porque conseguiram montá-la com alguma herança recebida, ou devido à acumulação de renda à custa de muito trabalho durante tempos remotos de sucesso na pesca do bacalhau. Estas façanhas permitiram certa mobilidade à medida que alguns conseguiram adquirir a propriedade sobre os meios de produção, dessa forma abandonando o estatuto de empregado para assumir o de patrão.

Contudo, na maioria dos casos, não houve esta mobilidade social, pois sempre trabalharam para os patrões, seja na pesca com a xávega, seja nos arrastos, traineiras ou bacalhau; e hoje, após a reforma continuam nesta mesma condição. Entretanto, apesar de não terem atingido um estatuto social diferenciado, pode-se assegurar que conquistaram uma considerável melhoria na qualidade de vida de maneira a evidenciar um crescimento socioeconómico avultado na localidade. Ressalta-se ainda, àqueles que conseguiram organizar-se em associação, todavia, conforme já foi evidenciado anteriormente, não possuem estrutura suficiente para se manter por longos períodos e disputar em condições de igualdade com os demais.

De acordo com Eisenstadt (1991: 164) as sociedades mais aptas a se modernizar são àquelas mais próximas do tipo moderno e que podem “levar a cabo as mudanças que assegurarão o maior grau de expansão e mudança contínua”. No entanto, o autor chama atenção para esta abordagem, uma vez que “tais relações nem sempre se verificam entre os índices de mobilização social e formas específicas de diferenciação estrutural, por um lado, e a capacidade para absorver o crescimento e a mudança contínuos, por outro” (idem, ibidem). E garante que para se conceber uma economia moderna é necessário haver “mercados, trabalho, capital e procura de produtos industriais” (idem, ibidem); assim os índices de modernidade estão relacionados com a existência de tais aspectos. Dessa forma, por ter se adaptado a este contexto e obedecer a relação de mercado, bens e capital, a arte xávega ainda se sustenta na actualidade.

Ainda segundo Eisenstadt (1991: 299) as tendências que impulsionaram a modernidade relacionavam-se directamente com o processo de desenvolvimento económico e “não constituíram fenómenos isolados, mas antes uma série de processos, que reforçaram continuamente entre si, culminando na emergência gradual de novas ordens sociopolíticas e económicas”. Desse modo, para o autor a difusão da modernidade eliminou ou enfraqueceu determinadas características tradicionais, principalmente a “legitimação das ordens social, política e cultural”, embora, paralelamente, tenha gerado “uma dinâmica contínua de reconstrução de outros aspectos da tradição, que se desenvolveu muitas vezes como resposta aos problemas criados pelo colapso da legitimação tradicional” de tais ordens (idem: 305). Giddens (1995: 30), por seu turno, ratifica que “mesmo na mais modernizada das sociedades modernas, a tradição continua a desempenhar um papel”. Por vezes este papel está relacionado à reprodução social de um grupo, à manutenção de aspectos culturais de um modo de vida peculiar, ou ao desenvolvimento de formas complementares de subsistência que garantem um crescimento económico e uma qualidade de vida mais elevada.

Para Eisenstadt (1991: 305) os processos de modernização estão relacionados à “diferenciação crescente, mobilização social, um colapso ou enfraquecimento da tradicionalidade e dos parâmetros culturais” de maneira a estabelecerem uma série de dificuldades perante a regulação dos

“grupos emergentes e em contínua evolução, bem como dos conflitos crescentes entre eles; de integração destes grupos num enquadramento institucional comum; e de criação de alguns novos focos de identidade nacional e colectiva, em que se combinem em certa medida de tradição, a modernidade e a mudança”.

Contudo, o autor argumenta que o maior problema “reside na capacidade para forjar e manter uma estrutura institucional apta a absorver mudanças que ultrapassem as suas próprias premissas

iniciais, e lidar com problemas novos e em contínua mudança” (idem: 306). Nesta perspectiva, percebe-se que tanto a arte xávega quanto os pescadores envolvidos com a mesma, incorporaram significativas mudanças em seu quotidiano de trabalho e pessoal de modo a adaptarem-se às exigências da modernidade com a manutenção de determinadas características tradicionais e assim, conseguiram, até então, viabilizar sua prática socioeconómica num novo contexto político, económico e social. Assim, surge o questionamento: “até que ponto pode uma tradição preexistente incorporar-se nos novos padrões centrais de cultura e *tradição*?” (idem: 285, destaque do autor). Ou ainda, até quando a arte xávega conseguirá se manter enquanto actividade económica e social nas areias do litoral central português?

Cap. 3 A arte xávega como uma estratégia de maximização dos recursos económicos

“O contacto com a terra obriga o homem a olhar para o chão, o convívio com o mar obriga-o a levantar a cabeça” (Brandão, 1988 [1923]: 91)

A prática da pesca artesanal, de uma forma geral, é marcada pela existência de diversas alternativas utilizadas para contornar a aleatoriedade dos recursos marítimos, pois, nas palavras de Moreira (1987: 21), “o dia de manhã é uma incógnita, que se reflecte nos hábitos quotidianos e nas formas de mentalidade e favorece estratégias específicas de adaptação”. Neste sentido, o presente capítulo aborda as variadas estratégias utilizadas pelos pescadores a fim de obter uma maximização nos recursos económicos e contornar a aleatoriedade inerente à pesca, de maneira a enfatizar a importância atribuída à participação feminina em tal processo. Dessa forma, Acheson (1981: 291) ratifica a estratégia de combinar variadas fontes complementares para superar às incertezas características dos recursos do mar. Assim, os pescadores buscam a caça, a agricultura, o turismo, outras modalidades de pesca e demais ocupações; raramente se dedicam com exclusividade à actividade piscatória. Em alguns casos, para garantir uma maior rentabilidade, utilizam “estratégias de produção variadas e, até mesmo, métodos predatórios de pesca, dado que seus instrumentos usuais de pesca, nem sempre acompanham a produtividade exigida pelo fluxo comercial da demanda dos mercados” (Nacif, 1994: 11).

Costa (2007: 8) define tais estratégias como “o conjunto dos processos desenvolvidos pelas famílias com vista à sua subsistência física, social e cultural”. Costa e Rodrigues (2000: 117, destaques das autoras) complementam que estas recorrem a uma “*bricolage* entre o *tradicional*, o *habitus* e as situações inéditas, decorrentes da modernidade e das conjunturas diversas”. Nesta perspectiva, convém enfatizar que as estratégias de sobrevivência¹¹⁸ baseiam-se na realização de múltiplas actividades económicas visando um complemento para a renda gerada pela actividade piscatória e, conseqüentemente, a maximização dos recursos. Tal aspecto pode ser observado em diversos contextos de pesca, como apontam os estudos de Acheson (1981: 291), Moreira (1987: 21), Alves (1990: 13), Brogger (1992: 158), Cole (1994: 35-36, 84), Marques (2001: 190), Amorim (2003: 365), Diegues (2004: 153), Torres (2004: 69-70), Souto (2007: 141).

Cole (1994: 35-36), em seu trabalho realizado em Vila Chã, atesta o desenvolvimento de uma série de actividades económicas praticadas pelas famílias de pescadores

¹¹⁸ De acordo com Costa e Rodrigues (2000: 4), o termo “estratégia de sobrevivência” está relacionado à satisfação das necessidades básicas com vistas à melhoria na qualidade de vida.

com o intuito de garantir a subsistência. Assim, para complementar os recursos obtidos com a pesca, dedicavam-se à comercialização de algas, as quais eram recolhidas no mar e secas ao longo da praia durante o Verão a serem utilizadas como fertilizantes nas lavouras e dunas, trabalhavam à jorna para os agricultores durante as plantações e as colheitas em troca de alimento, pescavam à linha para o consumo interno e vendiam o excedente, criavam animais e cultivavam pequenas hortas também voltados para a alimentação familiar, bem como, recolhiam nas matas lenha, caruma e pinhas para vender ou trocar por outros produtos (idem, ibidem). Dessa forma, “advinha-lhes uma magra subsistência destas actividades sazonais, e eram frequentes os períodos de fome e de dificuldade, particularmente durante os meses de Inverno rigoroso, quando não podiam ir ao mar” (idem: 36).

Sobre as estratégias utilizadas pelos pescadores da Praia de Mira, convém relembrar suas raízes históricas associadas a contextos mais abrangentes, as quais foram determinantes para a actual situação em que se encontram. Neste sentido, devido aos fracos resultados obtidos na prática com a xávega, a partir de 1920 (Brito, 1960: 61) os pescadores sentem a necessidade de buscar trabalho na pesca do arrasto, bacalhau, ou nas traineiras, principalmente em Figueira da Foz, Aveiro, Peniche e Matosinhos a fim de obter maior remuneração, e desse modo conseguiram uma melhoria económica e aumentaram a expectativa de vida da população. Por outro lado, essa busca os afastou de suas residências em função dos longos períodos em que estavam nos barcos. As mulheres, por sua vez, nunca sabiam se seus entes queridos voltariam ou não para casa, e como eles passavam muito tempo em alto mar sem dar notícias, por não saber o paradeiro deles, vestiam-se de preto com um lenço na cabeça, “pareciam umas velhinhas”, no dizer de Sr. Manuel Macaca¹¹⁹. Sr. Topeira¹²⁰ complementa que além das viúvas, mães e esposas se vestiam de preto quando os homens iam para o mar, era como se eles já tivessem morrido, “davam-nos por morto... elas ficavam viúvas e nós vivo”. E ainda hoje é possível ver as senhoras mais antigas em luto a andar pelas ruas, contudo já não há o costume de vestir-se de preto na ausência dos maridos ou dos filhos.

Brito (1960: 57) levanta a possibilidade da procura pelas traineiras, arrastos e bacalhau ter substituído a emigração para o Brasil¹²¹, intensamente realizada nas primeiras crises da pesca, e para o Canadá em meados da década de 50. Nessas ocasiões os homens partiam na

¹¹⁹ In: Entrevista realizada em 15/10/2009.

¹²⁰ In: Entrevista realizada em 1º/10/2009.

¹²¹ Em função do moroso desenvolvimento industrial que impossibilitou a absorção do excedente demográfico em Portugal, a emigração para o Brasil foi apontada durante o período de 1870 a 1930 como a principal alternativa para amenizar os problemas económicos intensificados com os altos índices de desemprego e viabilizar o desenvolvimento social, tornando-se “uma válvula de escape que atenuou as tensões sociais” (Pereira, 2002: 85).

esperança de poderem trabalhar, juntar algum recurso para ajudar a família e comprar um barco para desempenhar suas actividades piscatórias, algumas vezes chegavam a partir na companhia da esposa e dos filhos, mas estes casos consistem em raras excepções. Dentre os pescadores da Praia de Mira, muitos são os relatos sobre experiências pessoais e de terceiros que tentaram a vida do outro lado do Atlântico: uns voltaram sem muitos ganhos, outros conseguiram montar suas próprias companhias ou investir em algum negócio, alguns chegaram mesmo a abandonar a família e nunca mais se teve notícias, e há aqueles que nunca desampararam os seus, trabalharam arduamente e conseguiram assegurar melhores condições de vida para suas esposas e filhos.

Ressalta-se ainda, as migrações sazonais realizadas durante a fase da entre-safra, nos meses de Dezembro a Março, quando grupos de homens deslocavam-se a pé, devido às dificuldades económicas vivenciadas na época, para a região do Alentejo com o intuito de trabalhar nos arrozais a preparar e semear a terra. Conforme Sr. João¹²², “não ficava um palmo sem ser semeado: no alto dos montes plantava-se trigo, na parte plana plantava-se arroz (...) era lindo ver aquelas ondas de vento na plantação de trigo”, e tristemente conclui “hoje já não se planta mais nada, tá tudo abandonado”. Sr. Topeira¹²³, por sua vez, informa que o período da ditadura fora um tempo muito difícil “o povo passava fome e não tinha comida”, então “ia cavá em outras zonas, cavá a terra pa plantação de arroz (...) saía tudo junto, uns 100 homens”. De acordo com Brito (1960: 72), tal jornada começou a ser praticada em meados da década de 1920 em direcção ao vale do Sado, todavia Marques (1993: 79) relata sobre acontecimento semelhante em 1868 quando partiram 600 homens de Mira subsidiados pela administração do Concelho em parceria com a “Real Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses”, a qual estabelecia um desconto de 50% nas passagens de comboio para as terras alentejanas “pois o costume fá-lo-ia deslocarem-se a pé”.

Esta situação económica é narrada por diversos pescadores ao relatarem suas histórias e trajectórias assinaladas pelas dificuldades enfrentadas à época e pelas lembranças de miséria e necessidade que marcaram suas infâncias. De acordo com Sr. Carlos¹²⁴ a situação de pobreza estava relacionada à falta de emprego, pois naquela altura “não havia trabalho” e as companhias eram formadas por muitas pessoas, então na hora de dividir os rendimentos “não dava nada”. Desse modo, eram impulsionados a procurar outras artes de pesca realizadas em alto mar consideradas mais rentáveis, todavia quando estavam em terra buscavam a xávega como forma de maximizar os recursos e complementar a renda familiar; as mulheres, por sua vez,

¹²² In: Entrevista realizada em 18/10/2009.

¹²³ In: Entrevista realizada em 1º/10/2009.

¹²⁴ In: Entrevista realizada em 12/05/2010.

dedicavam-se ao trabalho na lavoura e prestavam auxílio na xávega, e assim foi possível conseguir melhores condições de vida à custa de “muito trabalho”, nas palavras de Sr. Nelson¹²⁵. Importa ainda acrescentar a semelhança nas experiências e trajectórias vivenciadas por estes pescadores, bem como nas demais estratégias utilizadas na maximização dos recursos.

Segundo Oliveira, Galhano e Pereira (1990: 126), “antes de seguirem para as cavas do arroz”, estes pescadores se deslocavam para a região de Buarcos a fim de integrarem as companhias do pilado e trabalhar na pesca do mexoalho¹²⁶ durante a noite ou quando tinham folga “nas épocas mortas da sardinha”. Oliveira e Galhano (1964: 12) acentuam as migrações internas em busca de fontes complementares, seja na dedicação a outras modalidades de pesca, na agricultura junto às dunas, nos trabalhos nos arrozais ou na pesca no Tejo; assim, nota-se que onde encontrassem oportunidade de obter algum rendimento, disponibilizavam suas forças e dedicação. Na actualidade, destaca-se ainda, a conquista de elevados lucros com o aluguer de casas a turistas durante o Verão, conforme Nunes (2005: 308) “o veraneio proporcionou às populações piscatórias boas oportunidades para a obtenção de rendimentos sazonais mais seguros do que os do mar”. Marques (1993: 76) fundamentada em documentos históricos, assegura tal prática na Praia de Mira desde o século XIX, Alves (1990: 67) argumenta “à medida que a pesca artesanal cai em desuso” desenvolve-se a actividade turística em função da atracção exercida pelo mar¹²⁷.

A agricultura, por sua vez, sempre representou uma actividade complementar à pesca, e está presente neste contexto desde a formação dos núcleos de povoamento na Praia de Mira, destinada à subsistência e ao consumo da família com base em pequenas explorações artesanais de legumes, cereais, frutas e hortaliça; acrescenta-se a criação de animais para consumo próprio, entretanto em ambos os casos pode ocorrer a venda de determinados géneros quando há excedentes na produção; deve-se ressaltar o cultivo de piri-piri voltado ao abastecimento das fábricas de produtos alimentícios localizadas na região. Miranda (2005: 158) ressalta o importante papel da criação de gado usado como força de trabalho na produção agrícola e no fornecimento de adubo gerado pelos estrumes e das vacas *turinas* (leiteiras) no provimento do leite. Destaca-se ainda, o papel destes como mão-de-obra na tracção dos barcos e

¹²⁵ In: Entrevista realizada em 26/10/2009.

¹²⁶ Também conhecido por pilado, caranguejo ou escasso (Oliveira, Galhano, Pereira, 1990: 126).

¹²⁷ Conforme Diegues (2004b: 50), esta atracção pelo “imaginário marítimo (...) significa um retorno ao ventre do criador”, no qual as memórias do mar representam o “meio primordial da vida, à semelhança do útero materno e seus líquidos para o qual o ser humano gostaria de voltar”; o autor evidencia a associação do mar à origem da vida em diversas mitologias, como por exemplo, a egípcia e a hindu.

das redes da xávega até a década de 80, todavia, hoje já não se encontra tal criação, nem tampouco a produção leiteira.

Em função desta diversidade económica, pode-se caracterizar estes trabalhadores como pescadores-agricultores¹²⁸, segundo a classificação de Brito (1960: 44) e os critérios de Moreira (1987: 151), pois possuem a pesca como actividade de subsistência fundamental e dedicam-se à agricultura como forma de complementar a renda. Tal aspecto se verifica nas palavras de Sr. Nelson¹²⁹: “ainda temos que lavar... aqui lava-se também”, ou ainda no dizer de Sr. Topeira¹³⁰ “somos pescadores gandareses”, os quais após a jornada de trabalho na faina piscatória voltam-se ao trabalho na lavoura a cuidar das hortas e alimentar a criação de animais, porém Sr. Manuel Maltes¹³¹ garante “a pesca é a principal”. Conforme alega Sr. João¹³², a pesca nunca representou a única fonte de renda para os pescadores, pois sempre precisaram de outras fontes de sustento pelo facto da xávega nunca ter fornecido o suficiente para satisfazer as necessidades da família, tanto no passado quanto no momento presente. Dessa forma, podem obter certo equilíbrio em seus rendimentos, pois, se por um lado, os recursos do mar são inconstantes, por outro lado, os da agricultura permitem uma estabilidade um pouco maior. Contudo, Brandão (1988 [1923]: 54) enfatiza “o homem é acima de tudo pescador. Depende do mar e vive do mar”, e assim ratifica a pesca enquanto actividade económica essencial.

Perante a diversidade de estratégias apresentadas, Costa (2007: 121, destaque da autora) enfatiza a importância atribuída à “*imaginação*” e ao acúmulo de experiências, os quais permitem maior versatilidade, articulação e aproveitamento sobre as oportunidades momentâneas. A autora salienta ainda, o papel das relações sociais enquanto um meio para captar recursos, pois atesta que “as formas de rentabilização dependem das relações sociais preexistentes entre as partes” (idem: 122). No caso da pesca, muitos integram às companhias de xávega ou dos barcos de arrasto e traineiras intermediados por pessoas de seu convívio.

Portanto, percebe-se a utilização de múltiplas actividades simultâneas pelos pescadores desde a fixação dos núcleos de povoamento até os dias actuais, justificada, principalmente, pela aleatoriedade dos recursos adquiridos com a actividade piscatória, a qual mesmo durante os meses de maior abundância de peixe apresenta variedades, de modo a impedir a prática da pesca por dias consecutivos devido à força das correntes marítimas provocada pela intensidade dos ventos. Outros factores que contribuem para justificar o apelo a tais estratégias

¹²⁸ Pode-se ainda adoptar a nomenclatura “pescadores-lavradores” ou “pescadores-camponeses” (Amorim, s/d: 122).

¹²⁹ In: Entrevista realizada em 26/10/2009.

¹³⁰ In: Entrevista realizada em 09/10/2009.

¹³¹ In: Entrevista realizada em 05/05/2010.

¹³² In: Entrevista realizada em 18/10/2009.

referem-se à dependência directa em relação às condições do mar e climáticas, ao ritmo de trabalho intenso e demais aspectos que conduzem a busca por meios complementares para garantir maior segurança nos rendimentos. E ainda, durante o período da entre-safra, normalmente adoptam outras práticas para complementar a renda, alguns dedicam-se à pesca do robalo, espécie com elevado valor comercial e presente na costa durante os meses de inverno; outros pescam com as canas, redes de emalhar, vão à caça ou buscam trabalho “nas obras”, para usar a expressão local; e ainda há àqueles que se destinam apenas aos cuidados da lavoura de maneira a ajudar suas senhoras, e aproveitam o tempo livre para descansar um pouco do ritmo árduo peculiar da faina com a xávega.

Importa lembrar que, na actualidade, a arte xávega é praticada, principalmente, por pescadores reformados e representa um complemento para a renda familiar, como se observa no dizer de Sr. Topeira¹³³: “isso aqui não dá nada... não dá pra sustentar uma família... é um suplemento pra reforma (...) os rapazes não têm família, filhos, mulher... são solteiro ainda”; Sr. Carlos¹³⁴ confirma “isso é pra reformados” e Sr. Manuel Maltês¹³⁵ argumenta que “a reforma é pouca”, por isso necessitam de um complemento para garantir uma qualidade de vida mais elevada. Contudo, nem todos os pescadores aposentados da Praia de Mira continuam no exercício da actividade piscatória com a xávega, Sr. Basílio¹³⁶ ressalta àqueles que conseguiram subir de cargo nos barcos do arrasto ou bacalhau e conquistaram uma boa reforma, assim “não se sujeitam a esta vida”. Assim, a continuidade dos pescadores na actividade piscatória com a xávega está directamente relacionada com mais uma estratégia de maximização dos recursos económicos, como se percebe nas palavras de Sr. Basílio¹³⁷ ao justificar a sua própria continuação: “se fizer 100 por semana...”.

Souto (2007: 126, destaque do autor) ratifica tal aspecto e argumenta que em função dos ganhos insuficientes e pelo facto da xávega realizar-se durante cerca de 5 a 6 meses, “gira em torno desta arte uma *nebulosa* de reformados” a fim de adquirir um complemento à aposentadoria, o autor destaca ainda a presença daqueles que, por diversas razões, não conseguem “sair do pequeno horizonte da pesca na praia” e migrar para outras modalidades capazes de proporcionar maiores ganhos. Nesta perspectiva, convém citar o exemplo de Sr. Carlos¹³⁸, o qual chegou a trabalhar em pescas longínquas, porém em função de uma experiência

¹³³ In: Entrevista realizada em 1º/10/2009.

¹³⁴ In: Entrevista realizada em 12/05/2010.

¹³⁵ In: Entrevista realizada em 05/05/2010.

¹³⁶ In: Entrevista realizada em 10/05/2010.

¹³⁷ In: Entrevista realizada em 1º/05/2010.

¹³⁸ In: Entrevista realizada em 10/10/2009 e 12/05/2010.

vivenciada durante o naufrágio do barco, passou a se dedicar apenas à xávega e às actividades em terra, e já está prestes a se aposentar; assim o mesmo afirma que terá uma estabilidade económica maior, com salário certo todos os meses independente da quantidade de peixe capturado e dos preços alcançados na lota, mas garante que continuará a exercer suas funções na xávega, pois “ganha-se algum por fora e leva peixe pra casa”.

A disposição desses senhores é algo admirável, mesmo com uma idade já avançada realizam diversas tarefas com força, vigilância e dedicação, a disciplina diária com os trabalhos na pesca e, posteriormente na lavoura começa cedo, em torno das 4:00 tomam o pequeno-almoço e vão à pesca, entre 12:00 e 13:00 param para almoçar e cerca de 30 a 45 minutos depois já estão de volta para retomar às actividades com a xávega. Ao serem liberados da jornada nesta faina por volta das 16:00, vão cumprir suas obrigações com a terra e ajudar suas senhoras na lida com a lavoura e com a criação de animais. Dessa maneira percebe-se uma rotina intensa de trabalho árduo em busca da maximização dos recursos económicos. É interessante frisar a atenção constante dos pescadores para as questões relacionadas aos cuidados com a terra em paralelo às actividades marítimas, como evidencia-se, por exemplo, quando a rede chega vazia e traz somente moliço e pequenos caranguejos, estes são aproveitados como adubo nas lavouras; ou na ocorrência de fortes chuvas, clamam ao vento para levá-las até suas plantações para molhar as batatas, de maneira a manifestarem uma preocupação permanente com suas fontes de rendimentos.

A pobreza que marcou a vida pretérita dessa população impulsionou-os na busca por melhores rendimentos e alternativas que permitissem a maximização dos recursos económicos, desse modo as actividades estratégicas desenvolvidas apresentam percurso semelhante, para não dizer idêntico, visto que estes pescadores, em sua maioria, iniciaram-se na arte xávega quando crianças com o intuito de colaborar na renda familiar. Contudo, quando a crise social e económica aumentou, tiveram a necessidade de ir à procura de maiores ganhos, fosse através das migrações para o estrangeiro ou nos deslocamentos internos, fosse na pesca do bacalhau, arrasto ou traineiras. Neste sentido, essas artes trouxeram oportunidade de emprego e maiores rendimentos, por outro lado, a vida nestes barcos era muito difícil e arriscada, principalmente nos bacalhoeiros, onde morreu muita gente nos naufrágios deixando fortes traumas nos sobreviventes, os quais evitam ir ao mar, só vão quando é extremamente necessário, tamanho é o respeito pelas adversidades marítimas. E presentemente, após entrarem para a reforma, continuam a exercer actividade na xávega a fim de obter um suplemento em suas subsistências,

Sr. Carlos¹³⁹ ao se referir a esta arte afirma: “isso é uma maravilha”, em comparação às modalidades de pesca mais perigosas. Neste ínterim, convém ressaltar a participação fundamental das mulheres, *a priori* na prestação de serviços e auxílio na faina com a xávega e na constante dedicação com a agricultura. Dessarte, as famílias dos pescadores da Praia de Mira conseguiram atingir “uma boa vida”, nas palavras de Sr. Carlos¹⁴⁰, mas sempre se lembram dos momentos difíceis de pobreza extrema pela qual passaram e apontam as estratégias utilizadas para garantir uma melhoria na qualidade de vida e assegurar sua reprodução socioeconómica.

3.1 O papel das mulheres

“Nos longos invernos, quando o mar, raivoso, não consente que se pesque e, em casa, se acaba a última migalha de broa, são elas, quase sempre, quem procura, desesperadamente, obter o sustento da família, não olhando sacrifícios” (Lamas, 2002: 329).

Dentro da perspectiva das estratégias de maximização dos recursos, a mulher desempenha uma participação fundamental. Nos contextos piscatórios, geralmente voltam-se ao cultivo da terra, criação de animais ou à colecta de bivalves e algas como forma de complementar a renda e a alimentação da família. Diversos estudos abordam a relação estabelecida entre as funções desempenhadas pelas mulheres em complementaridade às executadas pelos maridos pescadores, tidas como principais fontes de subsistência, e assim, manifestam a divisão sexual do trabalho, como pode-se comprovar em Moreira (1987: 271), Cole (1994: 84), Escallier (1999: 293-307), Maneschy (2000: 85-90), Marques (2001: 57), Amorin (2004: 660), Torres (2004: 33-34), Nunes (2005: 189-209).

Segundo Nunes (2005: 189-190), a desigualdade entre os sexos permeia o século XX em Portugal e é ressaltada até mesmo nas imposições jurídicas sobre o direito das mulheres de maneira a reforçar a “ideologia da superioridade masculina”, surgindo, então, a necessidade de enfatizar a importância do papel feminino na economia piscatória. Neste sentido, a divisão sexual do trabalho manifesta uma “assimetria entre o desempenho de homens e mulheres: à especialização ocupacional masculina corresponde a diversificação do trabalho feminino, de acordo com as oportunidades económicas proporcionadas pelo meio físico e social imediato” (idem: 198). Dessa forma, verifica-se que a multiplicidade de funções atribuídas às mulheres

¹³⁹ In: Entrevista realizada em 12/05/2010.

¹⁴⁰ In: Entrevista realizada em 12/05/2010.

garantiram, e ainda hoje garantem, a subsistência da família nos momentos de crise e a geração de um suplemento capaz de promover melhorias na qualidade de vida.

Maneschy (2000: 85) comprova tal aspecto em comunidades piscatórias brasileiras, ao desempenharem funções relacionadas aos cuidados dos filhos e da casa, à produção de remédios caseiros, ao cultivo de hortas, à colecta de bivalves e à pesca nos rios e na beira-mar voltadas ao consumo da família, bem como actuam na manutenção das redes, no beneficiamento do pescado para fabricação da farinha e na comercialização do peixe; “são elas que, mais que os homens, enfrentam cotidianamente as dificuldades da vida em terra” a fim de buscarem estratégias para transpor os baixos e instáveis rendimentos dos maridos pescadores. Conforme Marques (2001: 190) em Marituba, Estado de Alagoas/Brasil, assim como em demais localidades, “o pescar é masculinamente reconhecido como atividade varonil”, às mulheres compete a confecção de artesanato e à colecta de espécies marítimas para enriquecer a alimentação e garantir um complemento na renda familiar.

No entanto, há casos de actuação feminina em mar e de homens que, de “forma velada” elaboram o artesanato; de modo a evidenciar uma diversidade de tarefas que ora apresentam um carácter excludente ora complementar ou são realizadas em conjunto (idem: 191). No que tange à realização de actividades conjuntas, Simonian (2006: 41) manifesta a pesca do camarão na ilha de Trambioca, Município de Barcarena, Estado do Pará/Brasil, praticada por mulheres em parceria com homens, jovens de ambos os sexos e crianças, os quais auxiliam a amarrar os matapis¹⁴¹ nas proximidades das casas, a retirar o camarão capturado, a elaborar as iscas e a vender o produto. Confirma-se ainda, a participação feminina na pesca à linha com a finalidade de atender à alimentação da família (idem: 45).

De acordo com Torres (2004: 33) “no interior das modificações que ocorreram na pesca surge cada vez com mais destaque, o papel da mulher nas sociedades pesqueiras”, cuja participação é fundamental para complementar a alimentação e a renda familiar. Em seu estudo realizado em Abade, Estado do Pará/Brasil, a autora confirma a divisão sexual do trabalho, pela qual os homens dedicam-se à pesca e as mulheres, além dos cuidados da casa e dos filhos, mantêm o cultivo de hortas e auxiliam o marido na salga e comercialização de peixe (idem: 167). Embora não sejam reconhecidas como pescadoras, conhecem as técnicas de pesca, consertam as

¹⁴¹ Espécie de armadilha cilíndrica trançada com talas de palmeiras utilizada para capturar camarão na região Amazônica, são amarradas às estacas fincadas nas margens dos rios e igarapés quando a maré está baixa. Geralmente são confeccionadas pelos homens, entretanto há mulheres com esta habilidade. O camarão é atraído por uma isca depositada no interior do matapí, denominada “puqueca”, elaborada à base de mandioca.

redes, colectam caranguejos, mexilhão e ostra e participam da depesca¹⁴² do curral para a incrementar a alimentação e prover os recursos económicos enquanto o marido está ausente nas pescas longínquas (idem: 167-168). Todavia, acentua-se o abandono de tais práticas, principalmente pelas mais jovens, em troca de serviços relacionados à esfera pública ou para trabalhar na casa de terceiros como empregadas domésticas, de maneira a alterar os papéis sociais femininos (idem: 227).

Em Portugal, Cole (1994: 83) disserta sobre as mulheres de Vila Chã, as quais “trabalhavam com os homens em todas as áreas, quer em terra, quer em mar”, de modo a contestar esta “dicotomia na divisão do trabalho entre os sexos, que o trabalho dos homens era no mar, enquanto o das mulheres era em terra”. Contudo, pelo facto da actividade piscatória depender das intempéries, condições do mar e dos valores adquiridos na comercialização do pescado, a autora argumenta que para se manter um “equilíbrio entre a exploração da terra e dos recursos marinhos, a economia marítima gerou uma divisão flexível do trabalho”, a qual se evidencia numa diversidade de funções atribuídas às mulheres em terra (idem: 84). Woortmann (1991: 83-84) argumenta que, embora “o mar (seja) percebido como domínio do homem, em oposição à terra, domínio da mulher”, há uma “relação de complementaridade onde a ajuda de um viabilizava o trabalho do outro”; porém essa disponibilidade é determinada pelo ritmo da pesca, como percebe-se no dizer de Sr. João Manuel¹⁴³ após a faina “ainda vou semear o milho... a mulher tá sozinha”. Cole (1994: 84) assegura que os homens também ajudam suas esposas nos afazeres domésticos, como comprova-se nas palavras de Sr. Manuel Maltês¹⁴⁴ “vou pra casa fazer o comê... tem que ajudar a mulher”. Segundo a mesma, apesar da actividade piscatória ser predominantemente masculina, há exemplos na Bretanha, Galiza, Sardenha, Irlanda e Suécia, “onde as mulheres vão, regularmente, à pesca com os homens” (Cole, 1994: 84). Sr. João Manuel¹⁴⁵ ratifica a presença feminina em navios de bacalhau no Canadá a cozinhar, tratar os peixes e fazer farinha, “aproveitam os restos de tudo”, mas assevera: “a vida na pesca é muito dura” para as mulheres.

Cole (1994: 84) apresenta exemplos de mulheres em Vila Chã que se dedicavam à pesca, inclusive possuíam licença e integravam a tripulação, mas devido aos enjoos da gravidez e aos cuidados com os filhos, algumas passaram a auxiliar em terra, não lhes restando tempo para

¹⁴² Após o aprisionamento das espécies em armadilha denominada “curral”, é necessário tirar o peixe da água com o uso de redes, em geral, para realização dessa tarefa reúne-se a ajuda de familiares (Torres, 2004: 154).

¹⁴³ In: Entrevista realizada em 05/05/2010.

¹⁴⁴ In: Entrevista realizada em 05/05/2010.

¹⁴⁵ In: Entrevista realizada em 06/05/2010.

ir à pesca¹⁴⁶. Assim, destinam-se à manutenção das redes, ao descarregamento dos barcos, à selecção e venda do pescado, à apanha e comercialização das algas, ao cultivo da horta, às tarefas domésticas e à administração e equilíbrio dos lucros e despesas. Todavia, surgem mudanças significativas no trabalho desempenhado pelas mesmas partir da década de 1960 com a inserção destas nas fábricas de confecções, de conservas de peixe e de transformação de alimentos (idem: 151). Acrescentam-se ainda, os recursos gerados no aluguer de casas aos veraneantes; em contrapartida “o aumento das fontes de rendimentos incentivam o aumento no consumo familiar de bens manufacturados e de novos alimentos; e o aumento do consumo familiar aumenta a dependência em relação aos salários” (idem: 164).

Escallier (1999: 298) ressalta que, nos tempos difíceis, as mulheres dos pescadores da Nazaré para conseguir maiores rendimentos, além de percorrerem a pé cerca de 25 quilómetros em busca de compradores para o peixe, vendiam também parte da caldeirada¹⁴⁷; e para compensar os prejuízos do Inverno, dedicam-se à pesca do meixão¹⁴⁸ realizada na foz do estuário do rio Alcoa, a qual consiste numa “prática social, familiar, que envolve homens, mulheres e crianças”, pescadores reformados e idosos a fim de obter algum rendimento com a venda do produto em circunstâncias económicas desfavoráveis, entretanto tal actividade é proibida (idem: 300). Destaca-se ainda o aluguer de casas ou quartos a turistas durante o Verão, garantindo, num curto período, ganhos altos e mais regulares do que os recursos fornecidos pelo mar, de maneira a permitir uma melhoria na posição social e um aumento na aquisição de bens de consumo (idem: 301). Escallier (1999: 304) conclui: “é sobre elas que repousa o equilíbrio da economia familiar, principalmente durante os meses de Inverno, quando os pescadores permanecem em terra”. Assim, adquirem rendimentos mais elevados por meio de um acúmulo de actividades, como por exemplo, na comercialização de peixes, na confecção e conserto de redes, no aluguer de casas e quartos, na venda de frutas secas e bonecas em trajes típicos, de maneira a travarem uma luta constante “para que a sua família não conheça mais a fome” (idem: 307).

No que se refere à arte xávega, Nunes (2005: 199) acentua a mulher enquanto o “agente financeiro da família”, até as décadas de 60 e 70, quando o homem entregava-lhe os ganhos obtidos no mar para que a mesma comprasse o peixe a fim de revendê-lo a preços mais altos de forma a adquirir maiores rendimentos. Na actualidade, a inserção feminina nas indústrias

¹⁴⁶ Cole (1994: 87) argumenta que ir mar junto com os maridos representava um acto insensato, pois, os filhos poderiam ficar órfãos no caso de acontecer algum acidente.

¹⁴⁷ Caldeirada equivale a parte do pescado capturado destinado aos pescadores ao final de cada jornada para a alimentação de suas famílias. Ressalta-se que esta venda é proibida, mas realizada clandestinamente pelas mulheres em função da necessidade, e também já fora utilizada como moeda de troca durante as duas guerras mundiais.

¹⁴⁸ Enguia em fase de larva.

e na prestação de serviços possibilitou ganhos mais estáveis e elevados do que os conquistados no mar (idem, ibidem). O autor complementa que, as estratégias desempenhadas para obter uma maximização nos recursos económicos variam conforme a localidade; na Praia de Vieira de Leiria as mulheres actuam como intermediárias, apesar de não trabalharem para as companhias são privilegiadas na compra do peixe, adquirido para revender, por serem “mulheres ou familiares dos camaradas”, assim, cria-se “uma mais-valia sobre o pescado” que garante rendimentos mais seguros (idem: 200).

Sobre a participação feminina na pesca com a xávega, Nunes (2005: 152) atesta que em Espinho representam um número reduzido a trabalhar nas companhias e estão ligadas por laços de parentesco ao proprietário e ao arrais. Contudo, as mulheres da localidade que não pertencem as companhias são fundamentais no “escoamento do pescado” ao comprarem o peixe na praia para revender nas ruas ou aos restaurantes (idem: 156). No Furadouro, há elevado número de mulheres a trabalhar nas empresas, sobretudo “em substituição e/ou complemento do trabalho dos maridos, filhos ou irmãos”, já em Esmoriz “trabalham de pleno direito nas companhias, em tempo integral e desempenhando todos os serviços de terra” (idem: 201). Todavia, em nenhuma dessas companhias as mulheres vão ao mar, e nas praias localizadas a sul do Mondego já não há presença feminina nesta arte (idem: 152).

Quanto a arte xávega praticada na Praia de Mira, no passado as mulheres auxiliavam na execução de determinadas tarefas, como por exemplo, na arrumação das cordas e redes, no fornecimento de águas nas bilhas aos pescadores, na separação das espécies de peixe, no transporte do pescado nos cabazes que levavam sobre suas cabeças até os compradores na lota. Brito (1960: 60) confirma a presença feminina em tais actividades, e, baseada em relatos da população local, aponta um período, compreendido entre 1912 e 1920, em que houve a necessidade destas irem ao mar para ajudar os homens a remar e a puxar a rede em função da pesca apresentar-se farta e a população escassa, mas ressalta “ao mar vão apenas os homens”. Nunes (2005: 191) argumenta que esta actuação feminina em mar pode estar relacionada às dificuldades vivenciadas no momento, marcadas pelas migrações internas “devido à crise precipitada pela especulação capitalista no mundo da pesca e às condições miseráveis, com a fome, as sucessivas epidemias e as elevadas taxas de mortalidade infantil, o desemprego...”. No entanto, hoje nota-se uma diminuição considerável na presença feminina no exercício praticante

desta arte, poderia dizer até mesmo quase inexistente se não fossem três¹⁴⁹ exemplos significativos.

Apesar do número ínfimo de mulheres, atesta-se que exercem a mesma função dos auxiliares de terra não havendo distinção, pois recolhem e enrolam a corda, limpam as mangas da rede durante a alagem, separam o peixe e para tal utilizam um luva de borracha, carregam as caixas de pescado para empilhar umas sobre as outras, só não realizam o conserto das redes. Por vezes, algumas companhas efectuam a venda na praia durante o verão e são elas que negociam o valor do peixe com os compradores enquanto os camaradas terminam de separá-lo para ser encaminhado à lota; após a venda em lota, encarregam-se ainda de transferir as caixas de pescado com cerca de 15 a 18 quilos da carroça da companha para a carrinha dos compradores, quando os lanços são fracos o trabalho é menos árduo, porém quando são bons o número de caixas multiplica-se tornando a tarefa mais desgastante para uma única pessoa realizar. Assim, suas actuações limitam-se ao areal e dificilmente vão ao mar. Todavia, D. Fernanda¹⁵⁰ relata que já fora “montes de vezes ao mar” e é o que mais gosta de fazer na pesca, todavia Sr. Nelson só permite quando as condições marítimas estão muito calmas. Neste íterim, convém ressaltar que durante a observação participante não avistou-se a presença de nenhuma das mulheres das companhas nos barcos para realização do lanço.

No que se refere à diminuição da presença e participação feminina na arte xávega, de acordo com Sr. João¹⁵¹, devido à insuficiência económica atribuída à actividade piscatória, as mulheres passaram a trabalhar na lavoura enquanto a pesca reserva-se aos homens. Por outro lado, D. Fernanda¹⁵² assegura: “os homens (maridos) não querem... não gostam” por ser um meio predominantemente masculino, e confessa que só está hoje na pesca por causa do Sr. Nelson¹⁵³. A mesma relata que quando era criança, por volta dos 6 anos de idade, ajudava sua mãe na faina com a xávega, buscava água no mar e carregava nos cântaros sobre a cabeça para lavar o peixe dos compradores; depois desempenhou função em outras actividades, chegou a trabalhar em empresas de pesca em Aveiro e antes de entrar para a companha Sr. dos Aflitos actuava na junta de freguesia. D. Fernanda¹⁵⁴ revela: “não queria essa vida na pesca, é uma vida muito dura”, mas Sr. Nelson insistiu para que fosse trabalhar junto a ele, ela assevera ainda, que

¹⁴⁹ Ao iniciar a pesquisa de terreno havia 4 mulheres nas companhas de arte xávega na Praia de Mira, contudo ao iniciar a nova safra em 2010, uma delas, por questões relacionadas à saúde, deixou de trabalhar nesta pesca e não voltou mais, ficando assim apenas 3 representantes do sexo feminino a actuar no areal desta localidade.

¹⁵⁰ In: Entrevista realizada em 11/05/2010. No caso específico de D. Fernanda, também se dedica aos cuidados com a decoração do barco ao trocar os ramalhetes todos os anos.

¹⁵¹ In: Entrevista realizada em 18/10/2010.

¹⁵² In: Entrevista realizada em 11/05/2010.

¹⁵³ D. Fernanda e Sr. Nelson mantêm relações afectivas estáveis e consolidadas, mas não são casados.

¹⁵⁴ In: Entrevista realizada em 11/05/2010.

no começo foi muito difícil se acostumar com o jeito dos homens, pois nunca tinha trabalhado só com homens, e “eles falavam aqueles palavrões e eu chorava...”, mas findou por se acostumar.

Muitos pescadores ao justificarem a reduzida participação feminina na xávega argumentam: “isso aqui é muito chato”, em função de ocuparem o dia inteiro nesta faina com actividades monótonas e de baixos rendimentos, mas é assim que garantem um suplemento à reforma e com os subsídios gerados na agricultura cultivada pelas mulheres, conseguem obter maiores ganhos. Segundo Sr. Manuel Maltês¹⁵⁵ na época de sua mãe, a qual também exerceu actividade na xávega, havia muitas mulheres a trabalhar nas companhas, mas hoje são poucas, e argumenta que para estas “têm mais complicação (...) o homem é mais virado”. Conforme Dias (1961: 112), pelo facto da mulher ser “potencialmente mãe, é obrigada a orientar a sua vida dentro da sociedade de acordo com as necessidades resultantes da maternidade”. Além das questões biológicas inerentes à natureza feminina, enquanto mães precisam se dedicar aos cuidados com a alimentação, saúde e protecção dos filhos, sobretudo nos primeiros anos de vida, bem como têm “a missão de ser a primeira transmissora da herança social do grupo a que pertence” (idem, ibidem). Assim, a ocupação em actividades que permitam a conciliação dos meios de subsistência com os demais compromissos domésticos são mais convenientes.

Dessa maneira, voltam-se aos cuidados da casa, à educação e saúde dos filhos, e para ajudar a complementar a renda familiar dedicam-se essencialmente à agricultura e à criação de animais, mas podem prestar serviços nas indústrias de conserva de alimentos existentes na localidade ou na junta de freguesia. Os homens, por sua vez, passam a maior parte do tempo na pesca, todavia quando se encontram disponíveis, ajudam suas senhoras na lida com o campo, onde cultivam feijão, couve, cenoura, batata, cebola, milho, árvores frutíferas e desenvolvem a criação de galinhas, pássaros, coelhos e porcos para assegurar a alimentação da família, no entanto, como já foi referenciado anteriormente, pode ocorrer a venda do excedente produzido. Ressalta-se ainda, o aluguer de casas aos turistas durante o Verão que proporciona elevados rendimentos e lhes garante um complemento sazonal, esta tarefa também é de responsabilidade das mulheres, elas decidem a quem alugar a casa, por quanto tempo e qual o valor a ser cobrado. Logo, verifica-se que os rendimentos principais para a subsistência familiar são providos pelos homens através da pesca, às mulheres compete às actividades alternativas capazes de complementar a renda e garantir melhoria na qualidade de vida. Neste contexto, Costa (2007: 124) enfatiza “a importância da pluriactividade e da complementaridade das actividades económicas desenvolvidas na família para sobrevivência desta unidade social”.

¹⁵⁵ In: Entrevista realizada em 05/05/2010.

Portanto, percebe-se que o papel das mulheres nos contextos piscatórios, normalmente, está relacionado às oportunidades que lhes possibilitem obter a maximização dos recursos económicos; assim, podem ser apontadas como “elemento central e essencial nas estratégias de sobrevivências e reprodução social das famílias” (Costa, 2007: 133). Nas palavras de Lamas (2002: 330-331) “trabalha e luta pelo pão, conforme o momento e a necessidade (...) para elas não há limites de trabalho nem escolha de tarefas”. Desse modo, estão sempre envolvidas em actividades diversas a fim de obter algum rendimento para complementar os ganhos dos maridos pescadores, não por uma questão de vaidade ou ambição, mas em memória dos tempos difíceis vivenciados num passado não muito distante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Já viu a vida do pescadore?” (Sr. Armino¹⁵⁶).

Diante das discussões abordadas, percebeu-se que a arte xávega, na actualidade, é exercida sobretudo, por pescadores reformados de modo a representar um suplemento para os rendimentos gerados pela aposentadoria, e que os jovens, salvo raras excepções, já não manifestam interesse por esta faina. E ainda, admite-se que as transformações e adaptações presentes nesta prática foram necessárias para sua continuidade nas actuais conjunturas, e permitiram a interacção entre os aspectos e símbolos de tradição e as inovações tecnológicas modernas evidenciados tanto no exercício da actividade piscatória quanto no modo de vida dos pescadores. Nesta perspectiva, ao longo do presente trabalho foram utilizados diversos exemplos, evidentes tanto no litoral português quanto em contextos internacionais, a fim de constatar certa tendência predominante nas distintas comunidades piscatórias apresentadas. Assim, atestou-se que as mudanças sociais e técnicas manifestadas na pesca com a xávega praticada na Praia de Mira não consistem num caso isolado, pois fazem parte de um processo mais abrangente inerente à modernidade.

Verificou-se, ainda, que tais mudanças não alteraram em profundidade as estruturas básicas e a organização social próprias da arte xávega, bem como permitiram a superação das dificuldades evidenciadas no desenvolvimento da mesma de modo a possibilitar a sua continuidade enquanto actividade económica fundamental para a reprodução social dos pescadores. No entanto, o desinteresse das novas gerações pela pesca com a xávega em função dos baixos rendimentos atribuídos à mesma, impulsiona-os a buscar actividades mais rentáveis economicamente, capazes de proporcionar melhores condições de vida de maneira a representar uma ruptura no processo de reprodução social que ameaça a continuidade desta prática piscatória em projeções futuras, como foi afirmado por diversos pescadores que apontaram mais 5 ou 6 anos para encerrarem as actividades relacionadas a esta faina, havendo a possibilidade de se manterem apenas algumas companhas mais capacitadas.

Então surgiu o seguinte questionamento: se os rendimentos gerados pela pesca com a xávega são escassos e as insatisfações constantes, a que se deve a continuação dos pescadores reformados? Num primeiro momento, em função de alguns pescadores argumentarem não

¹⁵⁶ Pescador reformado da Praia de Mira, compõe a tripulação do barco Sr. dos Aflitos. Pronunciou tais palavras ao finalizar uma jornada de trabalho, a primeira acompanhada nos pormenores de todas as distintas etapas durante a pesquisa de campo. In: Entrevista realizada em 29/09/2009.

necessitar dos rendimentos oriundos desta faina, cogitou-se a possibilidade de sua continuidade estar relacionada à uma forma de ocupação, necessidade de socialização ou espécie de “vício do mar”, pelo facto de estarem acostumados a um ritmo de vida intensa e activa, determinado pelas condições marítimas não conseguem parar com a actividade piscatória mesmo após a reforma. Esta abordagem sustenta-se na importância da reprodução social viabilizada pela interacção entre os senhores aposentados e os jovens de modo a transmitir os conhecimentos e práticas tradicionais sob o argumento da reafirmação dos valores colectivos e da manutenção dos papéis sociais.

Tal hipótese pode ter fundamento e consistir numa das justificativas, mas não representa o principal motivo que os mantêm na pesca depois da reforma, e ainda configura-se numa conclusão precipitada e ingénua que só foi descartada no retorno ao campo em Maio de 2010 quando a análise se aprofundou após certo distanciamento, permitindo uma reflexão mais racional. Assim, continuou o questionamento se estes pescadores se submeteriam a uma vida dura, com poucos rendimentos e uma jornada de trabalho intensa e extremamente desgastante, com aproximadamente 12 horas de labuta sob o sol ardente do Verão, as chuvas e vendavais do Outono e Primavera e até mesmo no princípio do Inverno, doentes ou sãos; não enfrentariam todas essas intempéries apenas por uma questão de “socializar” e manter seus papéis sociais, ainda mais no final da safra quando os resultados da pesca são escassos e as discussões intensas. Foi possível averiguar que continuam, não por necessidade básica, mas pela complementação da renda familiar adquirida através de múltiplas fontes de rendimentos, como foi afirmado por vários pescadores ao relatarem sobre o significado desta arte pra eles, respondiam “é onde ganho algum e ainda levo peixe pra casa”, e conforme acrescentou Sr. Basílio, anteriormente, os camaradas que atingiram cargos elevados nos barcos de pesca em alto mar não se submetem a esta vida, pois recebem uma generosa aposentadoria.

Assim, conclui-se que o aspecto primordial que mantém os pescadores reformados na pesca com a xávega é o mesmo que afastou as mulheres do contexto piscatório na Praia de Mira: a dedicação às estratégias de maximização dos recursos económicos. Verificou-se que, num passado recente, as mulheres desempenhavam diversas funções nas actividades relacionadas à pesca; no entanto destinaram-se aos cuidados da lavoura com a finalidade de obter rendimentos mais seguros do que os adquiridos no mar de modo a complementar os ganhos dos maridos provenientes da pesca. Dessa forma, atesta-se que as estratégias de maximização dos recursos económicos sempre fizeram parte da vida dessa população, caracterizando uma busca constante desde os tempos antigos, marcados por períodos de pobreza extrema, a qual foi superada por

meio de um acúmulo de alternativas estratégicas e muito trabalho, como foi evidenciado ao longo deste trabalho, mais especificamente no capítulo 3.

Se antes as mulheres se sujeitavam à faina na pesca, era porque a necessidade à época era maior; no entanto, hoje possuem outras fontes que possibilitam maiores rendimentos; os maridos pescadores, por sua vez, garantem a subsistência da família com a renda da aposentadoria complementada pelos recursos adquiridos no mar através da pesca com a xávega, bem como ajudam suas senhoras na lavoura quando terminam as actividades piscatórias diárias. Assim, atesta-se, com base nos relatos dos pescadores, que os ganhos provindos da reforma são baixos, por isso buscam os suplementos gerados pela arte xávega para garantir maior segurança nos rendimentos e uma qualidade de vida mais elevada. Dessarte, pode-se concluir que a continuidade da prática da arte xávega na Praia de Mira está directamente relacionada a busca pela estratégia de maximização dos recursos económicos. Nesta perspectiva, enfatiza-se a importância desta enquanto factor de reprodução social dos pescadores que ainda necessitam da faina com a xávega para complementar os rendimentos adquiridos com a reforma e com demais fontes de subsistência.

Então, surgem outros questionamentos: em função da geração actual não se interessar pela prática da arte xávega, quando os pescadores aposentados não estiverem mais em condições físicas de continuar com esta actividade, será o fim desta faina? Ou surgirão novas adaptações de acordo com os contextos subsequentes? E finalmente, quais serão as estratégias de maximização adoptadas pelas futuras gerações de pescadores quando estes entrarem para a reforma? Enquanto não se têm as respostas para tais indagações, os pescadores, reformados ou não, continuam a lançar suas xávegas nos areais da Praia de Mira de modo a manifestar sua prática sociocultural e económica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHESON, James M., 1981, *Anthropology of fishing*, Anual Review of Anthropology, vol. 10, pp. 275-316.

ALVES, Manuel, 1990. *Subsídios para a história de Mira: ensaio*. Mira: Paróquia, p.88.

AMORIM, Inês, 2006, *Mulheres no sector das pescas na viragem do século XIX: formas de participação na organização do trabalho*. Arquipélago, Vol.9, pp.661-683.

_____, 2003, *Técnicas de pesca na costa portuguesa: melhorar ou inventar? Um percurso de investigação*, Cuadernos de Antropologia-Etnografia, 25, 1-534. pp. 349-368.

_____, 1998, *Da pesca à salga da sardinha: recursos, tecnologia da pesca e tecnologia de conservação, na Costa de Aveiro (2ª metade do séc. XVIII a inícios de XIX)*. In: A indústria portuense em perspectiva histórica, Actas do Colóquio, Porto, 4 a 5 Dezembro 1997. Porto: CLC/FLUC. pp. 25-43.

_____, s/d, *A organização do trabalho na pesca, em finais do séc. XIX, na Póvoa de Varzim*. Comunicação no âmbito do Projecto Paço Praxis XXI-PCSH/175/96. pp. 115-133.

BOURDIEU, Pierre, 2009 [1974], *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva. 361 p.

_____, 2002 [1972], *Esboço de uma teoria da prática. Precedido de três estudos de etnologia Kabila*. Oeiras: Celta.

BRANDÃO, Raul, 1988 [1923], *Os pescadores*. Lisboa: Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses. 180 p.

BRITO, Raquel Soeiro, 1960, *Palheiros de Mira: formação e declínio de um aglomerado de pescadores*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura do Centro de Estudos Geográficos da Universidade Lisboa. 109 p.

BROGGER, Jan, 1992, *Pescadores e pés-calçados*. Livraria Susy: Nazaré. 235p.

BURGESS, Robert G., 1987, *A pesquisa de terreno: uma introdução*. Oeiras: Celta. 262 p.

CANO, Maria da Conceição Salazar, 2010, *Pescadores da Praia de Mira: um estudo de caso sobre a arte xávega*. In: Comunicação apresentada no XVIº Congresso Internacional de Antropología Iberoamericana: Culturas ibéricas y mestizaje en América, África y Oriente, Salamanca: Universidad de Salamanca, 20 a 22 Abril 2010.

COLE, Sally, 1994, *Mulheres da praia: o trabalho e a vida numa comunidade costeira portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

CORTESÃO, Jaime, 2009, *Mira: a batalha das dunas – (capítulo de “Portugal, a terra e o homem” [1959-1960])*. Praia de Mira: Centro de Estudos do Mar – CEMAR. 37 p.

COSTA, Ana Bénard da, 2007, *O preço da sombra: sobrevivência e reprodução social entre famílias de Maputo*. Lisboa: Livros Horizonte. 183 p.

COSTA, Ana Bénard da; RODRIGUES, Cristina, 2000, *Estratégias de sobrevivência de famílias em Luanda e Maputo*. Actas do VI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Porto, 5 a 9 de Setembro 2000. pp. 113-122.

CUCHE, Denys, 1999, *A noção de cultura nas ciências sociais*. Lisboa: Fim de Século. 172 p.

DIAS, Jorge, 1995, Os elementos fundamentais da cultura portuguesa. Coleção Essencial. Imprensa Nacional / Casa da Moeda: 59 p.

DIAS, Jorge, 1984, *Antropologia cultural*. In: Separata de “Estudos Políticos e Sociais”-Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Vol. XII, nº. 3-4. Universidade Técnica de Lisboa: Lisboa. 218 p.

_____, 1961, *Conflitos de cultura*. In: Separata de “Estudos de Ciências Políticas e Sociais”, nº 51. Lisboa: Maranus. pp. 109-125. (Colóquio sobre problemas humanos e nas regiões tropicais).

DIEGUES, Antonio Carlos, 2004a, *Comunidades litorâneas e unidades de proteção ambiental: convivência e conflitos – o caso de Guaraqueçaba, Paraná*. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – NUPAUB / USP. 55 p. (Série Documentos e Relatórios de Pesquisa n.º3).

_____, 2004b, *A pesca construindo sociedades*. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – NUPAUB / USP. 315 p.

EISENSTADT, S.N, 1991, *A dinâmica das civilizações*. Lisboa: Cosmos. 403 p.

ESCALLIER, Christine, 1999, *O papel das mulheres da Nazaré na economia haliêutica*. Etnográfica, Vol. III (2), pp. 293-308.

EVANS-PRITCHARD, E. E., 1999 [1972], *Antropologia social*. Lisboa: Edições 70. 129 p.

FRANCA, Maria de Lurdes Paes da; MARTINS, Rogélia; CARNEIRO, Miguel, 1998, *A pesca artesanal local na costa continental portuguesa*. Lisboa: Instituto de Investigação das Pescas e do Mar (IPIMAR). 236 p.

FURTADO, Lourdes Gonçalves; NASCIMENTO, Ivete Herculano, 2002, *Traços de uma comunidade pesqueira do litoral amazônico: relato sobre organização em comunidade haliêutica*. In: FURTADO, Lourdes Gonçalves; QUARESMA, Helena Doris A. Barbosa (org.). *Gente e ambiente: no mundo da pesca artesanal*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. pp. 23-56.

GALHANO, Fernando, 2005, *Páginas de cultura e arte*. Porto: Caixotim. 122 p.

_____, 1965, *Notas sobre a pesca da xávega em Mira*. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar. 7p.

GARCIA CANCLINI, Néstor, 1998, *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP. 385 p.

GIDDENS, Anthony, 2004, *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 725 p.

_____, 1995, *As consequências da modernidade*. Oeiras: Celta. 148 p.

_____, 1994, *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras: Celta. 209 p.

GRAÇA, António Santos, 1992 [1932], *O poveiro*. Lisboa: Dom Quixote. 210 p.

ITURRA, Raul, 1991, *A religião como teoria da reprodução social*. Lisboa: Escher. 199 p.

_____, 1990, *Fugirás à escola para trabalhar a terra: ensaios de antropologia social sobre o insucesso escolar*. Lisboa: Escher. 142 p.

LAMAS, Maria, 1950/2002, *As mulheres do meu país*. Caminho: Lisboa. 471 p.

LOPES, Paulo Nuno; LOPES, Helena, 1998, *A companha do João da Murtosa*. Lisboa: Azul SPI. (vídeo).

MANESCHY, Maria Cristina, 2000, *Da casa ao mar: papéis das mulheres na construção da pesca responsável*. Proposta, n.º. 84/85 Março/Agosto, Rio de Janeiro, pp. 82-91.

MARQUES, José Geraldo, 2001, *Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica*. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – NUPAUB / USP. 258 p.

MARQUES, Maria Alegria Fernandes, 1993, *As terras de Mira: perspectiva histórica*. Mira: Câmara Municipal de Mira. 184 p.

MIRANDA, Manuel, 2005, *Mira no século XX*. Mira: Câmara Municipal de Mira. 317 p.

MELLO, Alex Fiuza de, 1994, Capitalismo, pesca e empobrecimento na Amazônia: a contraface da modernização. In: D'INCAO, Maria Angela; SILVEIRA, Isolda Maciel da (org.). *A Amazônia e a crise da modernização*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. pp. 473-489.

MOREIRA, Carlos Diogo, 1987. *Populações marítimas em Portugal*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. 558 p.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica, 1999, *Pesca de homem/peixe de mulher (?): repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras no Brasil*. Etnográfica, Vol. III (2), pp. 377-399.

NACIF, Adelaide Maria Pereira, 1994, *Pesca artesanal: aspectos ambientais, sócio-econômicos e culturais – o caso de Marudá*. Belém: Universidade Federal do Pará – UFPA / Núcleo de Meio Ambiente – NUMA. 42 p. (Estudos do NUMA, n.º 5).

NUNES, Francisco Oneto, 2005, *Hoje por mim, amanhã por ti: a arte xávega no litoral central português*. (Dissertação de Doutoramento em Antropologia na especialidade de Teoria e Método da Antropologia). Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – ISCTE. 329 p.

CANO, Maria da Conceição S., 2010. A dinâmica social dos pescadores da arte xávega na Praia de Mira.

_____, 2003, *O trabalho faz-se espectáculo: os banhos e as modalidades do olhar*. Etnográfica, Vol. VII (1), pp. 131-157.

_____, 1999, *O problema do aleatório: da coerção dos santos ao idioma da inveja*. Etnográfica, Vol. III (2), pp.271-291.

NUNES, Gustavo Alves, 1998, *Argonautas do mangue: uma etnografia visual dos caranguejeiros do município de Vitória – ES*. (Dissertação de Mestrado em Multimeios). Campinas: Universidade Estadual de Campinas/Instituto de Artes. 207 p.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando, 1964. *Palheiros do litoral central português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura/Centro de Estudos de Etnologia Peninsular. 134 p.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim, 1990, *Actividades Agro-Marítimas em Portugal*, Lisboa: Publicações Dom Quixote. 236 p.

_____, 1988, *Construções Primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 363 p.

PEREIRA, Miriam Halpern, 2002, *A politica portuguesa de emigração (1850-1930)*. Bauru: EDUSC; Portugal: Instituto Camões. 388 p.

RAMOS, Manuel João, 2009, *Memórias dos pescadores de Sesimbra: Santiago de Sesimbra no início dos anos oitenta do séc. XX*. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa. 98 p.

RIBEIRO, Orlando, 1960, Prefácio. In: BRITO, Raquel Soeiro, *Palheiros de Mira: formação e declínio de um aglomerado de pescadores*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura do Centro de Estudos Geográficos da Universidade Lisboa. pp. 9-17.

RODRIGUES, Carlos (texto); NAZARETH, Adriano (realizador), 1959, *Onde os bois lavram o mar*. Lisboa: Radiotelevisão Portuguesa – RTP S.P.T., S.A. (vídeo).

SALDANHA, Iaskara Regina Ribeiro, 2005, *Espaços, recursos e conhecimento tradicional dos pescadores de manjuba (*Anchoviella lepidentostole*) em Iguape/SP*. (Dissertação de Mestrado em Ciência Ambiental). São Paulo: Universidade de São Paulo – USP. 118 p.

SIMONIAN, Ligia Terezinha Lopes, 2006, *Pescadoras de camarão: gênero, mobilização e sustentabilidade na ilha Trambioca, Barcarena, Pará*. In: Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas. Vol. 1, nº. 2, Maio/Agosto. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG. pp. 35-52.

SOUTO, Henrique, 2007, *Comunidades de pesca artesanal na costa portuguesa na última década do século XX*. Lisboa: Academia de Marinha. 238 p.

TORRES, Vera Lucia Scaramuzzini, 2004, *Envelhecimento e pesca: redes sociais no estuário amazônico*. Belém: CEJUP. 238 p.

TURNER, Victor, 1972, *The forest of symbols: aspects of Ndembu ritual*. Ithaca/London: Cornell University press. 405 p.

CANO, Maria da Conceição S., 2010. A dinâmica social dos pescadores da arte xávega na Praia de Mira.

WACQUANT, Loic, 2004, *Esclarecer o habitus*. In: *Sociologia. Problemas e práticas (Lisboa)*, 14, Fall 2004, pp. 35-41.

WEBER, Max, 1964, *Economía y sociedad: esbozo de sociología comprensiva*. México: Fondo de Cultura Económica. Vol.1. 600 p.

WOORTMANN, Ellen F., 1991, *Da complementaridade à dependência: a mulher e o ambiente em comunidades "pesqueiras" do Nordeste*. Serie Antropologia, Brasília, Vol. 111, pp.81-115.